



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCO ROBSON ALVES DE OLIVEIRA

A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO ANARQUISTA
ENTRE BRASIL E PORTUGAL (1900 A 1930)

FORTALEZA

2019

FRANCISCO ROBSON ALVES DE OLIVEIRA

A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO ANARQUISTA
ENTRE BRASIL E PORTUGAL (1900 A 1930)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O47c Oliveira, Francisco Robson Alves de.
A Circulação do Conhecimento Pedagógico Anarquista entre Brasil e Portugal (1900 a 1930) / Francisco Robson Alves de Oliveira. – 2020.
154 f. : il.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2020. notícia
Orientação: Prof. Dr. Maria Juraci Maia Cavalcante.
1. Anarquismo. 2. Educação Libertária. 3. Pedagogia Libertária. 4. Escola Moderna. 5. Imprensa Libertária. I. Título.

CDD 370

FRANCISCO ROBSON ALVES DE OLIVEIRA

A CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO ANARQUISTA
ENTRE BRASIL E PORTUGAL (1900 A 1930)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 30/07/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá
Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof.^a Dra. Fátima Maria Leitão Araujo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Rogério Humberto Zeferino Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A todos os oprimidos, que tentam diariamente resistir, transformar-se e sonhar um mundo novo; mais livre, mais justo e mais solidário.

À Sandra Alves, que me ensinou e me ensina as melhores lições, e que me anima ser um Ser melhor em todos os instantes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Mainha, Sandra Alves. Fonte de tudo que crio e animo neste mundo, de natureza indecifrável. Por ter me ensinado os valores da solidariedade, dos sentimentos, da liberdade, da vida e do amor, enfim, da Anarquia – ainda que intuitivamente, sem grandes teorias, mas pelo exemplo diário.

À Alana Alencar, por compartilhar esses dezesseis anos de companheirismo, amor, paciência e liberdade. Por fazer dançar a vida! Sem ela, penso que pouco ou nada deste estudo teria se tornado realidade.

À Emanuely e Roberta Alves, minhas irmãs de sangue e de coração, em nome da Família Alves, por incentivarem e acreditarem nos meus projetos.

À Maria Juraci Maia Cavalcante, por ter acreditado desde o início em nosso projeto de pesquisa e por tê-lo orientado, com paciência e sabedoria e liberdade. Também pelo exemplo de sinceridade, de escuta e por todas as palavras, todos os conselhos sobre a arte da vida. Por fazer enxergar o prazer do conhecimento nas viagens e a beleza da conexão das culturas.

À Adelaide Gonçalves, por também ter contribuído de maneira singular na orientação e como examinadora desta pesquisa, por me escutar e por ser uma das referências de dedicação ao pensamento libertário nestas terras. Também a todos que fazem o Plebeu Gabinete de Leitura, pela dedicação para com o livro, o conhecimento e a propaganda libertária.

À Patrícia Holanda, por ter sido sempre amiga e exemplo de uma intelectual com afeto e de engajamento acadêmico. Gratidão pelos dias nas disciplinas de Estágio e, especialmente, pelo ombro e pela sua dedicação na reta final deste trabalho.

Aos examinadores externos, Professora Fátima Maria Leitão Araújo (UECE) e Professor Rogério Humberto Zeferino Nascimento (UFCG), pelas preciosas apreciações e sugestões dadas ao meu estudo, como integrantes da banca examinadora na defesa final. Ao Professor Gisafran Nazareno Jucá (UECE-UFC) também presente na banca final de defesa e sem dúvida uma das peças mais marcantes da minha formação em nível de doutorado, com aulas impecáveis e sempre com uma energia estimulante.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, pela possibilidade de realizar este projeto de pesquisa e pelos conhecimentos compartilhados, mas também por me possibilitar conhecer pessoas admiráveis na área da Educação. Um agradecimento especial ao Sérgio Ricardo

Magalhães Martins, em nome dos funcionários da nossa Secretaria da Pós, que me ajudaram prontamente em todos os momentos que precisei.

À Professora Lis de Maria, bem como aos colegas, Cícero Edinaldo, Ana Uchôa, Vanessa Pinto, Jarles Lopes e Roberto Dias, em nome de todos que compõem a Linha de História e Educação Comparada (LHEC-FACED), onde recebi acolhimento e incentivo constante para este estudo.

À Alexandrina Rabelo e Rita Teixeira, parceiras de passeios e viagens em Lisboa e arredores, por terem me apresentado as belezas da sua terra, pela ternura e pelo cuidado que dispensaram a mim, no período de pesquisa em Portugal.

Ao Alexandre Samis, meu irmão mais velho, pelas conversas de pesquisa sobre Anarquismo, pelo companheirismo nos mais variados projetos e pela firme convicção ideológica; por ser exemplo do homem de luta e de sentimento.

À Thalia Tavares, por existir. Pelo ouvido, por compartilhar a experiência, o ombro e o afeto nos momentos mais difíceis desse trabalho e da vida. Por escolher ser sensível neste mundo em decomposição.

Aos amigos, Dorenildo Matos, Sergiano Silva, Ribamar Jr., Evilásio Oliveira e Victor Pereira, por serem grandes irmãos. Por viverem a luta diária do magistério e por compartilhar sonhos e projetos há vários anos.

Aos amigos, Felipe Canuto, Kátia Adriano, Isadora Machado, Natalia Andrade, Camila Queiroz, André Ramos e Gerson Galo Ledezma Menezes, em nome de todos que compuseram e compõe o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a América Latina e Caribe (NEPALC), no ambiente universitário e nos brindes à Vida.

Aos estudantes da Escola de Ensino Fundamental e Médio Antonieta Siqueira, meus atuais companheiros de ensino e de aprendizado coletivo. Eles são, objetivamente, uma das maiores motivações da pesquisa que tenho realizado.

Ao Plínio Augusto Coelho, pelo imenso esforço na publicação de centenas de edições anarquistas neste país. Sem dúvida nenhuma, a formação política anarquista é tributária do seu empenho nas últimas quatro décadas. Meu agradecimento pelas edições, e também pelas inúmeras conversas que travamos durante esta pesquisa.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca do ISCTE-UL e Biblioteca Municipal do Porto, por terem sido atenciosos e prestativos no atendimento às minhas demandas como pesquisador estrangeiro.

Por fim, agradeço, especialmente, às agências de fomento, CAPES/CNPQ pelo apoio financeiro dado a esta pesquisa, que foi imprescindível para a sua realização.

“No meio deste século de um sórdido materialismo, acotovelado incessantemente pelos que disputam, numa luta feroz, o pão de cada dia, uma só ambição me consome: ser professor. [...] Deixei voar a imaginação pelo espaço largo do pensamento, e sonhei uma Escola, linda como palácio encantado de conto de fadas. Olhei depois em minha volta, rememorei as escolas da minha juventude, tristes como conventos, frias como cárceres. E senti-me na obrigação de alguma coisa tentar pela geração de amanhã” (Aurélio Quintanilha).

“El mañana, nuestro mañana, no afirma rencillas, ni crímenes, ni mentiras; afirma vida, amor, ciencia, trabajemos para apresurar ese día” (Kurt Gustav Wilckens).

“Não tememos dizê-lo: queremos homens capazes de evoluir incessantemente; capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e de renovar a si mesmos; homens cuja independência intelectual seja a força suprema, que não se sujeitem a mais nada; dispostos sempre a aceitar o melhor, felizes pelo triunfo das ideias novas e que aspirem a viver vidas múltiplas em um única vida. A sociedade teme tais homens: não pode, então, se esperar que algum dia queria uma educação capaz de produzi-los” (Francisco Ferrer y Guardia).

RESUMO

A tese investiga a circulação do conhecimento pedagógico anarquista entre Brasil e Portugal, dos anos 1900 a 1930. O estudo tem como campo de reflexão, portanto, a Educação Libertária e está inserido no amplo conjunto de pesquisas sobre os movimentos sociais, visando contribuir com novos elementos para a História da Educação Popular no Brasil e em Portugal. Investigou-se os modos de circulação e as práticas de intercâmbio sobre o conhecimento pedagógico anarquista no circuito Brasil-Portugal-Brasil, tendo como ponto de partida o exame das práticas de Educação Libertária debatidas na imprensa libertária, nos diversos projetos editoriais anarquistas e no permanente fluxo de militantes entre os dois países. O trabalho também buscou entender as concepções de Educação debatidas via imprensa anarquista, nos diversos lugares sociais da experiência educacional libertária (como as Escolas libertárias, os Centros de Cultura e Estudos Sociais, Ateneus e Bibliotecas) e nas diversas práticas sociais vinculados aos espaços educacionais anarquistas e associativos (como os cursos, conferências e as "leituras comentadas"). Os aportes metodológicos da pesquisa têm como base a perspectiva da história social e da educação comparada e referencia-se como um estudo de base qualitativa, privilegiando a análise das teias multidirecionais dos discursos sobre a educação, com imersão específica na imprensa operária, compreendida em seus periódicos, livros, memórias e cartas entre militantes dos dois países. A pesquisa propiciou uma revisita e recuperação de parte da bibliografia referente à História da Educação Libertária, em face da presença desta perspectiva educacional na imprensa operária e anarquista, bem como favoreceu entender parte dos anseios e dos projetos gestados por essa militância libertária e educacional no Brasil e em Portugal, a partir das cartas trocadas entre militantes destes países.

Palavras-chave: Anarquismo. Educação Libertária. Pedagogia Libertária. Escola Moderna. Imprensa Libertária.

ABSTRACT

This thesis investigates the circulation of the anarchist pedagogical knowledge between Brazil and Portugal, from the 1900s to the 1930s. This study has, as its reflection field, therefore, the Libertarian Education, and inserts itself in the vast group of researches about social movements, aiming to contribute with new elements to the Popular Education History in Brazil and in Portugal. Its core lies in studying how the anarchist pedagogical knowledge circulated and how its practices were exchanged, specifically on the circuit Brazil-Portugal-Brazil, using as a starting point the exam of the Libertarian Education practices debated in the libertarian press, in the various anarchist editorial projects and in the permanent flow of militants between the two countries. This work also tried to understand the Education concepts debated via anarchist press, in the many social places of the libertarian educational experience (such as the libertarian Schools, the Culture and Social Studies Centers, Athenaeums and Libraries) and in the diverse social practices linked to the anarchist educational spaces and associative ones (like the courses, conferences, and the "commented lectures"). The methodology of this research has its bases in the social history and in the compared perspective in education, referring itself as a qualitative base study, favoring the analysis of the multi-directional webs of discourses about education, with a particular immersion over the laborer press, contained in its periodicals, books, memoirs and letters between militants of the two countries. This investigation provided the reexamination and recovery of part of the bibliography concerning the History of the Libertarian Education, due to this educational perspective's presence in the laborer and anarchist press, as well as helped understand part of the yearnings and the projects conceived by this libertarian and educational militancy in Brazil and in Portugal, from the letters exchanged between militants of these countries.

Keywords: Anarchism. Libertarian Education. Libertarian Pedagogy. Modern School. Libertarian Press.

RESUMEN

La tesis investiga la circulación del conocimiento pedagógico anarquista entre Brasil y Portugal, desde 1900 hasta 1930. Por lo tanto, el estudio tiene como campo de reflexión la Educación Libertaria y se inserta en el amplio conjunto de investigaciones sobre los movimientos sociales, con vistas a contribuir con nuevos elementos para la Historia de la Educación Popular en Brasil y Portugal. Se investigaron los modos de circulación y las prácticas de intercambio sobre el conocimiento pedagógico anarquista en el circuito Brasil-Portugal-Brasil, tomando como punto de partida el examen de las prácticas de Educación Libertaria discutidas en la prensa libertaria, en los diversos proyectos editoriales anarquistas y en el permanente flujo de militantes entre los dos países. El trabajo también buscó comprender las concepciones de la Educación debatidas a través de la prensa anarquista, en los diversos lugares sociales de la experiencia educativa libertaria (como las Escuelas Libertarias, los Centros de Cultura y Estudios Sociales, Ateneos y Bibliotecas) y en las diversas prácticas sociales vinculadas a los espacios educativos anarquistas y asociativos (como cursos, conferencias y "lecturas comentadas"). Las contribuciones metodológicas de esta investigación se basan en la perspectiva de la historia social y de la educación comparada y se da como un estudio cualitativo, privilegiando el análisis de las redes multidireccionales de discursos sobre educación, con inmersión específica en la prensa obrera, entendida en sus periódicos, libros, memorias y cartas entre militantes de ambos países. La investigación proporcionó una revisión y recuperación de parte de la bibliografía referente a la Historia de la Educación Libertaria, en vista de la presencia de esta perspectiva educativa en la prensa obrera y anarquista, y además favoreció la comprensión de parte de las aspiraciones y de los proyectos generados por esta militancia libertaria y educativa en Brasil y en Portugal, a partir de cartas intercambiadas entre militantes de estos países.

Palabras clave: Anarquismo. Educación Libertaria. Pedagogía Libertaria. Escuela Moderna. Prensa Libertaria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Movimento Operário, Movimento Anarquista e Educação Libertária.....	54
Figura 2 – Arte, Cultura e Educação.....	54
Figura 3 – Boletim do 3º Congresso Operário Brasileiro.....	59
Figura 4 – Obras da Escola Moderna de Barcelona.....	60
Figura 5 – Aos Operários de Fortaleza.....	73
Figura 6 – Escola Moderna do Ceará.....	74
Figura 7 – Curso "Francisco Ferrer y Guardia".....	75
Figura 8 – Propaganda da Revista <i>L'Ecole Rénovée</i>	79
Figura 9 – Frontispício do Jornal <i>O Início: orgam dos alunos da Escola Moderna</i>	85
Figura 10 – Capa do livro " <i>Pela Educação e Pelo Trabalho</i> ", de Adelino de Pinho.....	102
Figura 11 – " <i>Leitura que recomendamos</i> ", extrato do periódico <i>A Batalha</i>	106
Figura 12 – Festa Mensal / <i>Conferência sobre Educação Popular</i>	114
Figura 13 – Propaganda da revista <i>Amanhã, n'A Voz do Trabalhador</i>	117
Figura 14 – Solidariedade a Piotr Krooptkin.....	122
Figura 15 – Refeitório do Orfanato Prévost, em Cempuis (França).....	150
Figura 16 – Sebastien Faure ao lado da família <i>A Colmeia</i>	151
Figura 17 – Estudantes da Escola Moderna de Barcelona, de Ferrer y Guardia.....	151
Figura 18 – Homenagem a Ferrer y Guardia, no periódico <i>A Lanterna</i>	152
Figura 19 – Escola Moderna de Porto Alegre (1917).....	153
Figura 20 – O professor João Penteado e a Escola Moderna Nº 1 (1913).....	153
Figura 21 – Adelino de Pinho e Escola Moderna Nº 2.....	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fontes citadas da imprensa portuguesa e brasileira nesse estudo.....47

Quadro 2 – Seleção de Cartas trocadas entre Brasil e Portugal pelos militantes.....121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Aliança Anarquista
ABE	Associação Brasileira de Educação
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
CAB	Coordenação Anarquista Brasileira
CGP	Confederação Geral do Trabalho
COB	Confederação Operária Brasileira
DEOPS-SP	Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo
LHEC	Linha de Pesquisa História e Educação Comparada
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
UFC	Universidade Federal do Ceará
UPEL	Universidade Popular de Ensino Livre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS, METODOLÓGICOS E SÍTIO DA PESQUISA	26
2.1 Aportes iniciais de História, Historiografia, Anarquismo e Educação	26
2.2 As fontes, a escolha temática e o recorte temporal	38
2.3 Educação Anarquista: capítulo de uma história da educação popular	49
3 A EDUCAÇÃO ANARQUISTA ENTRE A TEORIA E A AÇÃO	62
3.1 O lugar da Teoria: conceitos e escritos geradores	62
<i>3.1.1 Educação Antiautoritária</i>	68
<i>3.1.2 Instrução Integral</i>	68
<i>3.1.3 Educação e Revolução</i>	69
3.2 O lugar da Prática: Paul Robin, Ferrer y Guardia e Sebastien Faure	69
<i>3.2.1 Paul Robin</i>	70
<i>3.2.2 Francisco Ferrer y Guardia</i>	72
<i>3.2.3 Sebastien Faure</i>	84
3.3 As práticas libertárias em Educação: Escolas, Centros de Cultura Social e Bibliotecas	87
4 O OCEANO COMO PONTE: AS TRAJETÓRIAS MILITANTES ENTRE OS DOIS MUNDOS	92
4.1 Os militantes em torno da propaganda libertária	93
4.2 Teoria e a Prática da Educação Libertária entre Brasil e Portugal	95
4.3 O registro das publicações: a Imprensa e as Edições	103
4.4 Edição de livros, livretos e opúsculos	108
4.5 A Educação nas páginas da <i>Voz do Trabalhador</i> (1908-1915)	110
4.6 O projeto do novo mundo escrito à mão: as Cartas	118
<i>4.6.1 Solidariedade e vida militante</i>	121
<i>4.6.2 Finanças dos militantes</i>	123
<i>4.6.3 Projetos editoriais e a ligação com a Educação e a Cultura libertária</i>	124
4.7 A autoformação e a solidariedade nas leituras coletivas: o Autodidatismo e as "leituras comentadas"	129
5 CONCLUSÃO	132
REFERÊNCIAS	139
ANEXO	150

INTRODUÇÃO

O sindicato é a ESCOLA e o recreio do operário e de sua família; ali ele aprende a ler e ensina os companheiros que desejam aprender; ali ele aprende a estimar o seu semelhante e irmão, dando assim um passo em prol do sentimento de igualdade; ali ele conhece que o sentimento do trabalhador é um só em toda parte; ali ele aprende a ser homem de boa vontade e que é perigoso delegar seus direitos a estranhos [...] agir por conta própria, em prol dos mesmos; enfim, ali ele aprende a se organizar, a produzir e distribuir equitativamente o bem comum segundo as necessidades de cada um (Voz do Graphico, 1920).¹

A epígrafe acima convida-nos a retornar a um tempo muito diverso do que estamos, exatamente distante há 100 anos da produção desse texto. Como se leu, um escrito voltado em ode ao conhecimento, à instituição escola (como espaço de aquisição do conhecer), à igualdade e à solidariedade política e militante de um ato educativo, em meio à própria classe, a trabalhadora, em seu principal espaço de organização.

Nossas linhas a seguir recolhem uma mescla de todos esses pontos citados, remonta a um tempo de organização, de política, de autonomia e de autogestão dos espaços da classe trabalhadora. Reúne tessituras do ato de criar, conhecer, ler, educar e migrar. Eram tempos em que a *Revolução* está logo ali, ao aparente alcance dependente apenas das firmes vontades. Foi em meio a esse caldeirão de ideias da virada do século XIX para o século XX, que sujeitos das mais diferentes origens, mediados por uma ideologia comum, o Anarquismo, intentaram criar rebeldias visando à superação do capitalismo, e a implantação de um "mundo novo", baseado na autogestão econômica, na igualdade política e, acima de tudo, na liberdade!

Nosso texto se propõe, portanto, a investigação de uma das facetas das lutas sociais desse tempo, tal seja a vigorosa e multitudinária ação dos anarquistas no campo da Educação. Mais objetivamente, investiga a circulação do conhecimento pedagógico anarquista entre Brasil e Portugal, dos anos 1900 a 1930. Nesse sentido, nosso texto se compromete modestamente a contribuir com a História da Educação Popular² nos dois países, recuperando arquivos, vozes e projetos editoriais movidos por muitos sujeitos que tentaram a obra da Educação Libertária nesses dois lados do Oceano. Pretende estudar os modos de circulação e as práticas de intercâmbio sobre o conhecimento pedagógico anarquista no circuito Brasil-Portugal-Brasil, tendo como ponto de partida o exame das práticas de Educação Libertária,

¹ *Voz do Graphico*, Ano I, Número 1. 25 de dezembro de 1920.

² Como "História da Educação Popular", quero exemplificar o conjunto de realizações educativas pensadas, articuladas e promovidas pela própria organização popular, em seus espaços de organização comunitária e/ou de classe. Não deve ser entendido como a instrução do Estado direcionado às classes populares.

como debatidas na imprensa libertária, nos diversos projetos editoriais anarquistas e no permanente fluxo de militantes entre os dois países.

Buscamos retomar as vozes de um conjunto muito grande de sujeitos, que ao longo da escrita da História foram silenciados, em detrimento da história dos vencedores, amplamente divulgada a partir do paradigma da República, como nova versão "democratizada" do Estado, aliada das instituições religiosas (ainda que pregue o laicismo) e do movimento das forças capitalistas bem organizadas, imperiais e imperiosas nas duas margens do Atlântico. Portanto, trata-se de dar visibilidade a um conjunto de sujeitos e práticas de educação nascidas no seio do povo, muitas vezes pensadas, bem mais a partir da experimentação prática, do que da especulação intelectual. Por um lado, a questão educacional na imprensa, na escola, nos centros de cultura sociais e nas bibliotecas populares; por outro, as publicações periódicas e as que envolviam maior dedicação e cooperação, como livretos e livros, analisando como eram arquitetadas essas publicações.

Do ponto de vista da pesquisa em Educação, é pensar a prática político-pedagógica de base popular. Certamente essas iniciativas produziram algum tipo um acúmulo na sociedade brasileira e portuguesa, que foi em algum momento igualmente perdido, ou severamente diminuído, com o decréscimo da expressão do anarquismo no ambiente político brasileiro e português. Ainda assim, como veremos, nota-se nos dois países, que as teses libertárias em Educação não desapareceram, e que ao nosso tempo chegaram por outras vozes, a partir daquilo que pôde, ao longo das décadas, inclusive, ser incorporados no processo de massificação do modelo escolar institucionalizado.

Lembremos também que as pesquisas sobre História da Educação estão centradas, em sua maioria, nas correntes de ensino majoritárias ou predominantes, e sobre os estudos das instituições escolares estatais (aqui compreendendo também as instituições militares) ou religiosas, ou espaços de educação que seguem a orientação dessas instituições, ou ainda sobre teóricos que tiveram vinculação direta com a educação estatal e religiosa. Nesse sentido, é salutar retomar essas vozes e projetos dissonantes e entusiastas da Educação que se julgou "nova" e "libertária".

Ressalta-se que as motivações que levaram este pesquisador a realizar a presente investigação são de três ordens. Em primeiro lugar, pela nossa presença no movimento anarquista há uma década e meia. Durante esse período, pouco ou nada se viu de prática em matéria de Educação Libertária. Sempre nos chamou atenção como uma tradição tão rica em termos de princípios educativos, pudesse permanecer estagnada frente à ação dos seus sujeitos atuais. Em segundo lugar, as contradições do ambiente escolar, onde inexiste uma proposta

pedagógica que responda aos problemas inerentes a esta instituição. Como professor da educação básica, em meio a angústias e frustrações da labuta diária, me perseguia a ideia de conhecer melhor a Educação e suas correntes de pensamento, com vistas a melhorar nossa prática profissional. E em terceiro lugar, a própria curiosidade acadêmica, iniciando as pesquisas desde os bancos da faculdade de História e com posterior amadurecimento ao longo do mestrado em Educação.

Nessa trajetória de pesquisa, foi intrigante perceber que existe uma maior quantidade de estudos sobre educação libertária nos Programas de outras áreas do conhecimento, envolvidas com o ensino, como a História, a Geografia, Línguas, Artes e até de outras áreas aparentemente menos específicas e ligadas à Educação, como a Arquitetura³. Isso é um aspecto importante porque mostra que os Programas de áreas específicas também estão discutindo temas da educação. Por outro lado, evidencia a importância de seguirmos com essa pesquisa, com vistas a ampliar o conhecimento sobre a educação anarquista em nossa área.

É necessário, nessas páginas introdutórias, conceituar o termo “anarquia”, “anarquismo” e “libertários”⁴. Isso porque, de um lado, o senso comum atribui ideias e afirmações preconcebidas do que seja a ideologia anarquista, e, de outro, porque temos inúmeras investigações históricas, muitas delas de nomes já consagrados em seus campos de conhecimento, que revelam uma visão distorcida do Anarquismo e de seu impacto nos países onde tal orientação encontrou condições de se desenvolver politicamente. Importa, portanto, delimitar conceitualmente esses termos para trabalharmos com um conceito claro, sob pena de serem pouco inteligíveis as apreciações sobre esta pesquisa.

A própria afirmação do Anarquismo como ideologia é um fato a ser discutido e exemplificado. Isso porque tradicionalmente nas ciências humanas predomina-se a utilização deste conceito a partir do ponto de vista do marxismo, como equivalência dos termos “ilusão”, “falsa consciência”, ou mesmo “deturpação da realidade”. Aqui, é importante destacar que pensamos o conceito de ideologia a partir da definição da Federación Anarquista Uruguaya (FAU) e da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ).

A FAU explica que:

³ Cf. recente trabalho muito inovador de DIAS, Samira. *Escolas, Cidades e Disputas*. 2013. 216 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2013.

⁴ Segundo Francesco Codello, “o primeiro a utilizar o termo ‘libertário’ foi Joseph Déjacque, como título de um jornal anarquista divulgado em Nova Iorque, entre 1858 e 1861. Mas quem o introduziu de forma duradoura foi Sébastien Faure quando, em 1895, inicia a publicação de *Le Libertaire*, na França. A difusão do termo, porém, corresponde a uma vontade de entender de modo mais abrangente, e menos fixo, aquelas instâncias de liberdade radical que não pertencem nem sabidamente à história do anarquismo.” In: CODELLO, Francesco. *A Boa Educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill*. v. I. São Paulo: Imaginário – Ícone, 2007. p. 17.

Todo atuar humano, em todas as vastas expressões de sua multiplicidade, pressupõe uma fundamentação ideológica que o sustenta como pensamento e ação. E por que não dizer, que também integram este sistema os mitos [...] o que é ideologia? [...] é um sistema de representações, de imagens, de idéias e de conceitos⁵.

A FARJ, por sua vez, dá a seguinte explicação: “O anarquismo, para nós, é uma ideologia, sendo esta um conjunto de idéias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação – o que chamamos de prática política.”⁶

Sobre essas definições, é importante acentuar que elas não correspondem a definições meramente políticas dessas federações. Elas estão em conexão inclusive com reformulações da própria historiografia da anarquia, que sofreu, sobretudo nos últimos 40 anos, grandes alterações, devido ao avanço das pesquisas motivadas principalmente pelo ressurgimento com força dos movimentos sociais pós-ditaduras no Brasil e em Portugal.

Um estudo que se tornou referência na História do Anarquismo mundial foi a obra *Chama Negra: a política classista e revolucionária do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária*, dos sul-africanos Lucien Van der Walt e Michael Schmidt, publicada em 2009⁷. A obra ainda sem tradução para o português, apesar de já possuir algumas seções traduzidas na internet, tem influenciado bastante a recente historiografia sobre o tema. Para citar apenas um exemplo de trabalho recente a partir dessa obra de Schmidt e Walt, temos a dissertação *Rediscutindo o Anarquismo: uma abordagem teórica*, de Felipe Corrêa Pedro⁸. O mérito destas publicações está em ter suas pesquisas baseadas em fontes próprias do anarquismo e não de seus críticos. Não raro tivemos análises em que o cruzamento das fontes com as opiniões políticas dos próprios autores resultou em formulações equivocadas. Como exemplo dessas posições, temos os escritos de Eric Hobsbawn e Boris Fausto. Segundo Hobsbawn, “*Em termos de ideologia, teoria e programas, o anarquismo permanece marginal. [...] Se todos os anarquistas tivessem desaparecido da face da terra, a discussão sobre tais problemas [o autoritarismo e a burocracia de Estado] não seria muito diferente*”⁹. Já Fausto posiciona-se da seguinte forma:

⁵ FAU. *O que é Ideologia?* São Paulo: Faísca Publicações Libertárias [Biblioteca Virtual], 2009.

⁶ FARJ. *Anarquismo Social e Organização. Programa da Federação Anarquista do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. FARJ-Faísca, 2008.

⁷ SCHMIDT, Michael. VAN DER WALT, Lucien. *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*. Oakland: Ak Press, 2009.

⁸ PEDRO, Felipe Corrêa. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. São Paulo, 2012.

⁹ HOBBSBAWN, Eric. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. 2. ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 96.

Do ponto de vista programático, os socialistas se colocavam em um plano aparentemente **superior** com relação aos anarquistas, ao pretender atuar na esfera política, ao compreender a necessidade de estabelecer um programa mínimo democrático, de pressionar o Estado no sentido da extensão da cidadania social e política, ao afirmar o objetivo de **formação de um partido**. No entanto, suas propostas em princípio mais variáveis, tiveram insignificante ressonância. As razões do fracasso se encontram nas **condições objetivas da sociedade brasileira** (grifos nossos).¹⁰

Essas formulações careceram de estudos mais aprofundados durante muitos anos e foram importantes mais para revelar a visão de seus autores do que propriamente da ideologia que pesquisaram. Mas essas apreciações não circularam apenas no domínio da Historiografia. Elas aparecem em outras áreas do conhecimento. Na Geografia, por exemplo, Elisée Reclus começa a reaparecer apenas nos últimos quarenta anos. O anarquista criador do termo “geografia social”, que começa a ser revisitado nos bancos universitários da atualidade, manteve-se esquecido da academia brasileira praticamente todo o último século, principalmente como decorrência da presença marxista nas instituições acadêmicas.¹¹ A ocupação com a investigação sobre a razão dessa pouca presença da Educação Libertária na História da Educação nos conduziu a duas reflexões principais que são desenvolvidas no âmbito deste trabalho. A primeira delas foi entender que, talvez pela forte crítica a educação estatal sempre movida pelos anarquistas, já que essa tradição de pensamento educativo foi uma das poucas aliadas do livro de História da Educação e, por consequência, do ensino da História da Educação na academia. A segunda reflexão foi que, apesar de existir dezenas de publicações anarquistas explicitamente sobre educação no Brasil (nas décadas de 1980, 1990 e 2000), percebemos que estas praticamente não chegavam ao ambiente acadêmico, e que uma maior circulação delas tem ficado nitidamente restrita aos círculos anarquistas.

Naquele momento, de expansão da *escola de massas* estatal¹², estava em disputa também a forte disposição nos meios operários de fazer crescer uma proposta educacional destinada aos filhos da classe trabalhadora. As propostas que tiveram maior destaque sobre a educação do movimento operário vieram de educadores anarquistas ainda no final do século XIX. Envolveram desde Paul Robin e James Guillaume (na década de 1860), durante a

¹⁰ FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. Difel, 1977. p. 102.

¹¹ Podemos encontrar uma leitura aprofundada sobre Reclus e Educação em: SILVA, Robledo M. da. *A Influência de Elisée Réclus na Educação Operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral*. Dissertação de Mestrado. UNIRIO, 2010. Ver também: RECLUS, Elisée. *Educação - O Homem e a Terra*. São Paulo: Imaginário, 2010; RECLUS, Elisée. *Anarquia pela Educação*. São Paulo: Hedra, 2011; e RECLUS, Elisée. *Escritos sobre Educação e Geografia*. São Paulo. Biblioteca Terra Livre, 2011.

¹² Cf. Ó, Jorge Ramos do. CARVALHO, Luís Miguel. *Emergência e Circulação do Conhecimento Pedagógico Moderno (1880-1960)*. Lisboa: EDUCA/Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2009. p. 162.

Primeira Internacional, como também as experiências educacionais que resultaram em experiências concretas já no último quartel do século XIX e início do XX, como veremos a seguir. Dentre estes dinamizadores da Educação Libertária e das experiências pedagógicas, figuram Francisco Ferrer y Guardia e a Escola Moderna de Barcelona. Ali, Ferrer conceituava aquilo que passou a história da educação libertária como "racionalismo" pedagógico, definido como:

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do individuo e para isso adopta o racionalismo humanitário que consiste em inculcar á infancia o afan de conhecer a origem de todas as injustiças sociaes para que, com o seu conhecimento possa logo combater-las e oppôr-se a ellas.

O novo racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, sejam intestinas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação da mulher e combate a todos os inimigos da harmonia humana, como são a ignorância, a maldade, a soberba e outros vícios e defeitos que têm dividido os homens em tiranos e tiranizados.¹³

A criação das *Escolas Racionalistas* no Brasil faz parte de um amplo processo de discussão em torno das suas experiências europeias e principalmente da Espanha. As escolas libertárias surgiram muito cedo no Brasil e durante a década de 1910 já se faziam presente em várias localidades do território brasileiro¹⁴. Em São Paulo se criou o *Comitê pró-Escola Moderna*, composto por anarquistas e livres pensadores, depois das manifestações contra o fuzilamento de Ferrer na Espanha. Como concretização dos trabalhos do Comitê, se criou as Escolas Racionalistas Nº 1 e Nº 2, ambas em São Paulo. O programa dessas escolas incluía a caligrafia, gramática, aritmética, geografia, história, física, química, desenho e complementando essas atividades tinham “sessões artísticas e conferências científicas”.

Um dos educadores libertários, de formação autodidata, que mais intensificou as ações em torno das escolas libertárias foi Adelino de Pinho¹⁵. Ele foi professor da Escola Moderna Nº2 e responsável por inúmeros escritos sobre educação racionalista no Brasil. Escreveu em muitos periódicos e é talvez o principal responsável pelo Boletim da Escola Moderna de São Paulo, junto com João Penteadó. É possível notar a correspondência entre os textos de Ferrer e Pinho no seguinte texto:

¹³ *Boletim da Escola Moderna*, de São Paulo. Ano I, Nº 1. 13 de outubro de 1918.

¹⁴ Como exemplo das escolas libertárias temos: Escola Eliseu Reclus (Porto Alegre, 1906), Escola Germinal (Ceará, 1906), Escola da União Operária (Franca, 1906), Escola da Liga Operária de Sorocaba (Sorocaba, 1911), Escola Operária 1º de Maio em Vila Isabel (Rio de Janeiro, 1912), Escola Moderna em Petrópolis (Rio de Janeiro, 1913) e as Escolas Modernas nº 1 e nº 2 (São Paulo, 1911).

¹⁵ Junto a João Penteadó, Pedro Motta, Florentino de Carvalho, Moacir Caminha e tantos outros. Podemos encontrar uma boa coletânea de textos de Adelino em: PINHO, Adelino. *Pela Educação e Pelo Trabalho e Outros Escritos*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

A Escola, com raras exceções, até aqui, tem sido um instrumento de exploração religiosa, dirigida, protegida e inspirada por padres, frades e caterva de ambos os sexos, com o intuito evidente de corromper o espírito da humanidade [...] Este methodo escolar vigorou único, sem concorrência de algum durante seculos e todas as seitas religiosas aproveitaram do chavão da instrução para chamariz das massas, e como instrumento para inculcarem, no espírito das mesmas, aquellas formulas proprias a manterem o estado social que as castas directoras apeteçiam.¹⁶

É importante mencionar que existe no Brasil, no início do século XX, uma circulação enorme das ideias de Ferrer e de outros pensadores anarquistas que teorizaram sobre educação¹⁷. Em jornais como *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira (COB), ou n'A *Lanterna* (periódico anarquista e anticlerical) temos inúmeras notícias que demonstram o grau de vitalidade na circulação dos projetos libertários em Educação. É possível encontrar, ainda, notícias sobre Ferrer em jornais operários de todas as regiões do país. A notícia abaixo, d'*Aurora: Panphleto de Crítica Social*, ilustra com clareza a troca de materiais entre os estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.

Ferrer como educador

Os camaradas encarregados da Escola Moderna de Porto Alegre, Dr. Waldomiro Fettermann, F. Marques Guimarães e Polydoro Santos, enviaram-me trinta exemplares da conferência de Leopoldo Bettiol – Ferrer como educador.

É um bello trabalho sobre o mártir de Montjuich. Feita num estilo que prende pela harmonia das palavras e eloqüente quase sempre, a conferencia do camarada Bettiol merece uma larga divulgação, por que é um utilissimo folheto de propaganda.

A esta redacção podem ser feitos pedidos que encaminharei, se os exemplares que possuo se esgotarem, rapidamente.¹⁸

No texto acima é ainda relevante ver o tom de camaradagem, que demonstra o grau de proximidade entre os militantes e as ações nos estados, principalmente em seu trecho final, em que a *Aurora* informa que se for necessário poderá trazer mais exemplares, revelando uma intensa comunicação. De fato, a grande disputa no Brasil e em Portugal não era somente quanto à educação estatal, mas, assim como na Espanha de Ferrer y Guardia, tendia também à crítica das instituições religiosas, alimentados pelo forte anticlericalismo do período, impulsionados também por vetores advindos de círculos de livre pensadores e por algumas lojas maçônicas. Questiona-se não somente a vulnerabilidade do ensino público, que

¹⁶ *Boletim da Escola Moderna. Op. Cit.* p. 3.

¹⁷ No 2º Congresso Operário Brasileiro temos a discussão sobre as Bolsas do Trabalho, de Fernand Pelloutier. Sobre essa discussão ver RODRIGUES, Edgar. *Op. Cit.* p. 135. Para mais informações sobre a proposta educacional de Pelloutier ver: CHAMBAT, Grégory. *Instruir para Revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia de ação direta*. São Paulo: Imaginário-Faísca, 2006.

¹⁸ *Aurora*, Panphleto de Crítica Social, Nº 3, setembro de 1919.

tem um sentido bem definido – reforçar as instituições estatais –, mas também a intervenção dos clérigos da Igreja no ensino.

O mais formidável de todos os obstáculos que se antepõem à nossa propaganda de emancipação social é a instrução clerical, mais ou menos disfarçada, que recebemos na primeira infância [...] Pois bem, depende de nós evitar desde já que os nossos filhos contraíam o mal; é criarmos nossas escolas, isolando-os do ambiente corrompido.¹⁹

Nesse trecho fica claro como é pensado o ensino libertário no Brasil e em Portugal, como sendo um ensino paralelo, alheio ao oficial. Os anarquistas tinham um amplo projeto social, o de reconstrução da sociedade. E esse novo projeto de sociedade exigia necessariamente um projeto educacional. Para o combate à organização burguesa, uma organização libertária. Para o combate à moral burguesa, uma moral libertária. Para o combate a uma educação e cultura burguesa, uma educação e cultura libertária. É assim que os anarquistas vêem o processo educativo, outro campo de batalha, entendida como ação direta e campo inevitável de disputa contra o Estado e a Igreja.

O anarquismo e a Educação Libertária, entendidos como movimento educacional que possui inicialmente poucos locais de experimentação das suas ideias ao longo do segundo quartel do século XIX, logo no início do século XX desponta em muitos países os esforços e o aparecimento de muitas experiências práticas da educação anarquista. Do ponto de vista físico, temos o desenvolvimento de muitos espaços de aglutinação dos trabalhadores. Vemos uma série de projetos escolares, dedicados à instrução formal e aplicação de cursos dos mais variados tipos. Também são abertas algumas bibliotecas e Centros de Cultura Social (muitos destes dedicados também ao teatro social), verdadeiros espaços de encontro, de socialização e multiplicação da formação contestatária. Do ponto de vista organizativo, é incontável a quantidade de grupos, ligas, coletivos e grupos de estudos sociais. Esses coletivos muitas vezes se formavam por uma ocasião conjuntural ou também para uma atividade editorial de maior fôlego ou mesmo de natureza permanente como são os grupos especificamente anarquistas (que comportavam apenas os militantes anarquistas, como a Aliança Anarquista, do Rio de Janeiro naquelas primeiras décadas do século XX).

Quanto à bibliografia da nossa pesquisa, optamos por trazer uma série de leituras que durante muito tempo ficou restrita ao âmbito libertário. No que se refere à pesquisa voltada para a Educação, não raro as referências conhecidas como "libertárias" mais recentes

¹⁹A *Lanterna*. Nº 214, 25 de outubro de 1913.

remontam a uma tradição vinculada principalmente a Celéstien Freinet (sobretudo no quesito da autonomia dos educandos, mas também das aulas passeio, jornal escolar e outras atribuições da autogestão pedagógica) e a Michel Lobrot, discípulo de Freinet, que é referência e criador da "Pedagogia Institucional" (que refaz a crítica à escola autoritária; propõe ultrapassar os muros da Escola, reorienta o trabalho do professor e propõe transformar a instituição escolar). No entanto, uma série de publicações já existentes sobre Educação Libertária desde a década de 1980, começa aos poucos a se fazer mais presente nas publicações acadêmicas. Aquilo que era restrito ao âmbito anarquista, passa a ser discutido e difundido também dentro da Universidade. Nesse sentido, essa pesquisa retoma essas obras, colocando-as em maior evidência. Se é certo que já há mais de uma centena de trabalhos que foram realizados sobre Educação Libertária (em diferentes pontos do país), é igualmente correto afirmar que esta bibliografia da produção acadêmica carece de socialização ou capilarização entre os muitos programas de pós-graduação espalhados pelo país.

Organizamos a apresentação da nossa pesquisa de tese em cinco fases. Logo após essa seção introdutória, temos a segunda seção, onde, optamos por fazer uma discussão historiográfica que tivemos como base para o desenvolvimento de nosso tema. Assim, nos propomos à tarefa de organizar esse conjunto bibliográfico que discorrerá sobre a história do Anarquismo, dos anarquistas, da discussão historiográfica sob o ponto de vista da História e da Educação. Ainda nessa segunda seção, criamos um subtópico específico para os quesitos metodológicos do nosso trabalho. E por fim, dedicamos nossa atenção a um texto específico sobre a Educação Libertária, como um capítulo da História da Educação, buscando dar relevo a esta corrente pedagógica e situando ela dentre as demais, demarcando suas aproximações e divergências com outros correntes de pensamento educacional.

Na terceira seção do nosso trabalho invocamos a teoria e a ação da Educação Libertária. Assim, trouxemos para o nosso texto exemplares da teoria anarquista em educação desde o século XIX e, em seguida, as realizações práticas desses militantes da Educação. Nosso intento é demonstrar como esses sujeitos provocam um verdadeiro movimento educacional, que se espalha e cria organismos de variados tipos destinados a Educação e a Cultura. Dentre eles, tomamos em destaque as escolas e a imprensa militante.

Na quarta seção abrimos o leque para o aprofundamento dos sujeitos da nossa pesquisa. Chamamos a atenção para os militantes que organizam a dinâmica do fluxo pedagógico entre os dois países. São descritos os sujeitos e os modos de trânsito das ideias em circulação, dando ênfase aos projetos editoriais em curso. Discutimos ainda, o potencial da imprensa militante e das suas publicações, analisando variados aspectos de um conjunto de

cartas trocadas entre os dois países e também o fenômeno das "leituras comentadas" e do autodidatismo. Por fim, na última seção, apresentamos a conclusão da pesquisa, ressaltando as descobertas e as contribuições que a mesma pode trazer para os estudos da educação libertária.

Para finalizar, salientamos que esta pesquisa não teria sido possível sem o apoio da CAPES e do CNPq, instituições de fomento à pesquisa nacional que tornaram possível e credenciaram a sua realização, após ter sido o nosso projeto acolhido no curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, na Linha de Pesquisa História e Educação Comparada, da Universidade Federal do Ceará.

2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS, METODOLÓGICOS E SÍTIO DA PESQUISA

2.1 Aportes iniciais de História, Historiografia, Anarquismo e Educação

A história dos movimentos sociais e, mais particularmente, do movimento operário, tem sido alvo de estudos em múltiplas áreas do conhecimento nos últimos 50 anos. Muitas vezes esse trabalho de reconstituição da história e da memória desses movimentos sociais foi obra dos próprios militantes que, munidos da sua experiência e consciência de classe, garantiram o registro das suas realizações. Nas últimas décadas, no âmbito da produção acadêmica, particularmente a partir da década de 1980 tivemos um aumento da produção sobre a história do movimento operário e, conseqüentemente, sobre a história do Anarquismo no Brasil.

Nossa pesquisa bibliográfica busca neste momento do texto fazer um levantamento da produção acadêmica sobre o Anarquismo. Inicialmente, foi possível constatar já cerca de duas centenas de dissertações e teses (nos últimos 40 anos) que tratam diretamente do tema, abrangendo áreas como a História, Educação, Ciências Sociais, Jornalismo, Letras, Psicologia, Artes. São diversos os enfoques das pesquisas que registram vozes, contextos e tempos que constroem um discurso sobre a classe operária e sobre suas realizações. Esta tese investiga uma parte capitular desses estudos, tal seja o fenômeno da Educação Anarquista (libertária) como parte da História da Educação Popular no Brasil e em Portugal, escrutinando as realizações específicas dos trabalhadores e militantes nesses dois países, na sua ação rival contra o Estado e a Igreja no âmbito da Educação.

Ao aproximarmos a lupa no que se refere estritamente à história do Anarquismo no Brasil, podemos apontar que esta vem sendo escrita desde o final do século XIX. Inicialmente esses primeiros estudos foram obras de incursões intelectuais dos próprios trabalhadores e militantes libertários²⁰. A imprensa dos trabalhadores revela desde sempre que é uma preocupação constante da classe em movimento registrar seus propósitos, seus atinos, seu movimento cotidiano no seio da sociedade e seu percurso rumo ao ideal que tenciona construir.

As primeiras publicações de cunho libertário são, pois, uma das senhas para identificar esses primeiros vínculos do anarquismo com o movimento associativo de uma forma geral. No Brasil, ainda em 1898, temos na escrita de Benjamim Mota, o título

²⁰ É comum termos nesta imprensa militante seções dedicadas à memória do movimento social e de constituição de uma História do Movimento Operário. Como exemplo, a revista “*A VIDA – Periódico Anarquista*” escreve desde seu primeiro exemplar a sessão intitulada “Bibliografia brasileira sobre a questão social”, seção esta dedicada unicamente a reunir os escritos voltados ao estudo da questão social e do movimento associativo. *A Vida*. Rio de Janeiro. Ano I N.º 1, 30 de novembro de 1914.

*Rebeldias*²¹ demarcando de modo decisivo e singular sua passagem do republicanismo para as fileiras libertárias. Já em Portugal, desde a década de 1870 já se registrava o crescente debate das ideias socialistas n'*O Pensamento Social*²², e ao dealbar do século seguinte, já a título acadêmico (mais revelando desde já sua face militante), saía no ano letivo de 1903-1904, em plena cadeira de economia da Universidade de Coimbra, *O Movimento Operário em Portugal*, de Campos Lima – nome este de certo invulgar no movimento social português e no anarquismo luso-brasileiro (já que seus textos chegam também ao Brasil). O estudo de Campos Lima, para além da economia, como deveria constar a partir da ementa da disciplina propositora, organiza, inclusive, temporalmente o registro das primeiras associações de classe, as greves e as agitações operárias, mas também anuncia já ali, a presente e cada vez mais crescente disputa entre socialistas, católicos e anarquistas no imenso caldeirão de ideias de contestação social que era encetado nas terras portuguesas de então.

O século XX inteiro não foi diferente, pródigo nos registros realizados sobre a materialização das ideias e práticas anarquistas, independente da conjuntura caótica dos dois países, e que incluiu quase meio século de ditaduras lá e cá, em períodos distintos. Nesse "ínterim", é incontável o número de projetos editoriais desses dois países, mesmo durante os períodos ditatoriais, e revelam patentemente o imenso trabalho de propaganda dos militantes anarquistas, da "necessidade" de educação, arte e cultura das ideias libertárias nos dois países. Como decorrência disto, temos o constante nascimento e morte de muitos projetos, individuais e coletivos, que ultrapassam e superam a própria temporalidade, revelando suas permanências até os nossos dias.

Como destaque em nosso tempo devemos mencionar a permanência de uma produção cada vez maior de propaganda anarquista, com o surgimento de diversas editoras e uma crescente de grupos, coletivos e organizações políticas anarquistas, que também produzem materiais teóricos mais atualizados da ideologia e também realizam a publicação de novas edições e de traduções. Muitas vezes, essas edições são organizadas igualmente a experiência pretérita mote dessa investigação, justamente por coletivos específicos, como é o caso da Biblioteca Terra Livre²³ e do Plebeu Gabinete de Leitura²⁴. O primeiro coletivo, de

²¹ MOTA, Benjamim. *Rebeldias*. São Paulo: Tipografia Brasil de Carlos Gerke & Cia., 1898.

²² SERRÃO, Joel. *Do pensamento político-social de Antero de Quental*. Lisboa: Análise Social, vol. XVI (61-62), 1980-1.º-2.º, 343-361.

²³ A Biblioteca Terra Livre surgiu em 2009 como esforço de mais de cinco anos do Coletivo Anarquista Terra Livre. Tem sede no Centro de São Paulo, com o "*objetivo de preservar e difundir a memória do anarquismo no Brasil e no mundo e incentivar as lutas do presente*".

²⁴ O Plebeu Gabinete de Leitura é uma Biblioteca Social situada no Centro de Fortaleza desde 01 de maio de 2012, no prédio sede da Associação Cearense de Imprensa (ACI). A Biblioteca teve início com a reunião do acervo pessoal da Profa. Adelaide Gonçalves e que aos poucos foi recebendo doações de várias ordens.

São Paulo, tem realizado um importante trabalho de tradução e lançamento de edições originais no Brasil, como o caso do livro *Pela Educação e Pelo Trabalho*²⁵, de Adelino de Pinho (professor e anarquista português que tem a maior parte da sua vida militante construída no Brasil), *A Escola Moderna*²⁶, de Francisco Ferrer y Guardia, *A Colmeia*²⁷, de Sébastien Faure. O segundo coletivo, que tem sede em Fortaleza (Ceará), editou também nos últimos anos dois textos seminais para entender a agitação libertária nesse estado, são eles: a edição do fâc-simile do jornal anticlerical *O Demolidor - órgão da Liga Contra os Frades*²⁸, a importante edição fâc-simile do livro *Renovação*²⁹, da anarquista Maria Lacerda de Moura, e o livro *Pedro Augusto Motta: Militância Libertária e Verbo de Fogo*³⁰, de Victor Pereira, que registra a trajetória militante de Pedro Motta, militante anarquista cearense que foi editor d'A *Plebe*, seguramente o maior jornal anarquista editado no Brasil (tomando como referencial tanto a escala de tempo como a sua tiragem).

Outras vezes, essas edições têm sido obra do esforço hercúleo de um único militante como o de Robson Achiamé (até novembro 2014, quando ocorre seu falecimento), a frente da Editora Achiamé, e, principalmente, o de Plínio Augusto Coelho, a frente da Editora Imaginário (inicialmente como Editora Novos Tempos) e mais recentemente da Intermezzo, que durante mais de 30 anos lançou centenas de obras anarquistas, sendo inegavelmente um dos maiores responsáveis pela formação militante anarquista no Brasil. Importante registrar ainda algumas outras editoras e selos editoriais, como: a Tenda de Livros, a Editora Deriva, a Rizoma Editorial e selos menores como a Cajuína Edições, concentrada até este momento na produção de traduções e edições de mulheres anarquistas. Há ainda outros projetos editoriais de linha mais comercial que tem publicado várias edições libertárias. Merecem destaque as editoras Hedra, L-Dopa e, mais recentemente, a Editora Prismas, que anunciou uma "Coleção Estudos do Anarquismo". Junto a estes esforços, convém também mencionar a pequena produção da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) em termos editoriais, porém

²⁵ PINHO, Adelino. *Pela Educação e Pelo Trabalho e Outros Escritos*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

²⁶ GUARDIA, Ferrer y. *A Escola Moderna*. Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

²⁷ FAURE, Sébastien. *A Colmeia: uma experiência pedagógica*. Tradução de Antônio B. Canellas. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

²⁸ GONÇALVES, Adelaide. BRUNO, Allyson. PEREIRA, Victor. (Organizadores). *O DEMOLIDOR – Órgão da “Liga contra os Frades” constituída pela Mocidade independente*. Fac-símile. Fortaleza. Imprensa Universitária-Plebeu Gabinete de Leitura, 2013.

²⁹ MOURA, Maria Lacerda. *Renovação, 1919*. Edição Fâc-similar. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

³⁰ PEREIRA, Victor. *Pedro Augusto Motta: militância libertária e verbo de fogo*. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2017.

mantendo uma produção sequencial de notas políticas, cartilhas, revistas e jornais, que mesmo de maneira aperiódica tem contribuído para a permanência dessa produção militante³¹.

Os vestígios dessa produção "historiográfica", como dissemos acima, encontram-se inicialmente registrados na imprensa operária, que sobreviveu de diferentes maneiras, às ditaduras civis e militares e que agora se encontram disponíveis em bibliotecas públicas, acervos digitalizados na internet, nos demais arquivos institucionais e acervos pessoais. Aliado aos esforços desses militantes de constituírem uma pesquisa sobre seu *fazer-se*, de buscar entender sua trajetória, as pesquisas que temos em curso busca dar conta de outras dimensões do movimento anarquista em terras brasileiras e portuguesas.

O fato de o Anarquismo ser uma ideologia nitidamente vinculada à contestação nas sociedades em que sua política tomou forma, que questiona na base os princípios da sociedade capitalista, torna a produção desse tipo de conhecimento muitas vezes incompleta. As dificuldades de pesquisa estão vinculadas inadvertidamente apenas aos materiais que "sobraram", já que muitas vezes esses acervos tiveram que ser mudados de países para sobreviver. Nesse sentido, é simbólico imaginar como junto a um conjunto de inúmeros deportados dos dois países caminhava junto com eles um sem número de produções e escritos, e dali onde aportavam, retomavam consigo as ideias e a palavra impressa dos "lugares" de partida e chegada. Não por acaso, qualquer pesquisa que verse sobre o movimento operário durante as "primeiras repúblicas" de Brasil (1889-1930) e de Portugal (1910-1926) se encontrará em maior ou menor grau, em alguns momentos dos estudos, com os temas da imigração, da repressão, da tortura e das deportações.

Quando adentramos ao estudo do Movimento Operário no início da República brasileira, assim como nas décadas anteriores a República em Portugal (que se instala em 1910), desponta logo à vista a íntima ligação entre a organização política dos trabalhadores e a Educação. Por isso, movimento operário, movimento anarquista e educação libertária são, neste período, termos que estão intimamente ligados, sobrevivendo mutuamente em todo seu conjunto de experiências diárias. A predominância da agitação libertária dentro do Movimento Operário nos dois países é sintomática, organizando centenas de ações educativas aliadas ao vigoroso crescimento organizacional da classe naqueles idos.

³¹ Fundada em 2012, a Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) é uma organização política que articula 11 organizações políticas anarquistas distribuídas nos estados brasileiros. Fonte: <<https://anarquismo.noblogs.org/>>. Acesso em: 21 abr. 2019. Importante dizer que além da CAB, grupo político e público que nos parece mais organizado em termos nacionais, há também uma série de agrupamentos menores do ponto de vista numérico, mas que também possuem importância na produção de propaganda política libertária. Pela quantidade de grupos seria impossível listá-los aqui.

A Educação é o tema de maior centralidade das páginas libertárias, ela está vinculada por um lado à propaganda necessária visando à revolução social proposta, e por outro lado se coloca como a base que garantiria a consistência e maturidade dessa revolução – evitando assim contrarrevoluções. Este é um ponto comum da ação libertária em todos os tempos e lugares que possamos pesquisar sobre a História da Anarquia. E isso acontece porque a revolução para os anarquistas pressupõe não apenas ou prioritariamente uma mudança política³², mas, sim, uma “revolução social”, posto que portadora de uma radical transformação de toda a cultura de organização política, aliada, em simultâneo, a autogestão econômica e principalmente de uma inequívoca mudança de princípios e novos valores, donde a educação assume preocupação de destaque. Na ótica libertária, não existe hierarquização entre essas esferas de luta, todos os avanços devem ser trabalhados em conjunto.

Nesse sentido, as experiências anarquistas em educação tendem a estar historicamente ligadas aos projetos de emancipação da classe trabalhadora. Não à toa, as experiências educativas dos anarquistas começam a tomar forma justamente aliado às associações de classes e com a criação de espaços organizados nessas próprias associações ou mantidos por elas.

Isso demonstra não só a preocupação dos anarquistas com os filhos das classes trabalhadoras, criando nos mais novos, desde pequenos e jovens, a disposição, a vontade e a necessidade da luta diária contra a exploração, bem como a formação política necessária a toda massa de trabalhadores, que ainda que extenuados da pesada labuta diária, se dedicavam muitas vezes no período noturno a ir a sede do sindicato tomar aulas, aprender algum ofício ou simplesmente assistir uma conferência sobre um livro ou tema específico.

É válido ressaltar, portanto, que neste período o sindicato se reverte de uma aura muito diferente da experiência sindical dos nossos dias. Jose Prat, sindicalista e anarquista espanhol, chama atenção para este ponto que liga a experiência sindical e a importância do conhecimento para superar a disciplinarização das massas e a ignorância da maioria da população. No livro de Prat, chamado *Necessidade de Organização*³³ – que foi lido como conferência pública no centro da Federação Metalúrgica da Barcelona a 31 de outubro de

³² Como é defendida por outros setores que reivindicam o Socialismo. A corrente marxista, por exemplo, acredita ser necessária prioritariamente uma “revolução política”, e desta adviria todas as outras transformações, sejam elas econômicas ou morais.

³³ PRAT, José. *Necessidade da Associação*. José Prat. Biblioteca de Propaganda Social. Nº 3. Tradução de Pinto Quartim. Lisboa: Oficinas Gráficas da Empresa Editora Popular. Exemplar consultado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

1913 e traduzido por Pinto Quartim³⁴ em Lisboa—, vemos a crítica do anarquista espanhol, que àquela altura tinha na imprensa libertária portuguesa e brasileira ampla leitura:

[...] a burguezia tem meios de defeza e de ataque variadissimos. Conta com o espirito de obediencia das massas trabalhadoras inoculado pela religião e aproveitado pelo Estado. Conta com o **ensino oficial que, nas universidades e nas escolas, desnatura e contraria ou desvirtua a verdade científica**. Conta com a inércia da massa rotineira que espera que se lhe dê tudo feito e acabado. Conta com o medo que a ignorancia tem no carcere. Conta com o poder reduzir a fome os explorados. E conta, em último caso, com a força material que a **ignorancia proletaria** lhe fornece em forma de exercitos. Tudo isto sem contar com os mil e um diversos meios indirectos, **como a imprensa diaria e outros, com que desvia, a seu bel-prazer, a opinião publica**(grifos nossos).

As experiências libertárias em educação tinham como defesa a concepção de que a Educação acontece durante toda a vida, apreendida como necessária, imponentemente, a todos os indivíduos que almejam em um primeiro momento entender a realidade que o cerca e, de posse desse conhecimento, lançar mão deste para criar uma realidade que suplante os males da "civilização capitalista".

Retomando nossa atenção em relação à produção acadêmica sobre o movimento operário, vale ressaltar que já em 1982, Emília Viotti da Costa chamava atenção para as disputas acadêmicas em torno do movimento operário, no que ela chamou de "campo mais controverso na historiografia brasileira". Segundo Costa, além das querelas naturalmente alimentadas no meio acadêmico, começaram a surgir outras questões acadêmicas que derivaram de conflitos ideológicos e políticos do momento, época de forte efervescência política marcada pelo final da ditadura civil-militar e da "redemocratização" do Brasil. A autora ainda chama a atenção dos historiadores para essa problemática dos possíveis usos da história. Ela se refere àquele cenário em que a História se referia mais do que como "estudo do passado" e sim como "instrumento da ação presente", correndo o risco de a historiografia corroborar com uma História "para justificar práticas políticas contemporâneas".³⁵

No campo das pesquisas sobre o movimento anarquista, tomamos o estudo do historiador Allyson Bruno, que desenvolveu pesquisa singular analisando a produção

³⁴ Antônio Thomás Pinto Quartim (1887-1970): jornalista e militante anarquista nascido no Brasil e que teve boa parte da sua militância desenvolvida em Portugal. Quartim foi expulso duas vezes de Portugal, enviado de volta ao Brasil. A primeira vez em 1907, por conta da sua participação como organizador da greve estudantil, que ficou conhecida como *Questão Acadêmica*, e a segunda vez, em 1913, portanto, já em plena vigência da República em Portugal, acusado de participação da política portuguesa, sendo cidadão brasileiro. Residiu também em Angola, entre os anos 1930 e 1936.

³⁵ COSTA, Emília Viotti. A Nova Face do Movimento Operário na Primeira República. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2: 217-273. Set, 1982.

historiográfica entre o final da década de 1970 e 1980³⁶. Bruno chama de “produção militante” uma primeira leva de estudos realizados por antigos militantes anarquistas que mudaram de orientação ideológica (migraram para o marxismo). Ele coloca que existe uma demarcação cabal por parte desta "produção militante" de separar em dois os períodos da classe operária.

Em um primeiro momento, chamado por essa historiografia pejorativamente de “pré-história do inconsciente”, a classe operária seria caracterizada como fraca, formada em grande medida por mulheres e crianças, com baixa industrialização e como uma liderança pequeno-burguesa (difamação habitualmente atribuída aos anarquistas, por parte dos comunistas) e por isso mesmo "seria responsável pelas derrotas dos trabalhadores". Em um segundo momento – e segundo essa historiografia –, marcando essa ruptura, teria o surgimento do Partido Comunista Brasileiro (PCB), chamado de “período consciente” da classe trabalhadora, onde essa categoria passa a se entender como classe, porque agora possuiria uma "direção revolucionária" e um "partido de classe", que, no entendimento destes, supriria a ausência política estratégica dos anarquistas da suposta primeira fase.

Bruno ainda caracteriza três tendências de estudos sobre o Anarquismo no Brasil, com recortes temporais bem delimitados (que implicou também métodos e temas históricos diferenciados). Além desta primeira tendência, que seria de uma “produção militante”, notadamente desenvolvida por escritos de antigos anarquistas que migraram ideologicamente para o comunismo marxista, com a presença principalmente de nomes como Everardo Dias, Astrojildo Pereira e Octávio Brandão.

Uma segunda tendência seria a da “interpretação sociológica”, caracterizada pelos escritos de Fernando Henrique Cardoso em seu *Proletariado no Brasil: Situação e Composição Social*³⁷; por Leôncio Martins Rodrigues em *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*; por Juarez Brandão Lopes com *Os ajustamentos do trabalhador à indústria: mobilidade social e motivação*,³⁸ e em outros, como José Albertino Rodrigues³⁹ e Azis Simão⁴⁰. A terceira tendência seria a produção própria da historiografia acadêmica. De forma detalhada, ele realiza uma análise de quinze produções acadêmicas sobre a atuação libertária no Brasil. Apesar de ambos os trabalhos centrarem sua análise em trabalhos produzidos no

³⁶ BRUNO, Allyson. *Historiografia da Atuação Libertária: a produção dos anos 1980*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, 2002.

³⁷ CARDOSO, Fernando Henrique. *Proletariado no Brasil: Situação e Comportamento Social*. *Revista Brasiliense*. nº 41, ano 1962.

³⁸ Podemos encontrar essas mesmas teses no livro de LOPES, Juarez Brandão. *Desenvolvimento e Mudança Social*. Formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

³⁹ RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1968, p. 9.

⁴⁰ SIMAO, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo: Ática, 1981.

eixo Rio-São Paulo, que diz respeito também a própria centralidade dos programas de Pós-graduação na década estudada, eles foram importantes por anunciarem novas perspectivas analíticas e novas abordagens teóricas.

Ainda sobre essa abordagem de Bruno, é importante ressaltar que ele constrói um resumo importante de como essas tendências dos estudos sobre o anarquismo no Brasil formularam e reproduziram uma série de julgamentos equivocados sobre a ideologia anarquista, que levaram muito tempo e pesquisa para serem suplantados pela historiografia posterior. Muitos desses estudos colocaram como quase “princípios imanes” do anarquismo, uma série de insucessos “conquistados” pela classe trabalhadora. Temos exemplos dessa visão nas três tendências elencadas por Bruno. Para citar apenas alguns exemplos vistos da chamada “produção militante” dos comunistas marxistas Astrojildo Pereira e Octávio Brandão:

As grandes greves e agitações de massa do período 1917-1920 puseram a nu a **incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo** para resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica [...] A bancarrota do anarquismo fora total e com ela ficou encerrado um longo período da história do movimento operário brasileiro. O **conseqüente surgimento do Partido Comunista**, ao mesmo tempo que assinalava o início de um novo período **era também a revelação de que as lutas precedentes haviam produzido um rápido amadurecimento político da classe operária brasileira, que assim mostrava compreender qual o papel histórico que lhe caberia à frente da revolução social e nacional em marcha**”.⁴¹

No domínio da História, **o anarquismo foi um desvio e um passo atrás**, em comparação com a doutrina de Marx e Engels, nascida em 1848 [...] O anarquismo é responsável por toda uma série de derrotas do movimento operário e popular no Brasil, na América Latina, em Portugal, Espanha e Itália.”⁴²

Nota-se pelo teor das exposições acima, ainda que pretensiosamente revestidas de um verniz cientificistas destas vozes, que esta produção tem muito a ver com os desejos destes militantes, que utilizam principalmente os recuos e recursos da memória, algumas vezes também embotados pelos encarniçados debates do qual tomaram parte em suas trajetórias, havendo, contudo, uma ênfase na demarcação dos exemplos a serem seguidos. Por este motivo, existe em pequena escala nesses escritos, ao que nos parece, uma reflexão e autocrítica sobre a vida política desses militantes, mesmo porque também eles fizeram parte do movimento anarquista que afirmam combater posteriormente. Interessa, portanto, colocarem suas trajetórias como exemplo a ser seguido, de como ser um “verdadeiro

⁴¹ PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios Históricos e Políticos*. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1979, p. 61.

⁴² Retirado por Bruno do livro: BRANDAO, Octávio. *Combates e Batalhas*. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1978.

militante”, de como suas trajetórias assumiram um caráter "evolutivo", de retidão militante e que deve auxiliar aos caminhos de outros.

Nos escritos das chamadas “sínteses sociológicas” e nos primeiros estudos historiográficos sobre o anarquismo, vemos também o desenrolar de outras discussões que, com o tempo, se cristalizam nas produções acadêmicas em torno no anarquismo tanto no Brasil como em Portugal. O mito da *planta exótica* (que vemos como discurso nos dois países) e o mito do fim da presença do anarquismo no Brasil, a partir de 1922 ou em 1930, são apenas dois dos exemplos que aparecem como característica evidente em várias pesquisas.

A historiografia recente tendeu a refutar esses dois mitos relacionados à agitação anarquista no Brasil, demarcando uma falta de sustentação teórica a partir do surgimento de pesquisas contrariando esses dois pontos. Com o tempo, parece claro que o mito da *planta exótica*, do *imigrante radical*, se demonstrou como um discurso instrumentalizado e criado pela burguesia dos dois países para difamar, acosar e deportar centenas de imigrantes⁴³ (ainda que tenham justificativas diferentes nos dois países), mas que foi durante algum tempo alimentado e incorporado por uma parcela de historiadores. Tanto em Portugal quanto no Brasil o discurso da *planta exótica* prosperou durante bastante tempo, as forças conservadoras de ambos os países se referiam ao anarquismo como ideologia estrangeira, importada artificialmente, como erva daninha destruidoras destas sociedades.

O interesse era claro: mostrar que o anarquismo seria incompatível com o “povo brasileiro” ou com a "sociedade portuguesa"; por natureza marcados pela “cordialidade” (no caso brasileiro) e pela defesa de uma “paz social” defendida na época, discurso que interessa justamente ao estabelecimento das normas republicanas instituídas em ambos os países. Importava ali, fazer parecer que a natureza dessas sociedades era pacífica e ordeira, não sendo afeita aos radicalismos dos “bárbaros” e “terroristas” anarquistas.

Com o desenrolar de novas pesquisas em outras regiões brasileiras, fora do eixo sul-sudeste, portanto em regiões que absorveram em menor quantidade a mão de obra imigrante, foi possível constatar que o impacto das ideias anárquicas não foi motivado apenas pela presença do imigrante⁴⁴ – até porque boa parte desses imigrantes não chegavam anarquistas em terras brasileiras, eles "aprendiam", tornavam-se anarquistas em meio ao

⁴³ Cf. SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002. Para a leitura da Lei Adolfo Gordo, responsável pela deportação de centenas de militantes deste país. Fonte: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1641-7-janeiro-1907-582166-publicacaooriginal-104906-pl.html>>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

⁴⁴ Como exemplo desses estudos podemos ver o excelente trabalho biográfico em torno da vida do militante anarquista Pedro Motta, que viveu os anos mais intensos e repressivos contra o anarquismo e esteve na linha de frente das fileiras libertárias, tanto em Fortaleza, quanto no sudeste. Cf. BRAGA, Victor. *Pedro Augusto Motta: Militância Libertária e Verbo de Fogo*. Op. Cit.

imenso caldeirão político que era o movimento operário de então. Portanto, no nosso entendimento, aferido pelas leituras e pesquisas alcançadas neste trabalho, não cabe endossar a ideia amplamente propalada de que a agitação operária e a predominância anarquista nesse movimento é "causa" e "culpa" do fenômeno da imigração, do estrangeiro e das ideias "nefastas" e "daninhas" que com eles aportaram.

No alcance de uma mensuração da implicação da presença imigrante no Brasil e de suas vinculações com as lutas deste período, é lugar comum afirmar o aspecto quase que decisivo do imigrante na potencialização da luta de classes no Brasil. Se é verdade que não podemos dirimir este ponto, esquecer ou desbotar tal presença, é importante afirmar que por si não explicaria sozinho as centenas de greves espalhadas por todo o país. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, é no mínimo razoável supor que as lutas deste período não devem ser creditadas unicamente ao "elemento imigrante e subversivo". É digno, e crível perante o acervo documental assente na documentação dos estudos da imigração, o reconhecimento de grande parcela dos imigrantes que de vários países vieram (muitos deles fugidos de guerras, conflitos ou expulsos de seus países).

No entanto, se é certo que muito imigrantes traziam consigo um histórico de lutas (até mesmo fugindo das perseguições e deportações dos seus países de origem), também é verdade que muitos deles vieram justamente em busca simplesmente de dias melhores para as suas famílias, e apenas depois da estada em solo brasileiro é que tomaram consciência e parte nas agitações do seu tempo. Um exemplo disto é que essa "massa imigrante" não era, obviamente, homogênea, ela vinha de muitos países, boa parte deles inclusive seduzidos pela propaganda governamental brasileira no período. Ou seja, a face da imigração no Brasil é extremamente complexa e multifacetada, são muitas origens e motivações igualmente muito várias para o trânsito entre os países. Alguns, por exemplo, vindos do campo e indo diretamente para as regiões campestres, portanto não tomando parte das grandes agitações das cidades.

É diante deste cenário que não se justifica afirmar que a obra do anarquismo no Brasil seja fruto apenas do fenômeno da imigração europeia. Esta tese de que o anarquismo foi apenas "trazido" pelos imigrantes negligencia a princípio três aspectos importantes da história desse período. O primeiro deles é de que havia também um fluxo de brasileiros que iam a Europa em busca de formação acadêmica/intelectual ou a trabalho, e que nesse percurso tiveram longos contatos com as novas ideias de turno no continente europeu, como a ideologia anarquista. Talvez um bom exemplo neste ponto seja o republicano Benjamim Motta, também redator na época aos vinte anos da primeira Constituição republicana, que

após passar alguns anos em Paris retorna aliado dos libertários, afirmando em pouco tempo sua defesa do Anarquismo. O segundo aspecto é de que muitos destes imigrantes não eram "militantes" nos seus países de origem, mas, como dissemos, se tornam ao chegar no Brasil. O terceiro aspecto é que os enormes esforços em torno da atividade editorial dos militantes brasileiros e não brasileiros residentes no Brasil visava justamente garantir a propaganda necessária do anarquismo e, com isso, das novas ideias libertárias em educação. Foi este último ponto, o esforço editorial e o enorme número de periódico abertos, muito provavelmente, que melhor justifica a formação militante e rebelde dos libertários envolvidos com as lutas travadas pela questão social no Brasil.

Sobre o “mito do fim”, igualmente amplamente propagado em algumas pesquisas, de que o Anarquismo teria desaparecido como força social e organizativa nos movimentos sociais, nos anos 1920, mais uma vez as pesquisas recentes provaram terem sido as primeiras pesquisas insuficientes para determinar o tal “marco”. Algumas dissertações e teses realizadas desde a década de 1990 já demonstraram com largas evidências em pesquisas o questionamento dessa tese "do fim".

Talvez o primeiro estudo que tenha começado a desmistificar essa tese foi o de Raquel Azevedo, *A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*⁴⁵. Abordando um período um pouco mais extenso do que o tradicionalmente discutido nos estudos sobre o Anarquismo até o período de sua pesquisa, ela inova já no primeiro capítulo de sua obra, onde faz um questionamento sobre essa historiografia que tentou invisibilizar o anarquismo e os anarquistas pós décadas de 1920 e 1930, citando inclusive a obra *Novos Rumos (pesquisa social 1922-1946)*⁴⁶, de Edgar Rodrigues, como exemplar que demarca com variados documentos pessoais a permanência dos anarquistas nos movimentos sociais, sobretudo de seus embates com os comunistas. Raquel Azevedo pesquisa também nos capítulos seguintes de sua obra, as modalidades de associações dos anarquistas, sobre os princípios que balizavam sua organização a auto-organização destes trabalhadores e sobre os meios pelos quais esses trabalhadores agremiavam outros pares para promover a luta social no curso das resistências cotidianas, que iam da permanência da organização sindical até mesmo da manutenção das experiências de grupos de estudos e bibliotecas sociais.

Outro importante estudo que demonstra a permanência da referência libertária no período pós 1930 é o estudo *Imprimindo a Resistência: A Imprensa Anarquista e a Repressão*

⁴⁵ AZEVEDO, Raquel. *A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

⁴⁶ RODRIGUES, Edgar. *Novos Rumos (pesquisa social 1922-1946)*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1976.

Política em São Paulo (1930 -1945), de Rodrigo Rosa da Silva. Nele, é possível encontrarmos vários indícios que demonstram a permanência da organização anarquista no período pós 1930, ou seja, ajudando a desconstruir a ideia segundo a qual o anarquismo teria deixado de existir durante este período. Silva coloca a permanência de alguns jornais ácratas, como *A Lanterna*, *A Plebe* e *O Trabalhador*, e faz uma boa pesquisa sobre os livros apreendidos pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP), sobre a infiltração policial no movimento anarquista e sobre a resistência do anarquismo a polícia e a nova legislação trabalhista do Estado Novo.

Outra dissertação que discutiu e nos trouxe importantes contribuições críticas a esse “mito do fim” do anarquismo no Brasil nos anos 1920 foi a dissertação *Elementos Inflamáveis: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964)*, de Rafael Viana da Silva. Nesse estudo, Viana discorre criticamente sobre essa problemática do recorte temporal e afirma ter sido justamente esse um dos motivos que o levou a pesquisa do jornal *Ação Direta*, que circulou periodicamente entre os anos 1946 a 1959.⁴⁷ Viana questiona criticamente também alguns posicionamentos do historiador britânico Eric Hobsbawm sobre o anarquismo. Ele cita:

Longe do anarquismo desaparecer “com os reis e imperadores a quem seus militantes tão freqüentemente tentaram assassinar”, como sugere Eric Hobsbawm, (espantado pelo ressurgimento do anarquismo na década de 60), **seus militantes no Brasil prosseguiram no trabalho de articulação durante o período de 1945 a 1964**, antes, portanto, do período conhecido como Maio de 68. Período que é caracterizado erroneamente como um suposto “retorno” do anarquismo à cena política, ignorando que internacionalmente o fio condutor nunca foi totalmente “rompido”⁴⁸ (grifos nossos).

Sobre essa crítica ao historiador inglês, Viana também fez elaborou um artigo chamado *Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm: reflexões críticas de sua abordagem sobre o anarquismo*.⁴⁹ Ele centra sua análise sobre o livro *Revolucionários*⁵⁰, de Hobsbawm, e a partir dessa interpretação nos ajuda a uma melhor compreensão do que entendemos sobre o

⁴⁷ O jornal *Ação Direta* era um veículo de informação e luta dos libertários no Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Era editado e distribuído principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e contava com a participação importante de militantes como Juan Peres, José Oiticica, Roberto das Neves, Ideal Peres e outros. Para mais informações sobre esse jornal consultar o *EMECÊ*, Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa. Ano V, Nº 15. 2010.

⁴⁸ VIANA, Rafael. *Elementos Inflamáveis: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964)*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

⁴⁹ Esse texto foi editado e saiu na forma de livro pela Faísca Publicações Libertárias. *Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm: reflexões críticas de sua abordagem sobre o anarquismo*. São Paulo: Faísca, 2014.

⁵⁰ HOBBSBAWM, Eric J. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Anarquismo, ajudando a “tornar mais complexas as análises e desmistificar determinados estereótipos” sobre essa ideologia.

Esse debate inscrito no referencial teórico que vamos utilizar é importante porque hoje temos um acúmulo de produções acadêmicas que se dedicam ao anarquismo e que são depositárias muitas vezes de conceitos e interpretações caras ao discurso motivado pelo preconceito político, e que pouco tem a ver com os escritos produzidos pelos anarquistas. É um debate que estará sempre em curso e que motiva cada vez mais as pesquisas sobre a história do Movimento Operário e do Anarquismo em Língua Portuguesa.

Esse estudo está vinculado, resumidamente, a dois movimentos historiográficos. Em primeiro lugar, às teses da corrente historiográfica da História Social, na medida em que nosso texto e suas análises miram, especificamente, aos exercícios da classe operária em movimento. Adentrando a um conjunto de fontes relativas a essa classe e mais, a uma ideologia específica que outrora majoritária no campo operário (se considerada o tempo histórico e os dois países da nossa investigação), sofreu ao longo do tempo uma forte oposição acadêmica, via presença marxista na academia e na memória social estabelecida pela república e pelo capitalismo. Em segundo lugar, nos ligamos teoricamente e, portanto, metodologicamente, aos estudos da História da Educação Comparada, visando desnudar as características transcontinentais e demais teias de discursos relativos ao fluxo das ideias compartilhadas entre os dois países.

2.2 As fontes, a escolha temática e o recorte temporal

A escolha temática desta pesquisa, assim como qualquer outra, carrega certamente nexos com as preocupações que são caras ao pesquisador. Neste caso, além de um pouco mais que uma década de ofício de professor e de uma década e meia de inserção no movimento anarquista, soma-se a esta pesquisa alguns mergulhos na história do anarquismo, que vêm sendo maturados parcialmente desde os bancos da graduação da licenciatura em História, passando depois pelo mestrado e chegando ao curso de Doutorado em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Os trabalhos de pesquisa realizados até o mestrado, ainda que já iniciados da pesquisa em perspectiva comparada, estiveram parcialmente distantes da perspectiva internacional⁵¹. Esta última foi ganhando corpo durante a realização da pesquisa doutoral, que

⁵¹ O estudo de mestrado teve como foco central uma investigação sobre a circulação do conhecimento pedagógico anarquista europeu no Brasil entre as primeiras décadas do século XX, buscando alcançar inclusive a

ora apresentamos, sendo mantida a temática e lógica de pesquisa anteriormente percorrida, de desenvolver pesquisas dentro da Educação Libertária como componente maior, e que faz incursões neste momento à perspectiva da pesquisa comparada em História da Educação, por meio da investigação da circulação das ideias anarquistas tanto a nível nacional (na circulação pelo interior dos dois países), quanto internacional. Sendo assim, é nossa disposição anunciar um conjunto de periódicos e iniciativas que não ficaram apenas entre os centros urbanos mais densos e sim que essa atividade militante acontecia nas mais diversas regiões.

No Brasil, tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro tivemos uma agitação relevante, mas também tivemos agitação e educação libertária do Ceará ao Rio Grande do Sul (como veremos mais a frente). É possível encontrar desde exemplares de escolas e conferências libertárias no Ceará, sob os auspícios de Moacir Caminha, quanto no Rio Grande do Sul, com Polidoro Santos e Djalma Fettermann. Em Portugal, demonstrar também desde o sul, em Beja, com a educadora Deolinda Lopes Vieira, até o Porto e Coimbra, com nomes, como Neno Vasco, Pinto Quartim e Campos Lima, oriundos dos bancos da Universidade de Coimbra e até da agitação nas ilhas, com Adriano Botelho em Angra do Heroísmo e nas Colônias, como fora a participação em Angola e Moçambique, do militante Pinto Quartim e do grande intelectual, cientista, biólogo e anarquista Aurélio Quintanilha (catedrático da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa).

Aurélio Quintanilha, inclusive, no prefácio da sua obra *Educação de Hoje, Educação de Amanhã*⁵² (dissertação para o exame de Estado para a Escola Normal Superior de Coimbra), nos coloca parte dos anseios que ali tomavam suas preocupações. Citando Pestalozzi em seu desiderato por se tornar mestre-escola, ele afirma desde ali os princípios dos educadores de seu tempo, marcado pela defesa do conhecimento, da ampliação deste conhecimento que deveria chegar às massas, e principalmente de uma união deste conhecimento com a causa revolucionária. Natural que seja, dentro deste ponto de vista dos libertários, a aplicação de uma educação que não se pretende qualquer, afeita apenas aos conhecimentos técnicos. Quintanilha, nesse texto, apaixonadamente dispara sua vinculação com a educação: “*No meio dêste séculode um sórdido materialismo, acotovelado incessantemente pelo que disputam, numa luta feroz, o pão de cada dia, uma só ambição me consome: ser professor*”.

capilarização dessas ações em solo brasileiro. Cf. OLIVEIRA, Francisco Robson Alves de. *Educação e revolução social nas páginas libertárias: a circulação do conhecimento pedagógico anarquista europeu no Brasil entre as primeiras décadas do século XX*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

⁵² QUINTANILHA, Aurélio. *Educação de hoje: Educação de Amanhã*. Dissertação apresentada para o exame de Estado da Escola Normal Superior de Coimbra. Coimbra: Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, 1921.

Se naquele momento, durante o período compreendido entre as décadas de 1900 e 1930, particularmente os anos que mais nos dedicamos neste trabalho investigativo, os educadores anarquistas em escala internacional se movimentavam e se afirmavam como principais inimigos frente à Igreja⁵³ e ao Estado, era obviamente porque, na sua ótica, incorporavam nestes, como veremos mais tarde, os princípios e projetos conservadores dos mesmos sujeitos sociais⁵⁴ que hoje tentam posturas similares de reação no campo da Educação e da Cultura no Brasil.

Para o recorte espacial desta pesquisa, tratamos de recuperar alguns indícios achados durante as pesquisas de graduação e, principalmente, contidos na nossa dissertação de mestrado que demonstravam pelo menos parcialmente a movimentação educacional anarquista entre Brasil e Portugal. No decorrer desta pesquisa de tese, como tentaremos demonstrar nas seções seguintes, diante das inúmeras fontes consultadas, os indícios se consubstanciaram em sujeitos, locais, ações educativas e iniciativas do livro e da leitura que pronunciavam uma larga experiência operária no campo da educação.

É sobre o desenrolar desses indícios que trata o nosso estudo. Estes indícios que, outrora pareciam ser tão poucos, após a nossa busca, deram lugar a uma multiplicidade de impressos que reuniam e organizavam a vasta obra educativa, e que precisava de ordenamento capaz de ser lido como projeto e prática educacional. A seguinte passagem por demais salutar de Umberto Eco nos ajudou a refletir no emaranhado de fontes obtidas: "*às vezes, a tese é um puzzle: você dispõe de todas as peças, cumpre fazê-la entrar em seu sentido*"⁵⁵. É esse o esforço que faremos aqui, tentar reunir *sentido* em meio a um conjunto muito vasto de documentos obtidos nos dois países, tentando demonstrar como a educação libertária esteve presente e ligou os dois países, o que revela como os educadores estiveram se movimentando e quais práticas construíram ou tencionaram construir em meio à dura realidade da batalha diária dos que pouco tinham.

⁵³ Vale destacar que hoje podemos asseverar que a Igreja no campo da educação tem atuado de maneira muito diversa, com parte da sua ação educativa vinculadas também ao campo progressista - particularmente após as leituras teológicas e políticas da Teologia da Libertação, que com influência para além das pastorais sociais conseguiu também influenciar vários seguimentos e ordens religiosas. Cf. PREISWERK, Matthias. *Educação popular e teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1997; GIACOMELLI, Gabriele. *'Igreja Viva' Uma Análise da Dimensão Educativa da Ação Pastoral Popular da Arquidiocese da Paraíba (1966-1973)*. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

⁵⁴ Temos de destacar também a participação de uma classe média difusa que se anima em favor das pautas conservadoras, particularmente muito amalgamada com os setores evangélicos neopentecostais, mas também, e não sem algum motivo, por setores da Igreja Católica no Brasil, nomeadamente a Renovação Carismática Cristã (RCC) de forma mais ampla, ou então no caso específico de Fortaleza, por comunidades católicas como a Comunidade Obreiros da Tardinha (COT), a Comunidade Católica Shalom e a Comunidade Católica *Face de Cristo*.

⁵⁵ ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 206.

O processo de localização e constituição das fontes, que inicialmente reunia alguns conteúdos já utilizados nas pesquisas passadas e somados a alguns outros documentos conseguidos com pesquisadores brasileiros, foi incrementado com o período de pesquisa realizada em acervos de Portugal. Um breve, porém frutífero, período de dois meses para consultas a acervos situados entre Lisboa e Porto serviu largamente para o crescimento exponencial das fontes deste trabalho, assim como, certamente, foi uma experiência decisiva sob muitos outros aspectos, que abriu novos olhares em relação ao estudo realizado. Nesse ponto, tanto teve influência positiva o enfrentamento de questões de pesquisa— como, por exemplo, a experiência de contato com diferentes instituições de guarda documental, como o necessário tato diferenciado com os pesquisadores do país estrangeiro.

Sem dúvida, os caminhos trilhados por este pesquisador no decorrer dessa investigação o incitaram, decisivamente, a pensar no "que fazer" a mais sobre a temática escolhida, diante dos novos "dados" coletados. Sobre estes locais, vale citar a consulta de dois meses ao acervo da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), ao Arquivo de História Social (AHS), à biblioteca do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ULisboa) e o levantamento feito junto à Biblioteca Pública Municipal do Porto. Essas consultas enriqueceram as que realizamos anteriormente no Brasil, a partir dos materiais já coletados, no Arquivo Edgar Leuenroth (Campinas), no Centro de Documentação e Memória (CEDEM), no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro) e na Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), posto que somamos a muitos e variados achados sobre as relações entre Brasil e Portugal, principalmente na divulgação de ideias anarquistas vinculadas a tradição da Educação Libertária.

Nesse processo de captação de fontes para esse trabalho cabe ressaltar que o momento em que este texto final de tese foi estruturado, assume desafio decisivo para a escrita da história do anarquismo, em face do volume de informações processadas, especialmente pelo momento tecnológico que estamos vivendo no campo da pesquisa. Refiro-me ao fato de que, se até aproximadamente meados dos anos 2000 as pesquisas necessitavam da presença física dos pesquisadores nos locais onde estavam as fontes, hoje vemos uma situação bem diferente no quesito acesso a esses materiais por meio de consultas na internet, via enormes bancos de arquivos.

O processo de digitalização da documentação pelo qual passou e passam muitas das instituições de guarda documental estão sendo decisivos para descentralizar muitas pesquisas que outrora dependiam obrigatoriamente da presença do pesquisador, tornando muito mais fácil o acesso a muitas obras. No Brasil, a Hemeroteca Digital da Biblioteca

Nacional talvez seja o melhor exemplo de digitalização que temos atualmente, tanto pelo conjunto de materiais disponíveis para consulta, quanto pela qualidade do processo de digitalização e as muitas funcionalidades disponíveis no site. O Arquivo Nacional também pouco a pouco sedia digitalmente um conjunto muito grande do seu acervo em formato digital, ainda que os mecanismos de busca não sejam tão sofisticados quanto ao da Biblioteca Nacional, se torna uma referência pelas fichas documentais dos arquivos digitalizados, com um amplo conjunto de dados de enorme valia para o pesquisador.

Já em Lisboa, além da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), que também disponibiliza um grande conjunto do seu acervo no formato digital, vale ressaltar as iniciativas sob guarda universitária de raro empenho conduzidos pelo Arquivo de História Social da Universidade de Lisboa (ULisboa), também com parte de seu acervo digitalizado, e do site Casa Comum. Este site, desenvolvido e mantido pela Fundação Mário Soares, disponibiliza documentação histórica de diferentes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), e foi essencial também para a construção do acervo que utilizamos. Outros dois arquivos merecem destaque e que não devem deixar de ser mencionados é o Projeto MOSCA (Movimento Social Crítico e Alternativo) e o site da "Revistas de Ideias e Culturas (RIC)"; o primeiro sediado nos servidores da Universidade de Évora e o segundo nos servidores do Seminário Livre de História das Ideias, da Universidade Nova de Lisboa. Consideramos que ambos os acervos abrigam um conjunto expressivo de arquivos e disponibilizam hoje um vasto material digitalizado. Este último, da RIC, possui também um excelente mecanismo de buscas que tornam a pesquisa mais precisa, e um grande conjunto de fichas catalográficas dos arquivos, que alimentam sobremaneira o trabalho do pesquisador.

É bem verdade, no entanto, que algumas instituições ainda estão dependentes de uma política privativa de conteúdos que merecem os devidos questionamentos na tentativa de revisá-los. Citamos como exemplo alguns documentos que mesmo já tendo sido digitalizados e podendo ser compartilhadas ao grande público, ainda permanecem reservados apenas aos espaços das redes internas das instituições, restringindo, portanto, o acesso ao conteúdo. Como exemplo desta política, podemos ver na rede interna da BNP, que reserva boa parte do seu conteúdo digital, especialmente de obras raras, apenas para consulta interna, forçando o acesso dos pesquisadores ao ambiente físico da instituição para acessar conteúdos já digitalizados.

Nesses acervos podemos ter acesso a uma quantidade importante de espólios depositados pelos nossos sujeitos sociais pesquisados e por grupos dedicados a memória e a

história do movimento operário. No Arquivo de História Social (AHS), por exemplo, tivemos acesso ao espólio Pinto Quartim e de Deolinda Lopes Vieira, ambos militantes e propagandistas da causa libertária que tiveram mobilidade entre os dois países que observamos nesse estudo. Já no arquivo da Casa Comum pudemos encontrar o acervo do operário gráfico e anarco-sindicalista Alexandre Vieira (1884-1974), que pela importância que teve no movimento operário português e também pelas relações mantidas na imprensa portuguesa deixou recuperado principalmente por Alberto Pedroso, um grande conjunto de correspondências, apontamentos e manuscritos de muitos trabalhos e que podem hoje serem consultados. Esses espólios possuem materiais riquíssimos de pesquisa, na medida em que geralmente pela própria natureza de serem arquivos pessoais, guardarem em si os anseios, as ideias e expressamente os conteúdos da memória arquivística dos militantes, denunciando suas preocupações e intenções de memória e da necessidade da história.

Ao adentrar as fontes obtidas durante o período da investigação, muitas possibilidades de aprofundamento tiveram razoável curso simultaneamente até meados do terceiro ano de pesquisa. A dúvida primeira diante destes cenários era: ou realizar um estudo capitular, mais centrado, por exemplo, em categorias dentro dos sujeitos sociais pesquisados (mulheres educadoras, militantes mais intelectualizados e "não proletarizados", educadores anarquistas autodidatas, e etc.), ou se um estudo que tentasse dar uma visão maior, tentando abarcar uma maior quantidade de sujeitos, ainda que sabidamente com uma leitura mais parcial de cada um deles. Frente a estas possibilidades, optamos pela segunda. Portanto, ao longo do nosso texto tentaremos, na medida do possível, encetar a maior quantidade de sujeitos envolvidos com a prática pedagógica anarquista. Aliado a esta opção, optamos também por trazer, sempre que possível, as vozes de muitos desses sujeitos. Deste modo, tentamos trazer um conjunto relativamente grande de citações, buscando trazer ao leitor além da nossa análise, a própria voz dos militantes, editores e professores libertários.

Como abordagem de pesquisa, nos propusemos realizar um estudo de natureza qualitativa, em detrimento da dimensão quantitativa. Não por entendermos que os estudos com esta finalidade sejam de algum modo pouco importante, nem muito menos por divergência metodológica com esses trabalhos. Estudos valorosos e de fôlego já foram realizados com esmerado grau de êxito em vários campos do conhecimento, e no nosso terreno de estudos não foi diferente. Para citar apenas um deles sobre os libertários em Portugal, e talvez o mais importante com forte viés quantitativo e com importância singular,

temos o estudo *Anarquistas e Operários*⁵⁶, de João Freire, no qual o autor nos revela uma série de fontes e bibliografias, mas também mais de uma centena de quadros comparativos de extrema importância para mensurar a presença e a importância dos anarquistas no movimento operário português e do mapeamento das práticas operárias frente à sociedade como um todo.

No Brasil, também temos algumas tentativas nesse sentido, que ainda que seja nitidamente de menor fôlego, mapeiam algumas instâncias do movimento operário brasileiro, sendo também de extrema importância para o estudo da presença libertária no movimento operário. Uma dessas tentativas para o caso brasileiro, mesmo que como estudo apenas de natureza local, pode ser encontrada na obra *Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 - militantes e organizações*⁵⁷, de Cláudio Batalha. Outro estudo que poderíamos colocar na interseção pelo menos espacial desses dois trabalhos é a série *Os Companheiros* (Volume 1 ao 5), de Edgar Rodrigues, que registra nos 5 volumes uma hercúlea pesquisa de memória social e biográfica de centenas de militantes brasileiros, portugueses e de outras nacionalidades que tentaram a obra revolucionária no Brasil.

O quesito temporal do nosso estudo nos colocou igualmente algumas preocupações. A primeira delas era de como coordenar a escrita da articulação desses militantes e dessas obras educativas relacionando com a história dos dois países. Não demorou para, ao imergir no estudo desses momentos políticos, entendermos que os cenários dos dois países eram de situações políticas muito distintas, no final do século XIX e início do XX, quando a República chega ao Brasil vinte anos antes da sua chegada em Portugal.

No entanto, guardadas as diferenças estruturantes desses dois Estados, a relação destes com a sociedade e, principalmente, como o movimento operário era de uma similitude reveladora. Nos dois países a questão social era tratada como caso de polícia. Tanto a dimensão da associação mútua, tanto a busca de criminalização da propaganda anarquista, eram amplamente combatidas nos dois lados do Atlântico. Prisões, censuras e deportações era regra geral atribuída a todos que tentassem obliterar o *status quo*, seja da República no caso do Brasil, ou da Monarquia ou posterior República portuguesa.

A segunda preocupação era de não entrarmos, no que tange à realidade dos estudos brasileiros sobre o anarquismo, no que chamamos de "mito do fim" no segundo capítulo deste trabalho – tal seja a ideia de que o anarquismo desapareceu do cenário político na década de 1920, como surgimento do PCB. A ideia inicial era de fazermos um esforço de

⁵⁶ FREIRE, João. *Anarquistas e Operários - ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal (1900-1940)*. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992.

⁵⁷ BATALHA, Cláudio H. M. *Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 - militantes e organizações*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

irmos além desse período, mas finalmente, dado os arquivos processados durante a reta final da pesquisa, optou-se pela estruturação do marco temporal até os anos 1930. Não porque o anarquismo "acabou", e sobre isso os estudos citados no primeiro capítulo, como dissemos, são reveladores desse equívoco reproduzido durante algum tempo em nossa historiografia brasileira. Mas porque, ao analisar o conjunto de fontes obtidas, tínhamos visivelmente um número maior de arquivos sobre as primeiras três décadas do século XX, e que nos fez concentrar maiores esforços. Nas décadas seguintes, o conjunto de fontes sofre uma redução grande devido principalmente às duas ditaduras que tomaram conta do Estado brasileiro (tanto da Era Vargas e seu Estado Novo, como a Ditadura Militar iniciada em 1964).

Como duas hipóteses de extensão do marco temporal tínhamos a possibilidade de estudo sobre a Editora *A Inovadora* e *A Sementeira*, viabilizada em São Paulo por Rodolfo Felipe, que manteve também a livraria *Inovações*, ainda quando era editor d'*A Plebe*, o jornal anarquista de maior destaque e longevidade no Brasil. Sobre a ação de Rodolfo Felipe nesse importante jornal anarquista, Edgar Rodrigues relembra que "*Ainda em Portugal, li alguns exemplares de A Plebe, jornal publicado em São Paulo nas décadas de vinte e trinta, tendo como redator principal Rodolfo Felipe, ex-pintor de paredes*". E assinala:

Rodolfo Felipe selecionava as matérias, redigia as notícias e traduzia colaborações do exterior, fazia revisão, o "espelho", escolhia as ilustrações, respondia aos leitores, assinantes, colaboradores, tomava conta da livraria ácrata na redação, atendia aos chamados da polícia e curti punições policiais na prisão do Cambuci por defender e pregar a Liberdade e a Igualdade.⁵⁸

Além dessas possibilidades, e ainda alargando o recorte temporal, teríamos a importante ação editorial e militante de Roberto das Neves a frente da Editora Germinal. Convém lembrar sobre este período pós 1930, e mais precisamente sobre o período entre ditaduras no Brasil (1945-1964) o relevante estudo sobre os impressos anarquistas, realizado por Allyson Bruno⁵⁹. Nele, pudemos visualizar uma cartografia dos impressos e das edições de livros anarquistas no Brasil, durante esse período analisado pós 1930, anunciado por meio de diversas práticas no âmbito da educação, da arte e da cultura anarquista.

Aludimos ainda nessas notas metodológicas a discussão sobre Educação Comparada, a qual se refere aqui fundamentalmente ao fato de que o anarquismo está sendo tratado aqui na perspectiva aproximativa de Portugal e Brasil republicanos, considerando a

⁵⁸ RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Volume 4. Florianópolis: Insular, 1997. p 181.

⁵⁹ VIANA, Allyson Bruno. *Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945 - 1968)*. 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza, 2014.

força dos impressos dessa corrente política em circulação nos dois países e entre eles, o que certamente pode ser explicado pelo passado colonial e língua comum. Sem dúvida, é por meio da língua comum (mesmo que façamos também o estudo de muitas traduções) e do histórico entre os dois países que esse fluxo de militantes e de projetos tem motor, assim como houve também uma maior conexão entre os anarquistas espanhóis e os países de colonização espanhola, como o foram Uruguai, Argentina, Chile, Cuba e outros.

Esta comparação é entendida como dimensão do dinamismo implícito na circulação de jornais e revistas anarquistas no período considerado. Nesse sentido, comparar significa aqui destacar a circulação de ideias anarquistas para a educação de cunho libertário, tomando como guia metodológico nesse campo os estudos de António Nóvoa e Juraci Cavalcante⁶⁰. Ao examinar o percurso dessa área dos estudos comparados, Nóvoa evidencia que o método comparativo em educação tem diferentes correntes discursivas, podendo elas serem alinhadas, resumidamente, da seguinte forma: 1) Historicista; 2) Positivista; 3) Modernizadora; 4) Pragmática (solução de problemas); 5) Crítica; 6) Mundial; 7) Sócio-histórica. Adotamos neste estudo a última perspectiva, por ser ela favorável ao exame da circulação de modelos e sistemas educativos, em contextos históricos definidos por processos mais amplos da economia e da política na modernidade, onde as construções nacionais fazem parte de um amplo cenário globalizado de influências múltiplas e difusão cultural. Valendo-se do estudo de Luís Miguel de Carvalho, ressaltamos ainda que seja importante a “*análise da circulação de discursos sobre educação escolar numa teia de relações multidireccionais, considerando quer as dinâmicas de difusão quer as da recepção activa do conhecimento educacional*”⁶¹. Compartilhamos ainda com Carvalho o conceito de imprensa para este estudo, no qual “*é entendida num sentido plural: como infra-estrutura material, ou condição de produção do conhecimento; como espaço social e cultural da difusão, da interpretação e da negociação desse conhecimento; e como produto dessa mesma rede comunicacional*”⁶². Hannah Arendt também teceu linhas nesse sentido, chamando a atenção para o mundo interconectado, praticamente impossível de atentarmos para ações meramente locais e sem conexões com outras fronteiras de comunicação.

⁶⁰ CAVALCANTE, M. J. M. *História Educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

⁶¹ Ó, Jorge Ramos do. CARVALHO, Luís Miguel de. *Emergência e Circulação do Conhecimento Psicopedagógico Moderno (1880-1960): estudos comparados Portugal-Brasil*. Lisboa: ED/UI&DCE. 2009. p. 157-158.

⁶² *Op. Cit.* p. 158.

Além disso, há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importantes somente para os imediatamente afetados. É justamente essa crença que se tem demonstrado invariavelmente falsa em nossa época: pode-se admitir como uma regra geral neste século [XX] que qualquer coisa que seja possível em um país pode, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país.⁶³

Para nossa pesquisa também foi fundamental as leituras de Edward Thompson, sobretudo a perspectiva a partir de uma “história vista de baixo”⁶⁴. Os procedimentos de pesquisa utilizados pela História Social nos permitem uma aproximação maior com os sujeitos sociais pesquisados. Isso nos proporciona a verificação dos fatos em meio ao conjunto de experiências de classe, que configuram a maior parcela da sociedade, as pessoas comuns. É ao tentarmos “reescrever” a História, atribuindo novos sentidos, aos acontecimentos desse passado, que nos surgem as dificuldades das análises das fontes e da busca por evidências dos objetos e dos nossos sujeitos de pesquisa.

Concluindo essas considerações metodológicas, descrevo abaixo a relação dos jornais e revistas consultados nos dois países, para evidenciar a riqueza de fontes localizadas, as quais propiciam o exame detalhado dos múltiplos aspectos que revelam o pensamento e a educação anarquista em Portugal e no Brasil nas primeiras décadas do século XX:

Quadro1: Fontes citadas da imprensa portuguesa e brasileira nesse estudo

	Periódico	Edições	
Brasil⁶⁵:	<i>Voz do Graphico (CE)</i>	Nº 1, 25/12/1920	
	<i>Boletim da Escola Moderna (SP)</i>	Nº 1, 13/10/1918	
	<i>A Aurora, Panphleto de Crítica Social</i>	Nº 3, out de 1919	
	<i>A Lanterna</i>		Nº 23, 19/03/1910
			Nº 108, 13/10/1911
			Nº 146, 06/07/1912
			Nº 174, 18/01/1913
			Nº 179, 22/02/1913
			Nº 214, 25/10/1913
			Nº 230, 14/02/1914
			Nº 243, 16/05/1914
	<i>A Plebe</i>	Nº 245, 12/02/1927	
<i>Ramo de Acacia</i>	Nº 12,13,14out/dez 1909		
<i>A Vida</i>	Nº 1, 30/11/1914		
<i>Nova Era (MG)</i>	Nº 6, jan de 1907		

⁶³ ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.222.

⁶⁴ THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Volume 3. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁶⁵ Citado aqui apenas as edições de jornais utilizados nas páginas seguintes. De posse deste pesquisador, como acervo digitalizado alcançado especialmente nos últimos sete anos de trabalho, somamos ao todo 259 títulos de periódicos publicados no Brasil. Ao todo, são milhares de edições/exemplares. Pelo tamanho, não podemos mencioná-los aqui.

	<i>Jornal do Recife (PE)</i>	Nº 287, 21/12/1909
	<i>O Início</i>	Nº 2, 04/09/1915
	<i>Boletim do 3º Congresso Operário Brasileiro</i>	Nº 1, ago de 1920
	<i>O Combate</i>	Nº 13, 05/05/1907
	<i>Correio da Manhã</i>	Nº 3011, 14/10/1909
	<i>Ilustração Brasileira</i>	Nº 12, 15/11/1909
	<i>O Ceará</i>	Nº 1669, 17/10/1928
	<i>Jornal do Ceará</i>	Nº 1398, 20/09/1911
		Nº 1413 25/10/1911
	<i>Pacotilha (MA)</i>	Nº 272, 17/11/1909
		Nº 282, 29/11/1909
	<i>A Voz do Trabalhador</i>	Nº 4, 15/08/1908
		Nº 5, 22/11/1908
		Nº 6, 29/11/1908
		Nº 16, 03/08/1909
		Nº 19, 30/10/1909
		Nº 23, 15/01/1913
	<i>O Rebate: doutrinal, instrutivo e noticioso</i>	Nº1, 01/05/1915
	<i>Jornal do Brasil</i>	Nº 181, 30/06/1907
	<i>O Pharol</i>	Nº 319, 10/01/1907
Portugal ⁶⁶	<i>A Batalha</i>	Nº 73, 20/04/1925
	<i>A Comuna – Órgão Comunista Libertário</i>	Nº 41, 13/02/1921
	<i>A Sementeira</i>	Nº 3, nov de 1908
		Nº 15, nov de 1909
		Nº 39, jun de 1919
	<i>Ámanhã – Revista Popular de Orientação Racional</i>	Nº 4, 15/07/1919

Fonte: elaborado pelo autor.

⁶⁶ Além dos jornais listados e presentes nas referências acima, estão à disposição os seguintes periódicos, no formato digitalizado: *A Aurora* (1916-1919) [Porto]: 3 exemplares; *A Batalha* (1919-1921) [Lisboa]: 102 exemplares; *A Batalha* (1919-1923): 7 exemplares; *A Bomba* (1912): 12 exemplares; *A Comuna* (1919) – PS: 1 exemplar, porém com muitas edições; *A Comuna* (1921): 2 exemplares; *A Comuna* (série I, II e III): 64 exemplares; *A Gafanha* (1909): 2 exemplares; *A Nova Aurora* (1919) [Lisboa]: 1 exemplar; *A Terra Livre* (1913) [Lisboa]: 25 exemplares; *Aurora Social* (1919-1920): 7 exemplares com muitas edições; *Comuna Livre* (1915) [Porto-Lisboa]: 8 exemplares; *Germinal* (do Emílio Costa): 2 exemplares; *Livre Exame* (1885-1886): 9 exemplares; *Luz ao Povo*: 4 exemplares; *Refratários*: 6 exemplares; *Revista Luz e Vida* (1905): 8 exemplares; *Revista Nova Silva* (1907): 6 exemplares; *A Alvorada* (1896) - revista litteraria mensal: arquivo único; *A Anarquia* (1919) [Lisboa]: 1 exemplar, arquivo intranet; *A Boa Nova* [1908]: arquivo único; *A Bolsa do Livro* [1943]: arquivo único; *A Educação Popular*: arquivo único, porém com várias edições; *A Greve* (1917-1918): 20 edições, arquivo intranet; *Amor e Liberdade* (1904) - revista de ciências, sociologia, literatura e artes: arquivo único; *Aurora* (1929): arquivo único; *O Anarquista* - União Anarquista Portuguesa (1926): 9 edições, arquivo intranet; *O Barbeiro Livre* (1925): 1 exemplar, arquivo intranet; *O Pensamento Social*: arquivo único, porém com todas as edições; *Portugal Livre* (1960): 1 exemplar; *Rebelião*: 1 exemplar; *União Operária Portuguesa* (1926): 1 exemplar; *Universidade Livre* (1914-1915): vários exemplares, arquivo intranet; *Aurora Revista de Sociologia* (1929): 1 arquivo, porém com todas as edições.

2.3 Educação Anarquista: capítulo de uma história da educação popular

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (Paulo freire)⁶⁷.

A escolha da citação acima não é meramente temática nem casual. Ela tem duplo significado. De um lado ela evoca as teses libertárias ao acentuar uma posição crítica de confronto com as classes dominantes, ocupantes, inclusive, do seu principal instrumento de poder, o Estado. Por outro lado, ao coadunar-se com a posição dos libertários, mostrando, portanto, algum vínculo de ideias, Paulo Freire nos coloca diante de uma reflexão no campo da educação que é da composição ideológica dos sujeitos sociais da história educacional brasileira, de uma narrativa outra da história da educação que nos convém aqui ser chamada de História da Educação Popular, pondo em relevo outros conjuntos de sujeitos sociais e de autores dessa construção historiográfica.

O tão azeitado apelo por uma educação crítica, que se faz presente de ponta a ponta do pensamento freiriano⁶⁸, demonstrando sua inequívoca pretensão de desnudar o sistema perverso de educação é resultante de uma de suas teses centrais da sua pedagogia, que vincula a Educação à Sociedade que a produz. Sendo assim, ele vincula a Educação ao sistema de classes sociais, demonstrando os operativos que se instituem justamente nesse processo, de como as classes dominantes almejam perpetuarem-se no poder, ao passo que, aos oprimidos, resta gestar as possibilidades reais de mudança. Nas palavras do próprio Freire, *“a pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia empenhando-se na sua luta por libertação”⁶⁹.*

Iniciamos por estas proposições de Paulo Freire para anunciar uma discussão cara ao campo da Pedagogia e mais precisamente ao da História da Educação. É comum vermos a

⁶⁷ FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 89.

⁶⁸ Esta marca do pensamento *freiriano*, da especial atenção à luta de classes, é precedida no tempo pelo pensamento *ferreriano*. É interessante notar que esta vinculação entre *educação* e *libertação/emancipação* está presente no pensamento libertário desde o projeto relatado por Paul Robin no âmbito da AIT ainda no século XIX, que tinha como ponto central a demarcação entre as interações entre luta de classes e a educação. Ferrer y Guardia posteriormente desenvolve essas teses e amplifica ao conjunto do movimento da educação libertária no início do século XX, por meio de um conjunto maior de escritos e pela capacidade de imprensa que o movimento de trabalhadores operava naquele período.

⁶⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. p. 78.

discussão sobre as *tendências pedagógicas* como algo muito bem definido no campo pedagógico e que autoriza marcos, inclusive, temporais sobre as concepções e práticas pedagógicas no Brasil. Sobre este ponto, ressaltamos dois aspectos que nos parecem fundamentais e críticos nesta discussão.

A primeira questão é que estas “tendências pedagógicas” naturalmente coexistem, ou seja, vivenciam temporalidades comuns e muitas vezes até projetos comuns. A existência de colégios católicos ainda hoje, por exemplo, coexiste com inúmeros tipos de escolas diferentes, seja públicas ou privadas, seriais ou não, profissionais ou não. Ao mesmo tempo em que essas pedagogias “parecem” estanques, como a permanência da *Ratio Studiorum*, como referência de modelo pedagógico dos jesuítas, atravessando os séculos, a pedagogia jesuíta “modelou” muitas das novas formas de educação. Portanto, é necessário pensar essas vinculações entre os “modelos” e “princípios educativos” de cada “tendência”, sob pena de incorrerem em erros. É comum, por exemplo, fazermos a distinção entre uma “corrente libertária”, que seria a corrente da educação libertária/anarquista, e uma “libertadora”, que seria aquela atribuída a concepção pedagógica de Paulo Freire. Chamamos a atenção para as interconexões, que tendem ao nível de princípios e de algumas práticas sociais das duas correntes pedagógicas. As duas estão intimamente ligadas à questão social, que tem nos despossuídos fundamento e estímulo para a renovação societária.

Propostas como as de Célestin Freinet (1896-1966), Janusz Korczak (1878-1942) e, posteriormente, de Ivan Illich (1926-2002), Paulo Freire (1921-1997), João dos Santos (1913-1987) e Maurício Tragtemberg (1929-1998) carregaram muito dos princípios e práticas metodológicas que são caros ao movimento histórico da educação anarquista. Não se pode também deixar de notar que o desenvolvimento da educação libertária acontece em simultâneo com outras experiências educativas, que tiveram seu espaço de promoção vinculado principalmente ao Estado, como é o caso do movimento da Escola Nova e, bem mais distante, o movimento construtivista. Como não associar, por exemplo, a concepção de “família alargada” de João dos Santos⁷⁰ e sua atenção à sensibilidade e íntimo das crianças com as práticas anarquistas em educação? A presença de João dos Santos na França em meio ao exílio, berço das primeiras experiências de educação libertária explicaria algo neste sentido? Não estamos aqui afirmando necessárias ligações. Importa saber e pensar que múltiplas práticas e princípios aplicados à educação podem coexistir e convergir sem que

⁷⁰ Médico, psicanalista, psiquiatra e pedagogo português, pioneiro na saúde mental em Portugal durante algum tempo membro do Partido Comunista Português (PCP). Para uma leitura mais detalhada consultar HOLANDA, Patrícia H. C. *Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso-brasileiros sobre João dos Santos*. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

necessariamente estejam vinculados estritamente ou condensados em estreitas fronteiras conceituais como as delimitações impostas tradicionalmente pelo estudo das correntes pedagógicas. Assim, Célestin Freinet e Janusz Korczak se assemelham aos libertários na defesa das assembleias dos estudantes e na imprensa escolar; Ivan Illich na crítica as instituições escolares como únicos espaços possíveis de aprendizagem, Paulo Freire na importância do protagonismo da educação como instrumento de superação das injustiças sociais, João dos Santos sobre a importância do cuidado com a saúde psíquica e emocional dos educandos e Maurício Tragtemberg, que bebe nesta fonte libertária diretamente para pensar a crítica às instituições acadêmicas dos níveis básicos e superiores, bem como no ressaltar do autodidatismo e na importância da autogestão pedagógica.

A Educação Libertária, do ponto de vista da história da Educação deve ser associada junto com as teorias da Educação Nova. É necessário, inclusive, pontuar que o chamamos de Educação Nova deve ser entendida como um amplo espectro, com muitos autores contribuintes deste campo educacional. É possível determinar inúmeros nomes que tiveram repercussão internacional, portanto decisivos para a ampla divulgação da nova proposta desse campo educacional. É ainda importante, situar esta, com dissemos, como campo, na medida em que muitas correntes de pensamento educacional podem ser associadas à Educação Nova, na qual a Educação Libertária tem gestação imersa nesse amplo diálogo internacional que ocorria neste período da segunda metade do século XIX e em amplo desenvolvimento durante as primeiras décadas do século XX.

Quando pesquisamos sobre a Educação Nova é comum encontrar um rol de autores quase invariável nas bibliografias. Nomes como John Dewey (1859-1952), Édouard Claparède (1873-1940), Jean-Ovide Decroly (1871-1932) e, principalmente, Adolphe Ferrière⁷¹ (1879-1960) são, sem dúvidas, indispensáveis e fundamentais para entender não só os conceitos estabelecidos pelo campo educacional aberto pela Educação Nova, mas também para investigar a dinâmica transnacional de expansão dessas ideias para além da Europa e dos Estados Unidos. É por meio destes autores, tanto pela publicação dos seus livros (e de suas traduções) como pelo intercâmbio entre eles e outros intelectuais de muitos outros países, que a Educação Nova surge e ganha espaço neste período.

⁷¹ Adolphe Ferrière realizou, inclusive, uma excursão em 1930 pela América Latina (Equador, Peru, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil), com vista à divulgação das suas ideias e construindo contatos e projetos por meio da *Ligue Internationale pour L'Éducation Nouvelle*, que naquela altura já possuía seções em alguns destes países. No Brasil, Ferrière infelizmente não pode desembarcar devido aos acontecimentos da “Revolução de 1930”.

C.f. PERES, Eliane Teresinha. *O diabo inventou a Escola? A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière*. Disponível em: <<http://25reuniao.anped.org.br/elianeteresinhaperest02.rtf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

No entanto, quando refletimos sobre a Educação Libertária, como corrente deste campo da Educação Nova e, sobretudo, como produto deste “tempo educacional”, é necessário ampliarmos para a um leque maior de autores⁷². Além dos educadores já mencionados, retoma-se desde textos de Michel de Montaigne (1553-1592) e nomes, como Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), mas, principalmente, aos nomes da política e da filosofia vinculados à tradição libertária, como William Godwin, Charles Fourier, Pierre Joseph Proudhon, Max Stirner⁷³, Mikhail Bakunin, e James Guillaume. Uma das chaves para pensar essa ampliação no leque de autores pode ser entendida na medida em que esses escritos são centrados mais na concepção de educação e de homem, que é essencialmente de natureza política, dentro da ótica libertária. Quando investigamos as metodologias de ensino e as práticas empreendidas no ato educativo, podemos estabelecer de um modo mais claro um elo maior entre as bibliografias específicas dos libertários e dos outros componentes aderentes à Educação Nova.

No que se refere aos dois países investigados nessa pesquisa merecem atenção especial nessa expansão da Escola Nova os nomes de Faria de Vasconcelos, Álvaro Viana de Lemos e Adolfo Lima. Este último, como nos diz António Candeias, “*torna-se um dos eixos principais das tentativas de inovação educativa a nível oficial da I República, desenvolvendo um trabalho que tem sido reconhecido como notável, no que respeita à introdução da modernidade nas ciências da Educação em Portugal*”⁷⁴.

Já no Brasil, como fenômeno de proa do aparecimento dos princípios e práticas da Educação Nova nesse país, os anarquistas encetaram algumas ideias pedagógicas que no campo institucional serão desenvolvidos após a década de 1930, com as reformas educacionais na educação estatal promovidas principalmente sob as ideias do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*(1932)⁷⁵. Antes disso, como explica Jorge Nagle⁷⁶ sobre os debates educacionais no Brasil, no plano institucional, durante boa parte da Primeira República predominou dois movimentos distintos nos debate sobre educação no Brasil, denominados por este de "entusiasmo pela educação" e "otimismo pedagógico". O "entusiasmo pela educação", principalmente na década de 1910, marcado pela defesa da ampliação das escolas visando massificar a educação e com foco na luta contra o

⁷² LENOIR, Hugues. *Compêndio de Educação Libertária*. São Paulo: IEL/Imaginário/Intermezzo. 2014.

⁷³ Ainda que alguns destes, como William Godwin, Charles Fourier e Max Stirner não fossem ou pelo menos não se definissem como anarquistas.

⁷⁴ CANDEIAS, António. NÓVOA, Antônio. FIGUEIRA, M. H. *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: EDUCA, 1995.

⁷⁵ Cf.: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

⁷⁶ NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EDUSP, 2009.

analfabetismo, e que deu origem a inúmeras ligas contra o analfabetismo⁷⁷. Já o "otimismo pedagógico", com preocupações de ordem mais qualitativa, intenta mudar os conteúdos e métodos pedagógicos, introduzindo novas técnicas advindas da psicologia e também uma ampla reestruturação interna das escolas.

Naquele momento, inaugural de um novo momento da história da República e também da história da Educação, jovens educadores ganhavam destaque e elaboravam reformas em vários estados, como a reforma de Lourenço Filho no Ceará (1923), de Anísio Teixeira na Bahia (1925), Francisco Campos em Minas Gerais (1927), Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro, então Distrito Federal (1928) e novamente Lourenço Filho em São Paulo (1930).⁷⁸ Nomes como Fernando de Azevedo (1894-1974), Anísio Teixeira (1900-1971) e Lourenço Filho (1897-1970) figuravam como reformadores da nova Educação Brasileira. Do ponto de vista das escolas estatais, serão estes autores que a partir da década de 1920, especialmente depois de 1924, com a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), que começa a promover conferências de educação por todo o país, que darão o sentido das transformações educacionais em nível de Estado. Nesse sentido, podemos dizer que a "Educação Nova" estava associada intimamente aos planos da República, conjugando esforços para alterar o quadro institucional visando ampliar o acesso das massas a educação e também as melhorias das práticas de ensino.⁷⁹

Enquanto isso, os educadores libertários corriam justamente na contramão de parte dessas reformas. Se eles concordavam em aspectos filosóficos, pedagógicos e psicológicos (como, por exemplo, a laicidade do ensino, a coeducação entre os sexos) sobre as inovações da Educação Nova em franco desenvolvimento, divergiam e eram críticos aos quesitos políticos das reformas advindas das escolas estatais. Para citar apenas uma dessas críticas, vejamos:

Uma parte da imprensa tem elogiado a reforma da instrução primária feita pelo Dr. João Pinheiro, mas sem coragem porque não diz a verdade aos poderosos, de lhes apontar as injustiças. Com a tal reforma o trabalho do professor primário triplicou pelo aumento de matérias que é obrigado a ensinar, pelo conseqüente acréscimo das classes, pelo corte dos dias feriados, pelos boletins aos pais dos meninos, boletins mensais para o governo e outras asneiras⁸⁰.

⁷⁷ As ligas se proliferaram por todo o país, chegando a ser fundada a *Liga Brasileira contra o Analfabetismo* em 1915. Em carta de 18 de julho de 1915, o professor anarquista Fábio Luz é convidado para participar do conselho deliberativo da instituição. *Carta (datilografada) de R. Seidl convidando Fábio Luz, para membro do Conselho Deliberativo da Liga Brasileira Contra o Analfabetismo*. Arquivo Nacional. 18 de julho de 1915. Localização. BR RJANRIO PN.0.0.199.

⁷⁸ GHIRALDELLI, Paulo. Educação e Movimento Operário. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

⁷⁹ NAGLE, Jorge. *Op Cit.* p. 140

⁸⁰ *Nova Era*, Minas Gerais. Nº 6, janeiro de 1907.

Neste ponto convém mencionar dois quadros que são importantes para pensar a Educação Libertária, tanto no Brasil como em Portugal. O primeiro deles é o tripé Movimento Operário, Movimento Anarquista e Educação Libertária. O segundo é Arte, Educação e Cultura.

Figura 1: Tripé – Movimento Operário, Movimento Anarquista e Educação Libertária



Fonte: elaborada pelo autor.

Figura 2: Tripé – Arte, Cultura e Educação



Fonte: elaborada pelo autor.

Já falamos anteriormente na íntima ligação entre movimento operário e movimento anarquista. Os dois caminham intimamente nos dois países, quando os anarquistas assumem posição de destaque nas lutas sociais no final do século XIX e início do século XX. Fundam organizações especificamente para anarquistas, ideologicamente “fechadas” a seus

membros, como é o caso da Aliança Anarquista (no Brasil) e da União Anarquista Portuguesa (em Portugal), mas participam também da criação das principais organizações de lutas nos dois países. No Brasil são responsáveis diretos pela criação da Confederação Operária Brasileira (COB), e em Portugal também são decisivos na criação da Confederação Geral do Trabalho (CGT), responsável pela organização e radicalização de inúmeras greves. Aliados a estes projetos de intervenção direta na política, estava associada à Educação Libertária, essencialmente política por natureza. Ainda que exista dentro do campo libertário uma discussão sobre a neutralidade da educação, como veremos mais tarde, é prioritária as teses de Ferrer y Guardia na Educação, de que é preciso conduzir o processo de ensino e de aprendizagem de uma forma que aos poucos todos os sujeitos da aprendizagem entendam a natureza das injustiças sociais.

Outro aspecto que consideramos decisivo ressaltar é o tripé: arte, educação e cultura. Esses três vetores fizeram parte integrante da propaganda libertária nos dois países. Temos na imprensa operária um registro enorme de publicações que afirmam a criação de centenas de escolas e bibliotecas nos dois países, mas também é comum a criação de grupos artísticos destinados a encenar espetáculos teatrais das mais diversas matizes, ainda que com predominância fortemente das peças ligadas à questão social. Necessário ainda afirmar que essas experiências tinham sua organização, muitas vezes, autônomas, criando grupos específicos para encenar um ou mais espetáculos, ou fazendo parte de projetos visando financiar projetos maiores. É comum, por exemplo, termos apresentações de teatro social com o objetivo de financiar as escolas libertárias.

Temos ainda a articulação desses projetos, motivados pelas próprias escolas libertárias. Era necessário incentivar desde mais cedo a sensibilidade e as técnicas do teatro durante a própria permanência dos estudantes nas escolas. Adolfo Lima (1874-1943)⁸¹, na sessão de 8 de abril de 1814 da Sociedade de Estudos Pedagógicos de Lisboa, realiza comunicação com o título *O Teatro na Escola*. Ali, Adolfo Lima descreve todo um conjunto de técnicas para o uso do teatro na escola, tanto na escolha das peças, possibilidade de meios cenográficos, espaços e tipos de atores que mereceriam destaque frente à importância de cada encenação. Advoga também que o Teatro na escola está a serviço tanto das crianças quanto

⁸¹ Pedagogo, escritor e advogado português e libertário. Lima possui uma vasta obra ligada à educação, para citar apenas alguns títulos: *Educação Colonial*, *Educação e Ensino*, *O Ensino da História*, *O Teatro na Escola*, *Educação Social*, *Os usos e costumes dos diversos povos antigos e modernos* e a obra monumental reunida em dois tomos chamada *Pedagogia Sociológica*. E como peças de teatros: *Um serão familiar* (1 acto – crítica social), *Sempre escrava?* (1 acto – um aspecto do problema feminino), *Branca* (1 acto – outro aspecto do problema feminino), *Conforme as forças...* (1 acto – teatro infantil), *Conforme as necessidades...* (1 acto – teatro infantil).

dos mais adultos, e que deve ser criado uma cultura de assistência ao teatro que transcenda, inclusive, as classes sociais:

É, na nossa convicção, o mais importante capítulo da Arte na Escola. A arte dramática é um elemento educativo digno de aproveitar-se, tanto na criança como no adulto.

Somos partidários da sua acção sobre as massas populares, tomando esta palavra, não no sentido restrito de povo, mas no sentido lato de população: tanto ha a educar a classe popular, como as classes média e superior. Todas carecem de lições, de educação.⁸²

Aliada à discussão da parte "burocrática" da educação, do funcionamento das instituições, é fundamental pensar em que sentido e concepção de educação estamos falando. Esse sentido político, tão condenado nos nossos dias, já que o pragmatismo visando o mercado prepondera; é decisivo para definir se conseguiremos manter os restos dessa sociedade ou se será possível construir soluções reais de superação dos graves entraves da educação.

Se do ponto de vista da revolução, como temos nos clássicos anarquistas, a revolução só seria possível com uma mudança social radical de princípios, o que incluía obviamente os conteúdos da educação, vemos que para estes militantes e fortemente vinculados à Educação esses sentidos ganham profundidade. Qualquer ação pedagógica somente teria efeito se estivesse ligado com as iniciativas do campo revolucionário. Era, portanto, parte decisiva deste projeto educacional, o confronto com o ensino religioso e com o ensino estatal. Se um lado, o ensino religioso protagonizado neste período fortemente pelas instituições vinculadas a Igreja Católica e, do outro, o ensino estatal, que poderia (ou deveria), por desígnio (segundo os anarquistas), criar cidadãos dóceis e obedientes para as repúblicas dos dois países, ainda em construção.

A proposta da Educação Libertária supera o binômio determinista entre a sociedade e o indivíduo, sobre o qual durante muito tempo pesou a ideia de um sobre o outro. Nem a sociedade sobre o indivíduo, este sendo modelado em relação à primeira. Nem o indivíduo sobre a sociedade, como autodeterminante e alheio ao todo, diante da incapaz tarefa dessa empreitada. A educação estava para os anarquistas, na atuação desse binômio, e frente a essas ideias, para, além disto, visando pensar justamente a relação dialógica entre indivíduo e sociedade.

⁸²LIMA, Adolfo. *O Teatro na Escola*. Lisboa: Guimarães & C^a Editores. 1914.

A Educação Libertária é vista aqui como parte integrante de muitas transformações no campo pedagógico, que está para além do campo estritamente político e ideológico. Os pedagogos anarquistas se aproximavam em parte a outros educadores progressistas no âmbito da educação em muitos aspectos. No que concerne "ao que fazer", sobre as novas acepções relativas ao fazer pedagógico e aos destinos deste diante da educação como um todo. Eles estavam na mesma seara progressista, desenvolvendo ideias compartilhadas por outros ideólogos da educação, inclusive de outros segmentos sociais rivais (como os pensadores da educação ligados ao campo liberal). Mas é no "como fazer", justamente na aplicação dessas ideias e no locus de sua realização (seja no sindicato, na escola proletária ou no Centro de Cultura Social), que a materialização da concepção de educação defendida por eles, que se deve fazer a justa diferenciação entre a educação anarquista e todas demais.

No Brasil e em Portugal, durante a segunda metade do século XIX e as primeiras duas décadas do século XX, foram produzidos e editados muitos manuais de ensino. Esse conjunto de livros de Pedagogia, Metodologia e Pedologia eram destinados principalmente à formação de professores do ensino primário. Essas publicações, muitas delas para além da edição a modo de tradução de outras línguas para a língua portuguesa, eram produzidas no Brasil e em Portugal, sendo ao mesmo tempo essas edições uma mescla de espaços sociais e culturais de recepção e circulação de saberes e conhecimentos, saberes estes necessários e a disposição para serem mobilizados pelas normalistas, centrados principalmente nos "modos de ensinar".

Em pauta, estava justamente pensar, à luz da "Nova Pedagogia" ou da "Educação Nova", nas técnicas necessárias adequadas ao ensino simultâneo, levando em consideração a heterogeneidade dos sujeitos dentro das salas de aulas. É nesse sentido que a obra *Uma Escola Nova na Bélgica*⁸³, do português Faria de Vasconcelos, publicada em 1915 (e sob os auspícios de Adolphe Ferrière, que escreve o Prefácio) ganha destaque. Faria de Vasconcelos divide em capítulos suas preocupações, que seriam dentro daquele período, características fundantes e representativas da Escola Nova, tal seja: a relação meio ambiente e a educação física; a educação intelectual, social, moral e artística; e um debate sobre metodologia e os processos de ensino. O ambiente cultural deste período era receptivo e propício ao desenvolvimento das preocupações com a educação popular nos dois países. No caso português, como afirma Joaquim Pintassilgo:

⁸³ VASCONCELOS, Faria. *Uma Escola Nova na Bélgica*. Aveiro: UA Editora, 2015. Edição comemorativa do centenário da obra.

A crença de raiz positivista no papel decisivo da educação e da cultura como fonte de progresso e regeneração social, o investimento político republicano, considerado inseparável do combate contra o analfabetismo, e o labor cultural de pendor iluminista da maçonaria foram algumas das condições que favoreceram a afirmação de um discurso que colocava o povo e a sua educação no centro do debate político e social. A educação e a cultura surgiam, assim, como peças chave da formação de um cidadão consciente e participativo e da construção de uma sociedade nova, sem lugar para a ignorância e para os preconceitos, crença esta que se tornou uma das grandes referências míticas desse momento histórico e cultural.⁸⁴

Enquanto tínhamos durante a primeira década do século XX a reordenação estrutural das escolas no âmbito das instituições do Estado e da Igreja, com o passar das "escolas isoladas" para o surgimento dos "grupos escolares", por exemplo, a educação libertária tomava espaço nas associações de classes, com a abertura de salas específicas para o ensino. Às vezes um local específico para sala de aula, outras como ambiente de leitura, outros para a criação de uma biblioteca.

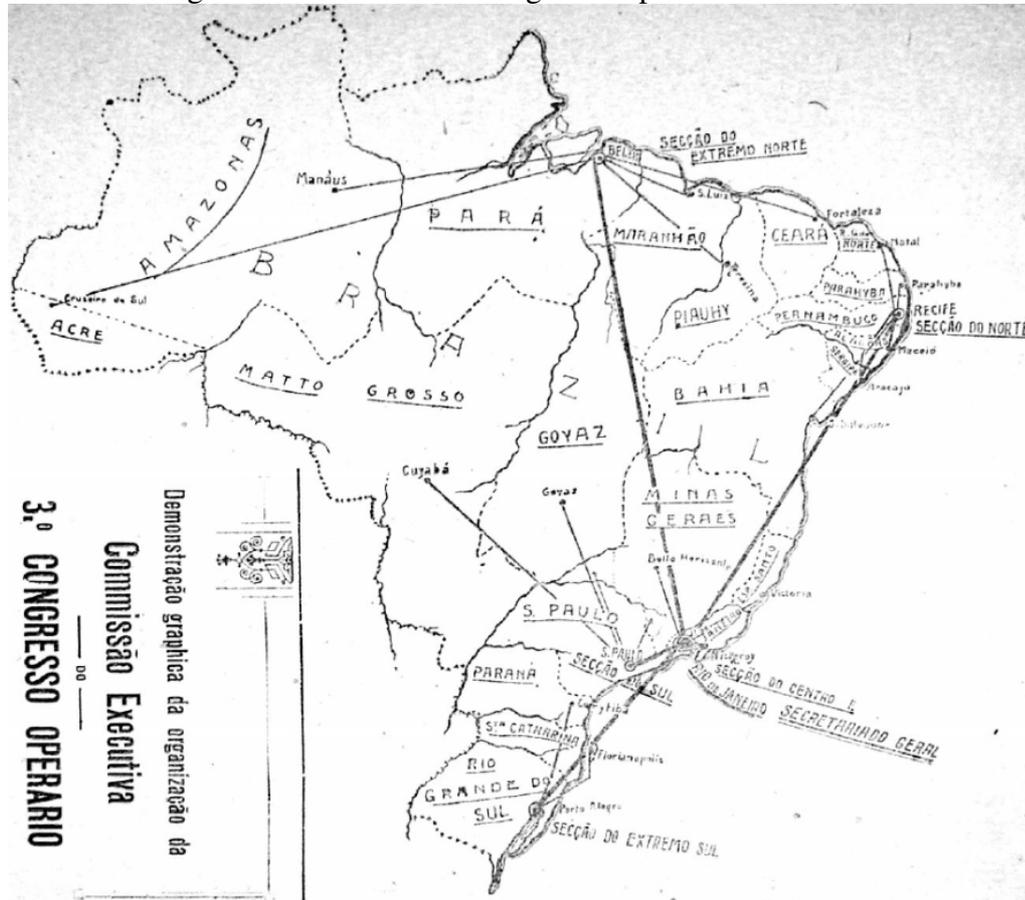
A Educação Anarquista foi, como sabemos, expressão de um período histórico de renovação das ideias pedagógicas no campo progressista. Em Portugal, ela assume aproximações marcantes como fenômeno educativo partícipe do movimento de Educação Nova, tendo em Adolfo Lima, um dos principais nomes da educação libertária portuguesa; sendo forte a vinculação com esse movimento pedagógico, chegando a produzir muitos estudos para serem socializados no âmbito da Sociedade de Estudos Pedagógicos. Dentre esses debates estão seus textos sobre a "escola neutra", a "educação social", a "educação integral", a "escola única", e a "autonomia dos educandos" (este último ponto, aliás, será desenvolvido posteriormente pela corrente freinetiana no cenário da educação portuguesa).

Ao passo que nos dois países tínhamos nessas primeiras décadas do século XX discussões sobre profissionalização docente, no âmbito libertário boa parcela dos professores anarquistas era autodidatas, formados nas leituras à disposição pelo circuito de trocas de publicações entre os países. É relevante retomar sempre a importância desse movimento educacional de escala internacional que chega ao Brasil, alheio a toda institucionalidade estabelecida e que se permite uma capilaridade muito grande em várias partes do Brasil e em Portugal, sendo essa capilaridade estabelecida justamente pelos veículos de trocas de saberes do movimento operário. Um mapa retirado do Boletim do 3º Congresso Operário Brasileiro, em 1920 mostra como a Comissão Executiva da Confederação Operária Brasileira (COB) se organizava. É, sem dúvida, por esse fluxo do movimento operário que circula as ideias

⁸⁴ PINTASSILGO, Joaquim. *As Universidades Populares nas primeiras décadas do século XX em Portugal – o exemplo da Academia de Estudos Livres*. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/8354>>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

pedagógicas dos libertários no Brasil. Como dissemos no tópico anterior, movimento operário, movimento anarquista e educação libertária são, neste período, termos que estão intimamente ligados e não podem ser compreendidos de forma separada.

Figura 3: Boletim do 3º Congresso Operário Brasileiro



Fonte: Boletim do 3º Congresso Operário Brasileiro (1920).

As querelas entre anarquistas e católicos são a tônica dessas décadas. São inúmeras as folhas anticlericais, e é por meio de veículos como *A Lanterna*, de São Paulo, que circulam as maiores críticas ao ensino católico (temos também vários jornais distribuídos pelo país que fazem esse debate, no Ceará temos *O Demolidor*). Esse embate acontece nos dois países, anticlericalismo que naquele momento contava também com membros da maçonaria e uma grande parcela de livres pensadores.

Mesmo que essas experiências educacionais não disputassem a hegemonia da educação no Brasil, elas se caracterizam como iniciativas marcantes de muito esforço dos envolvidos, como procedimentos e embates engendrados principalmente pelos mais pobres e

com recursos próprios, contrariando e burlando a falta de equipamentos educacionais destinados às classes populares.

No âmbito dos materiais de ensino eram importados vários livros didáticos para auxiliar os trabalhos das escolas racionalistas no Brasil. A apresentação de listas desses livros nos dá uma dimensão mais próxima dessa cultura material intrínseca ao projeto político-pedagógico anarquista. Chegavam ao Brasil, revistas sobre Educação em francês, italiano, espanhol, bem como a produção dos portugueses sobre Educação (aqui chegaram, portanto, obras de Adolfo Lima, Campos Lima, Emílio Costa e outros). Abaixo vemos que se podia encontrar facilmente edições da Escola Moderna de Barcelona, aos cuidados de Antônio Orellana, que nos deteremos mais adiante.

Figura 4: Obras da Escola Moderna de Barcelona

Obras da Escola Moderna de Barcelona	
<i>Cartilla, primer libro de lectura</i>	1\$000
<i>Las Aventuras de Nono. Segundo libro de lectura, por Jean Grave, 1 volume</i>	1\$800
<i>El Niño y el Adolescente. Desarrollo normal — Vida libro. Segundo libro por Miguel Petit, 1 volume</i>	1\$800
<i>Preludios de la lucha. Segundo libro por F. Pi y Añuaga 1 volume</i>	1\$800
<i>Sembrando Flores. Segundo libro por Federico Urales, 1 volume</i>	1\$800
<i>Correspondencia Escolar (primer manuscrito) por Carlos Malato</i>	1\$800
<i>Tierra libre. Fantasia comunista) por Jean Grave, 1 volume</i>	1\$800
<i>Origen del Cristianismo. Quarto libro de lectura, 1 volume...</i>	1\$600
<i>Psicología Etnica importantissimo estudio científico-sociológico de la humanidad, 4 vol.</i>	7\$200
Todas as obras acima são encadernadas.	
Pelo correio mais 300 réis por volume.	
Nesta redacção ou com o agente Antonio Orellana, Rua Alegria, 49 (Bra.).	

Fonte: *A Lanterna*, Ano XII, N 174. 18 de janeiro de 1913.

Investigar o tempo passado requer seguir pistas e evidências de algo que já não existe mais; mobilizando as fontes que nos ajudam nessa revisita ao passado como peças de um quebra-cabeça que temos que montar para que a narrativa do passado ganhe sentido. Como salienta Paul Ricoeur, ao tratar da dinâmica posta na relação entre tempo e narrativa em sua obra, é nessa hora da ligação entre as peças que se coloca o desafio na escrita de um relato que recebe claridade e sombra, ao mesmo tempo, porque entre as fontes reunidas há uma espécie de vácuo que exige uma tomada de decisão do historiador em termos da ligação possível entre as evidências empíricas fornecidas pelas fontes mobilizadas.

3 A EDUCAÇÃO ANARQUISTA ENTRE A TEORIA E A AÇÃO

3.1 O lugar da teoria: conceitos e escritos geradores

A educação, de acordo com os anarquistas, não era o único nem o mais importante agente responsável pelo desencadeamento da revolução social e pela consolidação das mudanças por ela provocadas; mas era evidente, para eles, que sem a formação prévia de consciências e vontades libertárias por meio de tarefas adequadas, entre as quais incluíam-se as educacionais, a transformação social correria o risco de tomar um rumo não desejado(Félix Garcia Moriyón).⁸⁵

Nesta seção queremos discutir a partir de alguns teóricos e práticos que tiveram, a nosso ver, acentuado destaque da Educação Libertária. É relevante mencionar que a distinção que utilizamos mais a frente entre "teóricos" e "práticos", se justifica apenas sob dois aspectos: a) no quesito temporal, na medida da produção de escritos vinculados as discussões sobre Educação que circulavam nos meios libertários e; b) no quesito relativo à centralidade ou não do trabalho educativo desses sujeitos. Ou seja, quando nos referirmos aos teóricos, nos referimos aos sujeitos e seus escritos que tiveram relevância e destaque na literatura orientadora da Educação Libertária, mesmo que alguns destes não estivessem diretamente vinculados ao campo educacional. E quando nos referirmos aos "práticos", estamos associando àqueles que estiveram diretamente vinculados às experiências educacionais – e que, obviamente, igualmente ampliaram os escritos teóricos vinculados à tradição libertária em Educação.

Ou seja, quando abordamos a perspectiva de Bakunin, Kropotkin, Reclus e os manifestos ligados à educação libertária (assinados por autores proeminentes no campo libertário, como Louise Michel, Piotr Kropotkin, Jean Grave, Tolstói, Carlos Malato e outros), estamos enfatizando aquilo que estes sujeitos estavam colocando a nível dos projetos a serem realizados, na medida em que aqueles ainda não possuíam os meios de realizações do que estavam propondo a nível global.

Como "práticos", chamaremos Paul Robin, Francisco Ferrer y Guardia e Sebastian Faure, aqueles que, com base inclusive na experiência teórica colhida preteritamente (tantos dos libertários como de muitos autores progressistas), puderam ao seu tempo protagonizar de fato as experiências pedagógicas libertárias. Obviamente quando nos referirmos aos "práticos",

⁸⁵ MORIYÓN, Felix Garcia. MORIYÓN, Felix Garcia (Org.). *Educação Libertária*. Tradução de José de Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 8.

será natural, como veremos a frente, acentuar todo o corpo teórico que finalmente puderam criar, aprofundar e desenvolver, sendo que estes se tornaram os grandes nomes da Educação Libertária.

Não é nosso objetivo neste tópico da investigação determinar a origem da Educação Libertária. Este é um tipo de exercício que decisivamente não nos interessa, porque entendemos que o "ponto zero" não existe. Ainda que em algum momento tenhamos visto valorosas tentativas nesse sentido, particularmente em alguns trabalhos ao modo de compêndios de Educação Libertária, esta tarefa por mais frutífera que possa render em termos investigativos revela, a nosso entendimento, dois erros capitulares das pesquisas históricas. O primeiro denunciado já por Marc Bloch no seu brilhante manual do *métier* do historiador dedica especial atenção a um capítulo da obra sobre as suas provocações em torno do que ele chama de "obsessão das origens"⁸⁶, como se a captação das "origens" feita pelo historiador fosse sozinha e necessariamente responsável pelo "desenvolvimento" das formas históricas dos acontecimentos, e pudessem *por si*, explicar porque se desenvolveram de tal modo.

O segundo erro é que consideramos que esses estudos ao demonstrar acentuada atenção pelas origens da Educação Libertária é que geralmente isso é conduzido por uma espécie de busca por uma "pureza ideológica" nas teorias educacionais libertárias. Não raro sendo estes exercícios de escritos também de natureza militante, tendem a ressaltar recuos na história de uma maneira seletiva, buscando especial atenção aos autores "que interessam" - expurgando autores indesejáveis e calibrando a lupa apenas naqueles sujeitos e êxitos que convêm registrar-, e não necessariamente as vinculações estabelecidas pela realidade histórica que presenciaram nossos sujeitos sociais pesquisados. Ainda sobre este segundo erro, um dos grandes problemas desses exercícios, de "refino seletivo" rumo a essa purificação ideológica da teoria é o fato de geralmente esses estudos não darem ênfase àqueles autores que de alguma maneira contribuíram decisivamente para a educação libertária, mas que nunca estiveram ao lado das causas operárias e libertárias.

Portanto, não a título de esquivar desses fenômenos embrionários, das gêneses das coisas, decididamente nos interessa pensar e aprofundar mais sobre os *processos*. Mais do que as origens, mais do que os resultados (se sucessos ou se falhos), o que de fato se estabeleceu no intercurso da história que investigamos.

⁸⁶ O tópico especial de que tratamos chama-se "o ídolo das origens", parte quatro do Capítulo 1: *A história, os homens e o tempo* da obra *Apologia da História*. BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 56.

O século XIX é o século onde as divergências e contradições se afirmam, do pleno contraste e confronto onde as teorias modernas da economia, da filosofia e da política se constroem e se moldaram as discussões até os nossos dias. Idealismo *versus* positivismo, individualismo *versus* coletivismo, romantismo *versus* materialismo, nacionalismo *versus* internacionalismo, revolução *versus* conservação, liberalismo *versus* socialismo etc. Em suma, todos esses grandes embates surgidos ali são, de certa maneira, parte rigorosamente das discussões de proa dos séculos XX e neste início de XXI⁸⁷. No campo da Educação, naturalmente envolvido com as questões econômicas, filosóficas e políticas, não poderia ser diferente. É justamente desse momento durante o embate dessas ideias que o *modelo escolar* avança e as concepções de educação, enviesadas pelas mais diversas correntes políticas tomam forma.

Quanto ao trabalho educativo dos militantes dos anarquistas, ele sobreviveu ao longo dos tempos de um modo muito diferente, em consubstância com as realidades de cada sujeito. Por exemplo, alguns desses militantes não estavam diretamente nas fábricas. Muitos deles eram advogados, médicos, professores do "Estado" e pertencentes a outras categorias profissionais diversas, mas viam na importância da nova agenda dos trabalhadores como definidores do futuro, como necessidades urgentes e motivadoras das suas próprias existências. Renovar a Educação era ponto central para destruir a sociedade capitalista e fazer emergir a humanidade nova.

Selecionamos alguns excertos de Mikhail Bakunin (1814-1876), Élisée Reclus (1830-1905) e Piotr Kropotkin (1842-1921), afim de auxiliar a compreensão desses autores que ao longo dos tempos tiveram profunda influência nas ideias libertárias. Em Bakunin, em seu *Catecismo Revolucionário*, notamos a presença da defesa da igualdade de homens e mulheres ao ensino (nota-se que em sua época o ensino era predominantemente dividido e parcialmente negligenciado as mulheres), quanto à defesa de que o conjunto da sociedade deve ser responsável para a educação de todos e todas até a idade adulta.

A instrução deverá abraçar todos os ramos da ciência, da tecnologia e da indústria humana. - Ela deve ser ao mesmo tempo científica e profissional, geral obrigatoriamente para todas as crianças, e especial segundo as disposições e os gostos de cada uma; a fim de que **cada rapaz e cada moça**, saídos das escolas e reconhecidos maiores de idade e livres - estejam igualmente aptos para trabalhar **com a cabeça e com as mãos**(p. 84).

[...] **A escola deve substituir a Igreja** com a imensa diferença que esta, ao distribuir sua educação religiosa, não tem outro objetivo senão eternizar o regime da minoridade humana e da autoridade pretensamente divina, enquanto a educação e a

⁸⁷ CODELLO, Francesco. *A boa educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill*. São Paulo: Imaginário-Ícone, 2007.v. 1. p. 70.

instrução da escola, não tendo, ao contrário, outro fim senão **a emancipação real das crianças** quando chegarem à maioridade, não serão outra coisa senão sua iniciação gradual e progressiva à liberdade pelo triplo desenvolvimento de suas forças físicas, de seu espírito e de sua vontade. A razão, a verdade, a justiça, o respeito humano, a consciência da dignidade pessoal, solidária e inseparável da dignidade humana no próximo, o amor pela liberdade para si mesmo e para todos os outros [...] (p. 56-57).

h. *Direitos individuais.* j

I. Direito para **cada um, homem ou mulher** - desde a primeira hora de seu nascimento até a sua maioridade, de ser completamente sustentado, acompanhado, protegido, educado, **instruído em todas as escolas públicas: primárias, secundárias, superiores, industriais, artísticas e científicas, às custas da sociedade** (grifos nossos).⁸⁸

Em Elisée Reclus, selecionamos três trechos que acentuam o firme posicionamento anticlerical do educador nos seguintes aspectos: a aliança da escola com a natureza, uma forte crítica anticlerical e a crítica aos exames e concursos.

A Escola atual, **seja ela dirigida pelo padre religioso ou pelo padre laico é claramente, absolutamente dirigida contra os homens livres**, tanto quanto seria uma espada, ou melhor, milhões de espada, pois se trata de formar contra os inovadores as crianças da nova geração. **Entendemos a escola como a sociedade "sem Deus nem amo"** e consideramos, por consequência, como locais funestos todos esses antros nos quais ensinam a obediência a Deus (grifos nossos).⁸⁹

A Escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior (grifos nossos).⁹⁰

Os exames e os concursos das grandes escolas nada mais são do que uma transformação das antigas provas, mas na realidade, e guardadas todas as proporções, essas provas modernas perderam a sinceridade primitiva. As brutalidades da concorrência vital, a necessidade para os jovens de ganhar a vida tão rapidamente quanto possível, enfim, a estúpida vaidade que leva os pais a desejar para sua prole um rápido avanço nos estudos, têm por consequência um método de instrução apressado, superficial, ou até mesmo completamente falso. Milhares e milhares de candidatos buscam simplificar seu trabalho decorando as fórmulas de seu manual, mastigando e remastigando frases expectoradas antes deles por célebres professores, amontoando na memória áridas definições sem cor e sem vida. Conhecem palavras e mais palavras, e todo esse amontoado interpõe-se entre seu espírito e a verdade. **Os formulários e os manuais afastam os candidatos dos livros e mais ainda na natureza; os programas limitam a inteligência, os questionários ancilossam-na, os compêndios empobrecem-na e as frases prontas acabam por matá-la completamente**(grifos nossos).⁹¹

⁸⁸ BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Imaginário, 2009. p. 23.

⁸⁹ RECLUS, Élisée. *Anarquia pela Educação*. São Paulo: Hedra, 2011. p. 59.

⁹⁰ RECLUS, Élisée. *O Homem e a Terra: Educação*. São Paulo: Expressão & Arte: Imaginário, 2010. p. 25.

⁹¹ RECLUS, Élisée. *Op. Cit.* p. 32-33.

Para os anarquistas, estava claro que ao abrir instituições escolares, o Estado teria como franca intenção, a “disciplina dos cidadãos”, o incentivo a um civismo voltado ao militarismo e ao nacionalismo. Essas críticas aparecem desde as primeiras experiências pedagógicas vinculadas ao campo libertário. Mesmo antes dessas iniciativas libertárias autores que foram importantes para a configuração das teses libertárias, como Willian Godwin (1756-1836), já alertavam para o "perigo de um sistema nacional de ensino": "*os danos que podem resultar de um sistema nacional de ensino estão, em primeiro lugar, no fato de que todos os estabelecimentos públicos trazem em si a ideia de permanência*", e conclui que "*todo projeto nacional de ensino deveria ser combatido em qualquer circunstância pelas suas óbvias ligações com o governo, uma ligação mais temível do que a velha e muito contestada aliança entre Igreja e Estado*"⁹².

Já Piotr Kropotkin foi certamente o autor mais lido em Portugal e no Brasil. Leitura sempre presente na imprensa ácrata, Kropotkin foi traduzido e editado dezenas de vezes nos dois países. Sua atuação como agitador a partir da década de 1890 vai se tornando mais rara ao passo que a idade vai aumentando, porém ele se dedica a escrita de várias obras do campo teórico e permanece contribuindo com inúmeros periódicos europeus. Sua visão sobre educação se expressa na assinatura do manifesto *A Liberdade pelo Ensino: bases para a Escola Libertária*, de 1898, como veremos mais adiante.

Diferentemente do que aconteceu em outras correntes socialistas, o Anarquismo sempre teve, desde suas primeiras manifestações como corrente política, uma preocupação com a Educação. Isso não corresponde a dizer, necessariamente, que os anarquistas têm em seu projeto de transformação social baseado exclusivamente na Educação em si, que estes dariam uma centralidade excessiva à educação na sua estratégia de transformação social. Pelo contrário, os anarquistas denunciavam esse tipo de visão, por entender que a concepção da educação em si, como redentora/transformadora, não passa de uma estratégia burguesa de manutenção da ordem, mesmo quando “socialistas” o defendem. Bakunin resumiu esta posição:

[os socialistas burgueses] afirmam que, para emancipar as massas operárias, é preciso começar inicialmente por dar-lhes a instrução, e que, antes que elas tenham se tornado mais instruídas, não devem pensar numa mudança radical em sua posição econômica e social.⁹³

⁹² GODWIN, Willian. Os males de um ensino nacional. In WOODCOCK, George. *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre. L&PM Editores. p. 246-248.

⁹³ BAKUNIN, Mikhail. *Os Enganadores*. São Paulo. Imaginário, 2008. p. 37-38.

Segundo Bakunin, essa concepção termina por afastar a ideia de revolução social. Carlo Pisacane tenciona ainda mais esta ideia, com ênfase: “*a propaganda da ideia é uma ilusão, a educação do povo é um absurdo. As ideias resultam dos fatos, não estes daquelas, e o povo não será livre quando for educado, mas será educado quando for livre*”⁹⁴. Apesar dessas duas passagens afirmarem de maneira categórica a ausência de centralidade da educação no processo de transformação social, outras leituras poderiam dar mais ênfase a educação. Por isso, é importante falarmos de um *mosaico teórico* dentro da educação libertária.

Inclusive, no que respeita ao debate desses diferentes pontos de vista no campo ideológico do anarquismo, que como componente crítico do pensamento social e irremediavelmente libertário, jamais representou uma corrente política uniforme e sem divergências internas. Sobre essas divisões dentro do movimento libertário português ou brasileiro, tanto organizacionistas, antiorganizacionistas ou individualistas, todos, concordavam com a importância da educação para os processos revolucionários que estavam na ordem do dia. Se divergiam no campo político sobre as táticas e, às vezes, na estratégia geral que deveriam objetivar a luta revolucionária, na Educação era diferente.

Os libertários trabalhavam em conjunto no campo educacional, inclusive, com os republicanos e a maçonaria, como é o caso dos professores anarquistas da Escola Oficina Nº 1, em Lisboa, em que trabalhavam Adolfo Lima, Deolinda Lopes Vieira e César Porto. Nesse ponto, vale ressaltar, uma vez mais, a escrita de Adolfo Lima em Portugal e do Adelino de Pinho no Brasil. O primeiro, associado mais as propostas de Ricardo Mella, que defendia o “neutralismo pedagógico” (sob o qual não se devia inculcar ideários nos estudantes) e o segundo mais ligado as ideias de Ferrer y Guardia, associado a um maior direcionamento político no âmbito educativo. Segundo Adolfo Lima, “*O professor deve manter-se imparcial, acima de proselitismo. É uma covardia inculcar abusivamente no cérebro das crianças as ideias da gente crescida, quer essas ideias sejam conservadoras, quer radicais*”⁹⁵.

Esse mosaico corresponde a uma multiplicidade de visões dentro do campo libertário, não sendo possível, portanto, falar de educação libertária como sendo uma concepção única de educação. Nela estão compreendidas várias visões em que se unem por princípios norteadores. O seu movimento pedagógico – que tem em seu sentido político uma discussão ferrenha contra o Estado, a burguesia e a Igreja – tem mais intrinsecamente sua

⁹⁴ Citado em CODELLO, Francesco. *A Boa Educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neil*. São Paulo. Imaginário-Ícone. 2007. p. 11.

⁹⁵ LIMA, Adolfo. *Educação e Ensino*. Lisboa: Guimarães & C^a – Editores, 1914. p. 134

prática baseada em três fundamentos: um ensino antiautoritário, a educação integral e a educação como campo revolucionário (como prática da ação direta). Para facilitar a nossa exposição definiremos didaticamente cada ponto:

3.1.1 Educação Antiautoritária

Fim da relação autoritária entre o professor e o aluno, o professor é coparticipante do processo de aprendizagem. Desempenha uma função importante: deixar a criança⁹⁶ ir sentindo e incorporando o mundo em sua volta, fazendo com que a criança desde o início valorize as suas criações, que rejeite modelos simples sem questioná-los, portanto, que não aceite a autoridade cega que é característica das instituições escolares. Trata-se inquestionavelmente de eliminar as barreiras para o melhor desenvolvimento da criança, dando livre curso ao máximo do desenvolvimento das potencialidades de cada um.

3.1.2 Instrução Integral

A instrução integral coroa a educação libertária. Esse é o ponto central da teoria educacional dos anarquistas, teorizada dentre outros por Mikhail Bakunin, James Guillaume e Paul Robin. A instrução integral trabalha justamente no sentido de desenvolver as potencialidades da criança, “sem abandonar nenhum aspecto, mental ou físico, intelectual ou afetivo”. Nas palavras de Sébastien Faure⁹⁷:

O papel do ensino é levar ao desenvolvimento máximo todas as faculdades da criança; físicas, intelectuais e morais. O dever do educador consiste em favorecer a plenitude total deste conjunto de energias e de aptidões que encontramos em todos. E digo que, ao dotar as crianças que nos são confiadas de toda a cultura geral que estão prontas para receber e da preparação técnica para a qual as levarão os seus gostos e suas forças, teremos cumprido com relação a elas o nosso dever, todo o nosso dever. Porque assim teremos formado seres completos.⁹⁸

⁹⁶ Válido relembrar que a educação libertária não diz somente respeito ao ensino primário. A educação libertária tem como objetivo qualquer nível de ensino (do primário ao universitário) e qualquer espaço educativo. Para um estudo aprofundado sobre a experiência da Universidade Popular de Ensino Livre no Rio de Janeiro, ver LOPES, Milton. *Uma Experiência Educacional Anarquista no Rio de Janeiro: a Universidade Popular*. In: DEMINICIS, Rafael Borges. REIS, Daniel Aarão. *História do Anarquismo no Brasil*. Rio de Janeiro. UFF.

⁹⁷ Sébastien Faure (1858-1942), pedagogo e anarquista francês. Desenvolve importante experiência na educação libertária, chamada de A Colméia (*La Ruche*), entre o período de 1904 e 1917.

⁹⁸ MORIYÓN, Félix Garcia (Org.). *Op Cit.* p. 19.

3.1.3 Educação e Revolução

Nesse último ponto é essencial acentuar o sentido complexo da revolução para os anarquistas. Para os anarquistas, não é apenas a troca de governantes, sejam burgueses ou proletários, que acabará com os problemas da sociedade. A sociedade precisa ser alicerçada com base em novos princípios, na solidariedade, na justiça, na autonomia dos indivíduos e dos povos. E para isso é necessária uma revolução social que desmorone o Estado e o dogmatismo, incorporado principalmente no misticismo da religião – não é a toa que a Igreja vai ser tão atacada como o Estado, no plano ideológico ela representa uma alienação tão grande quanto este.

Essas definições são princípios norteadores da Educação Libertária, mas quando aprofundamos mais os estudos veremos que, dependendo do país e dos sujeitos que pensaram e empreenderam as experiências libertárias, tivemos inúmeras diferenças nos projetos. Seja se a experiência fosse destinada a crianças ou a adultos, se ela fosse em uma escola, em um orfanato, em uma biblioteca ou mesmo em um centro de cultura social. Essas experiências foram resultado de elaborações advindas do próprio movimento de trabalhadores.

3.2 O Lugar da Prática: Paul Robin, Francisco Ferrer y Guardia e Sebastien Faure

No plano de organização dos anarquistas, especificamente, para além de sua organização política articulando o movimento operário, foram criadas uma teoria e ações comuns no sentido de alçar a nova concepção de educação pretendida. Ao passo que tínhamos uma teorização da Educação Libertária pelos principais teóricos do Anarquismo, alguns militantes conseguiriam, com o tempo e o próprio ganho de força social da classe trabalhadora e da realização de seus projetos, pôr em prática a Educação Libertária, criando Escolas Racionalistas e Centros de Cultura Social que experienciavam a teoria criada no plano intelectual.

Ferrer y Guardia, educador espanhol, foi sem dúvida nenhuma o maior propagandista da educação libertária. Ainda que Paul Robin tenha iniciado a primeira experiência, como o *Orfanato Prévost*, Ferrer foi quem mais popularizou a concepção libertária dos anarquistas, por meio de inúmeras escolas e por meio dos periódicos⁹⁹. Ferrer foi

⁹⁹ Um importante estudo sobre Ferrer y Guardia e sobre a propagação do Ensino Racionalista pode ser lido em SILVA, R. R. da *Anarquismo, Ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e*

um dos principais responsáveis, junto com outros intelectuais e militantes de sua época, pela criação da *Liga Internacional Para a Instrução Racional da Infância*, que ajudou a difundir sobremaneira a experiência da educação racionalista dos libertários no final do século XIX e início do XX. A *Liga* é resultado de um esforço do Comitê de Iniciativa para o Ensino Integral, que em 1898 lançara um primeiro manifesto da educação racionalista denominado *A Liberdade pelo Ensino: bases para a Escola Libertária*.¹⁰⁰

3.2.1 Paul Robin

Para exemplificarmos essa preocupação dos anarquistas com a educação, tomemos a atuação política de Paul Robin¹⁰¹ (1837-1912), pedagogo e anarquista francês, ainda no século XIX. Na França, Robin materializa suas teorias educacionais apreendidas principalmente a partir dos pressupostos de Pierre Joseph Proudhon e que serão discutidos na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), ou Primeira Internacional. Paul Robin havia abandonado o curso de medicina para se dedicar a estudar pedagogia na *École Normale*. Ainda antes de estar vinculado à AIT, sua experiência profissional o colocava em frontal discordância com o ensino clerical. Já em 1864, como defensor do ensino laico e crítico, “não conseguiu evitar os frequentes atritos com a burocracia escolar, demitindo-se”¹⁰².

No Segundo Congresso da AIT (1867), em Laussane, o ensino recebeu destaque e foi deliberada, devido à urgência de uma instrução científica, profissional e produtiva, a elaboração de um programa educativo, “capaz de oferecer um contraponto alternativo aos ensinos religioso e estatal”¹⁰³. No Congresso da Internacional, em Bruxelas (1868), o relatório de Paul Robin sobre o ensino integral é aceito.

No Congresso de Laussane (1867), a Associação Internacional de Trabalhadores incluiu entre seus temas o da educação integral. No Congresso de Bruxelas (1868) foram apresentados estudos muito importantes sobre este tema, em forma de comunicações. Não houve tempo para uma discussão profunda, o que será feito no próximo Congresso de Bâle. **Isto nos permite esperar que, dentro de poucos anos, esta idéia poderá ser posta em prática com muita seriedade** (grifos nossos)

¹⁰⁴

cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). 2013. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP, 2013.

¹⁰⁰ Esse manifesto de propaganda da Educação Libertária é assinado por Élisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave, J. Ardoin, Charles Malato, E. Janvion, L. Matha, J. Delgaves, Liev Tolstoi, A. Girard, Piotr Kropotkin, J. Ferrière, L. Malquin. Para a leitura do documento ver em RODRIGUES, Edgar. *Op. Cit.*

¹⁰¹ Para uma leitura de Robin ver: ROBIN, Paul. *Manifiesto a los Partidarios de la Educación Integral*. Barcelona: Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorivis, 1980.

¹⁰² CASTRO, Rogério de. *Paul Robin e o Orfanato Prévost: a construção da utopia*. Anais da ANPUH. 2011.

¹⁰³ *Id. Ibid.* p.2.

¹⁰⁴ ROBIN, Paul, *A Educação Integral*. In: MORIYÓN, Félix Garcia [Org.]. *Op. Cit.* p. 90.

Tanto em Portugal como no Brasil a questão social, registrada na imprensa operária e militante, se registrará igualmente um capítulo singular da história da Educação e da Cultura popular. Os trabalhadores reunidos nos Congressos Operários Brasileiros (COB's), com forte influência anarquista, também confirmaram os anseios já aprovados desde a AIT como orientação para o proletariado internacional. Nos dois primeiros congressos, realizados nos anos de 1906 e 1913, respectivamente, possuem entre seus temas moções sobre educação e encaminhamentos diretos para as organizações filiadas:

Primeiro Congresso (1906)

O congresso aconselha aos sindicatos operários a **fundação de escolas apropriadas à educação** que os mesmos devem receber sempre que tal seja possível; e, quando os sindicatos não o possam fazer cada um per si, deve a federação local tomar conta do encargo (grifos nossos).¹⁰⁵

Segundo Congresso (1913)

O 'Segundo Congresso Operário Brasileiro', aconselha aos sindicatos e às classes trabalhadoras em geral, **tomando como princípios o método racional e científico, em contraposição ao ensino místico e autoritário, promovam a criação de e divulgação de escolas racionalistas, ateneus, cursos profissionais de educação técnica e artística, revistas, jornais; criando conferências e preleções, organizando certames e excursões de propaganda instrutiva, editando livros e folhetos** (grifos nossos)¹⁰⁶.

É possível encontrar indícios da repercussão de várias das suas orientações em vários países. Já em 1876, no México, o “Manifiesto que el Congreso General de Obreros”, no México, veicula sentido similar. “*El Congreso se propone romper estas cadenas por los medios prácticos siguientes: Primero. La instrucción de los obreros adultos y la enseñanza y educación obligatoria de los hijos de éstos*”¹⁰⁷. O “ensino racionalista”, como era comumente conhecido nesta época no movimento operário o “ensino anarquista”, se expandiu muito na América Latina. Além do México, colocado acima, foram centenas de escolas espalhadas pelo Brasil, Argentina, Uruguai, Bolívia e outros países¹⁰⁸. Relevante notar que este se concretiza

¹⁰⁵ RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária*. p. 109.

¹⁰⁶ RODRIGUES, Edgar. *Op. Cit.* p. 139.

¹⁰⁷ SILLER, Pedro. *El Congreso Obrero de 1876*. In "Chihuahua Hoy 2014: Visiones de su historia, economía, política y cultura". Tomo XII, dezembro de 2014. O Manifesto completo pode ser encontrado em: <<http://www.memoriapoliticademexico.org/Textos/5RepDictadura/1876-M-CGO.html>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

¹⁰⁸ Cf. SEGURA, Mariadel Mar Araus. *La Escuela Moderna em Iberoamerica: repercussión de lamuertedeFrancisco Ferrer Guardia*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjX6orvzMTOAhWJf5AKHTTAb0QFgghMAA&url=https%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F1005447.pdf&usq=AFQjCNGWZrd6M7ayS1uRfQ3Eq84UV6pQvA&cad=rja>>. Acesso em: 15 ago. 2016; CAPPELETTI, Ángel J. *La Escuela Moderna em América Latina*. Disponível em: <<http://tierranarquista.blogspot.com.br/2015/02/la-escuela-moderna-en-america-latina.html>> Acesso em: 15 ago. 2016. E, para uma leitura mais detalhada das experiências no México e na Argentina, Cf.: ACRI, Martín

como um verdadeiro movimento educacional, onde se projetam teorias e práticas educativas em amplo confronto com o ensino oficial e clerical de então, envolvendo desde os níveis mais básicos de instrução até os níveis mais avançados de estudo.

3.2.2 *Francisco Ferrer y Guardia*

No estudo de Rodrigo Rosa da Silva, *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*¹⁰⁹ podemos perceber como a rede de militantes anarquistas e de diversos cientistas dinamizaram a propaganda libertária, difundindo em escala internacional a educação racionalista. Apesar de termos várias passagens de seu texto que apontam essa propaganda na Europa, o autor nos revela também conexões com as experiências de educação libertária no Brasil.

É a experiência da Escola Moderna de Barcelona e a morte trágica de Ferrer y Guardia (acusado injustamente e fuzilado em 13 de outubro de 1909) que dará ainda mais amplitude ao *racionalismo pedagógico* defendido por Ferrer e fará dessas ideias um verdadeiro "movimento educacional", com ramificações em dezenas de países. Como disse Hugues Lenoir, “*esse movimento da Escola Moderna tirou a autogestão pedagógica e a pedagogia libertária da confidencialidade ligada à dimensão de suas experiências anteriores. Confere-lhe um caráter de massa nunca alcançado até aquele momento*”. Para termos uma dimensão mais precisa, em 1908 já havia 10 escolas em Barcelona, 150 na Catalunha, bem como outras centenas de escolas racionalistas espalhadas em Espanha, Portugal¹¹⁰, Suíça, Holanda, Bélgica, Itália, Egito, Cuba, México, Brasil, Uruguai e Argentina.

É importante demarcar que em grande parte essas iniciativas libertárias tinham como centro a grande massa de trabalhadores que ao final de uma longa jornada de trabalho tomavam parte de seu tempo ao dedicar autodidata. Ao final dessas jornadas de trabalho era comum também parte desses trabalhadores se fazer presente em muitas palestras,

Alberto. CÁCEREZ, Mariadel Carmen. *La educación libertaria en la Argentina y en México (1861-1945)*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011.

¹⁰⁹ SILVA, R. R. *Op. Cit.*

¹¹⁰ Em Portugal o termo "Escola Moderna" não é reconhecido como um termo originalmente vinculado ao anarquismo. Atualmente, esse termo é vinculado movimento da "Escola Moderna", que começou a se afirmar ainda no final da década de 1950 como resultado das relações estabelecidas por Álvaro Viana de Lemos e Celéstin Freinet, e que tomou forma institucional com a fundação do Movimento da Escola Moderna em 1966, a partir da ação de Sérgio Niza e Rosalina Gomes de Almeida, como divulgadores da pedagogia frenetiana em Portugal, após a participação destes no ano anterior, do congresso francês da Escola Moderna e aderirem a Federação Internacional dos Movimentos de Escola Moderna (FIMEM).

conferências, leituras comentadas em diversos centros organizados pelos próprios trabalhadores. Como mostra disso, temos os esforços de Moacyr Caminha, professor e anarquista cearense que teve um papel destacado em muitas experiências organizativas do âmbito da educação e do anarquismo em escala nacional. Como demonstrativo disso, vemos os aportes feitos por Moacyr Caminha no jornal *Jornal do Ceará*. Certamente, nesses exemplares, Moacyr Caminha investiu recursos próprios para convocar esses trabalhadores para o debate das ideias libertárias, a partir do convite para aulas noturnas e gratuitas, e até aos domingos, sobre português e matemática.

Figura 5: Aos operários de Fortaleza



Aos operarios

Moacyr Caminha dá, gratuitamente, explicações de portuguez e arithmetica aos operarios que desejarem aprender essas materias.

Aulas nocturnas ou dominicaes
Rua Senador Pompeu,—241.

Ao operariado de Fortaleza

Os operários que desejarem lêr *A Guerra Social*, dirijam-se a Moacyr Caminha, rua Senador Pompeu, 241, que lh'a fornecera gratuitamente.

Chama-se a atenção dos trabalhadores e empregados da—
Estrada de Ferro para este aviso
A Guerra Social é um periodico defensor dos trabalhadores, publicado pelos operarios do Rio de Janeiro.

Fonte: *Jornal do Ceará*. Ano VIII Nº 1398. 20 de setembro de 1911.

Os indícios deste investimento financeiro individual estão em fazerem-se muitas vezes estas publicações nos jornais em seu próprio nome e não dirigido a algum grupo específico. Nota-se nesta inserção acima a articulação de Moacyr Caminha com outras partes do país e, assim, com o mundo. Moacyr convoca os operários cearenses à leitura do importante jornal anarquista *A Guerra Social*, publicado no Rio de Janeiro entre os anos de 1911 e 1912. Com o destaque que estas são edições gratuitas, muito provavelmente em

edições intercambiadas também com recursos próprios. Outro ponto de destaque dessa inserção acima é que ela aparece com certa recorrência no *Jornal do Ceará*.¹¹¹

Ainda sobre Moacir Caminha e seu esforço de propaganda anarquista e pela educação libertária, é importante ressaltar mais duas inserções no *Jornal do Ceará*.

Figura 6: Escola Moderna do Ceará

Escola Moderna do Ceará

CURSO «TERRA E LIBERDADE»

Educação científica e racional da mocidade proletaria

Não sendo possível, actualmente, a execução integral do programma deste curso, abrir-se-ão no dia 3 de novembro proximo as seguintes aulas :

Portuguez—francez — esperanto— historia da sociedade — geographia geral—palestras de sociologia—arithmetic—escripturação e contabilidade commercial—desenho.

O curso funcçãoará num salão devidamente mobiliado e illuminado á encandescente, satisfazendo a todas as condições exigidas presentemente para tal fim.

Fonte: *Jornal do Ceará*. Ano VIII Nº 1413. 25 de outubro de 1911.

¹¹¹ Foram encontradas 15 inserções de matérias colocadas por Moacir num prazo de pouco mais de 3 meses. Essa pesquisa teve desenvolvimento no portal da Hemeroteca Digital Brasileira, organizada pela Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>.

Figura 7: Curso "Francisco Ferrer y Guardia"

AULAS nocturnas, das 7 às 10
—Matricula gratuita

CURSO «FRANCISCO FERRER»

Educação physica, organica, intellectual e moral da infancia proletaria, segundo os methodos scientificos e racionaes da pedagogia moderna cujos principios basilares são : o estudo scientifico da criança ; a associação efficaz do medico e do educador ; a collaboração sincera da familia e da escola na obra educativa.

Este curso, que ficará a cargo de uma professora idonea, abrir-se-á em Janeiro do anno proximo vindouro.

Aulas diurnas ; matriculas gratuita.

—

Para informações dirigir-se á rua Senador Pompeu, 241, das 11 ás 12 da manhã, e das 6 ás 6 1/2 da tarde, diariamente.

O Director
Moacyr Caminha

NOTA.—Pede-se aos operarios que lerem este aviso, que o façam ler pelos sens companheiros na officina.

Fonte: *Jornal do Ceará*. Ano VIII Nº 1413. 25 de outubro de 1911.

As citações acima anunciam, portanto, a presença das teses da Escola Moderna de Barcelona, tanto pelo próprio nome da Escola quando pelo curso "Francisco Ferrer", bem como demonstra o programa escolar amplamente afinado com os outros programas da Escola Moderna espalhadas pelo mundo. Com muita semelhança, e não sem motivos, o professor anarquista José Oiticica noticia também no Rio de Janeiro aulas do seu Curso de Sociologia, pelo "Grupo Libertário 'Guerra Social' do Rio de Janeiro": "*Curso de Sociologia pelo Professor Dr. José Oiticica. Aulas às quintas-feiras, das 7 às 8 horas da noite, á rua General Camara, 335. Entrada franca*".¹¹²

Nesse tópico temos também como objetivo central ressaltar justamente as páginas de um capítulo ainda por ser ampliado na História da Educação Popular no Brasil e de Portugal, que trata da presença ímpar de Francisco Ferrer y Guardia, educador, militante e mártir da Educação, como registro da presença da Educação Libertária (anarquista) nas experiências organizativas dos trabalhadores nos dois países. A ausência de Ferrer nos textos

¹¹² *A Lanterna*, Nº 146. 06 de julho de 1912.

sobre História da Educação Brasileira nos chama atenção, devido ao fato de dezenas de experiências educativas dos trabalhadores no início do século passado estarem nitidamente vinculadas ao pensamento de Ferrer. Essa vinculação por de ser notada tanto no plano organizativo, geralmente com experiências vinculadas a sindicatos e outros organismos da classe trabalhadora, como também no plano da concepção de educação defendida por Ferrer, denominada por este de *Racionalismo Pedagógico*. As ideias de Ferrer chegam ao nosso tempo de modo ainda muito vivo, também nas palavras de um educador português:

O mínimo que se exige de um educador é que ele seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças de trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais.¹¹³

A citação acima, de António Nóvoa, prefaciando a grande obra *História da Pedagogia* (de Franco Cambi), é relativamente recente e traduz uma suposta característica dos educadores em seu *métier* diário em nossas instituições de ensino. Longe de uma simples constatação, essa característica dos educadores – engajado e proativo no que concernem as transformações sociais que nosso tempo exige – está, infelizmente, muito mais no plano dos desejos em nossa Educação. A figura do educador crítico e reflexivo¹¹⁴, tem se sucedido ou, pelo menos, perdido espaço, à figura do educador técnico e, acima de tudo, produtivo (dentro de uma concepção pragmática, tecnicista e mercadológica de ensino)¹¹⁵. Por isso mesmo, é fundamental atentarmos para as palavras de Nóvoa e de toda uma tradição progressista na educação, de educadores e educadoras que em seu pensar e fazer pedagógico transcende a mera rotina laboral e conectam sua atividade pedagógica com o mundo.

O nome de Francisco Ferrer y Guardia é citado exaustivamente na imprensa operária. São inúmeros os jornais, revistas e folhetos operários que reproduzem e amplificam as palavras de Ferrer no Brasil, sobretudo a partir da sua morte. Como já possuímos um importante conjunto de informações sobre a presença de Ferrer na imprensa operária, optamos também por investigar nos jornais de grande circulação, com maior tiragem e mais comercial (com vinculações menos explícita com os movimentos associativos do período). Obviamente

¹¹³ CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 15.

¹¹⁴ Como podemos ver nas concepções de Maurício Tragtenberg, sobre a concepção de educador e da estrutura e ambiente, sobretudo político, da escola, e também em Paulo Freire, sobre as diferenças entre uma concepção bancária de educação ou uma educação emancipatória – para citar apenas algumas importantes referências na educação brasileira. Cf. TRAGTENBERG, Maurício. *Educação e Burocracia*. São Paulo: UNESP, 2012; FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra, 2016.

¹¹⁵ LEMOV, Doug. *Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência*. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Leman, 2011.

não temos a preocupação de dotar esta “grande imprensa” de caráter neutro, apartidário, diante da conjuntura do período. Fizemos essa escolha de registro de pesquisa justamente como forma de aprofundar alguns indícios investigativos prévios de que a figura de Francisco Ferrer y Guardia extrapolou as agremiações políticas libertárias.

Inicialmente, esses indícios da imprensa comercial foram pesquisados e reunidos sob o ano de sua morte, que acontece em 13 de outubro de 1909. Ainda que seja necessário, como veremos, traçar alguns registros e notícias antecedentes e póstumas ao fuzilamento de Ferrer, para demarcar um dos nossos objetivos com este trabalho, que é ajudar a dimensionar o impacto de suas ideias na Educação Brasileira.

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em Alella, nas proximidades de Barcelona, no ano de 1859. Criado em uma família tradicionalmente católica e monárquica, se envolve desde muito cedo, aos 14 anos, após ir morar em Barcelona, com as ideias republicanas e a maçonaria. Influenciado pelos círculos de livres-pensadores que passa a frequentar, cedo se declara ateu e anticlerical, e ao começar a trabalhar numa estrada de ferro cria sua primeira experiência ligada à educação, uma biblioteca popular nos trens. Com o fracasso de uma insurreição republicana que tomou parte, tem de se exilar na França. Em Paris, o autodidata sobrevive lecionando Espanhol, chegando, inclusive, a escrever e publicar um “método de espanhol prático”¹¹⁶. Nessa estadia na França mantém contato com vasta intelectualidade do período e conhece grandes referentes do anarquismo de então, como Paul Robin¹¹⁷. Após receber de uma herança de uma aluna que havia se encantado por suas ideias sobre educação, Ferrer volta a Barcelona com o intuito de criar a experiência educativa que tanto sonhara.

O projeto da *Escola Moderna* de Barcelona tem abertura no dia 08 de setembro de 1901, funcionando, portanto, no ano letivo de 1901-1902 e retomou suas atividades no ano letivo 1905-1906 de modo muito exitoso, com abertura de algumas sucursais, quando da prisão de Ferrer por conta da acusação de envolvimento com o atentado ao rei Afonso XIII. Após um ano preso, é absolvido e vai novamente à França e posteriormente à Bélgica, onde funda junto com outros importantes nomes de outros países em 1908, a *Liga Internacional pela Instrução Racional da Infância*. O Comitê Internacional de Iniciativa e Direção da *Liga* é

¹¹⁶ Para mais notas biográficas em torno de Ferrer y Guardia, consultar o artigo: “Francisco Ferrer e a Pedagogia Libertária”. In: TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre educação, política e Sindicalismo*. São Paulo. UNESP, 2012. Cf. também o trabalho de GALLO, Sílvio *Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. Pro-Posições*. V. 24. N. 2. Campinas. Maio/Agosto. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072013000200015>. Acesso em: 15 set. 2017.

¹¹⁷ Paul Robin (1837-1912), pedagogo e anarquista francês. Para uma leitura de Robin ver ROBIN, Paul. *Manifiesto a los Partidarios de la Educación Integral*. Barcelona: Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorivs, 1980.

bem vasto e reflete o quão estavam espalhadas pela Europa as discussões em torno do ensino anarquista e as articulações de Ferrer com uma rede de educadores, militantes e cientistas do período.¹¹⁸ O Comitê foi formado com os seguintes nomes: Francisco Ferrer (Espanha), Presidente; C. A. Laisant (França), Vice-Presidente; J. F. Islander (Bélgica); Ernest Haeckel (Alemanha); Wiliam Heaford (Inglaterra); Giuseppe Sergi (Itália); H. Roorda van Eysinga (Suíça); Srta. Henriette Meyer, Secretária.

Art. 1.º – Constitui-se uma liga denominada Liga Internacional para a Educação Racional da Infância, com o fim de introduzir praticamente no ensino da infância, em todos os países, as idéias da Ciência, da Liberdade e da Solidariedade. Propõe-se, além disso, a procurar a adoção e aplicação dos métodos mais apropriados à psicologia da criança, com o fim de obter os melhores resultados com o menor esforço;

Art. 2.º - Os meios de ações da Liga consistem numa incessante propaganda, sobre todas as formas, dirigida mais especialmente aos educadores e às famílias; [...]

Art. 8.º - **L'Ecole Rénové**, revista periódica publicada em Paris, é o órgão titular da Liga. (grifos nossos).¹¹⁹

Nos estatutos da *Liga*, temos a exposição dos princípios defendidos e os seus meios de propaganda. A revista *L'Ecole Rénové* é uma publicação que circulará em diversos países, chegando, inclusive, ao Brasil com anúncios de aquisição em vários periódicos operários já em setembro de 1908 (ano de sua publicação), com especial destaque, como veremos, n'*A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira (COB), com forte influência anarquista.

¹¹⁸ SILVA, R. R. 2013. 379 f. *Anarquismo, Ciência e Educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)*. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação de São Paulo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-133921/publico/RODRIGO_ROSA_DA_SILVA.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

¹¹⁹ RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro. Achiamé, 1992.

Figura 8: Propaganda da Revista *L'Ecole Rénovée*

L' Ecole Rénovée

Revue pour l' élaboration d'um plan
d' éducation moderne.

Extension internationale de l' Ecole
Moderne de Barcelone.

Parait le 15 de chaque mois

Fondateur: Francisco Ferrer
Secrétaire de la Rédaction: J. F. Elslander

Un an: 6 Fcs. —o— Un nro 50 Cmes.
DIRECTION ET ADMINISTRATION
76, Rue de l' Orme - Bruxelles

Figura 5: *A Voz do Trabalhador*. Ano I. N. 6. 29 de novembro de 1908.¹²⁰

Essa publicação da *Liga* nos revela uma das faces desse movimento educacional. Chamamos de “movimento educacional” ou “movimento pedagógico”, pela grande quantidade e capilarização das iniciativas associada à Ferrer. Como disse Hugues Lenoir, “*esse movimento da Escola Moderna tirou a autogestão pedagógica e a pedagogia libertária da confidencialidade ligada à dimensão de suas experiências anteriores. Confere-lhe um caráter de massa nunca alcançado até aquele momento*”¹²¹.

Esse movimento tomará um impulso ainda maior após a morte de Ferrer. Em 1909, após os eventos da chamada *Semana Trágica* que mobilizou os trabalhadores espanhóis contrários à guerra que a Espanha fazia contra o Marrocos, Ferrer junto com outros proeminentes intelectuais republicanos foram acusados de incentivar a grande revolta que culminou em vários saques de estabelecimentos diversos e no incêndio de igrejas e conventos. A 09 de outubro de 1909 Ferrer foi condenado em um tribunal militar, considerado por seus juízes como o “chefe dos anarquistas”, e a 13 de outubro foi fuzilado nos fossos da fortaleza de Montjuïc, tendo como últimas palavras o grito “*Viva a Escola Moderna!*”¹²².

É importante mencionar que a pedagogia ferreriana faz parte de uma tradição pedagógica iniciada algumas décadas anteriores. Essa tradição teve em Paul Robin um de seus

¹²⁰ *A Voz do Trabalhador*. Ano I. N. 6. 29 de novembro de 1908.

¹²¹ LENOIR, Hugues. *Compêndio de Educação Libertária*. São Paulo. IEL/Imaginário/Intermezzo. 2014. p. 60.

¹²² Sílvia Gallo “Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna”. Op. Cit.

principais teóricos, que lançara o Manifesto dos Partidários da Educação Integral, em 1893, como sistematização de décadas de reflexões teóricas e práticas apresentadas e aprovadas, inclusive, na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e pelos anos que esteve à frente do *Orfanato Prévost*.

O pensamento de Ferrer está também muito ligado às ideias e princípios defendidos no documento *A liberdade pelo ensino: bases para a escola libertária*¹²³, que apareceu em 1898 e foi organizado pelo *Comitê de Iniciativa para o Ensino Integral*, e que contou com a assinatura de importantes militantes reconhecidos mundialmente como Élisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave, J. Ardoin, Charles Malato, E. Janvion, L. Matha, J. Delgaves, Liev Tolstói, A. Girard, Piotr Kropotkin, J. Ferrière, L. Malquin. O documento defende a supressão, “do ponto de vista educativo”, de toda *disciplina, programas e hierarquia*, considerados “[...]as três iniquidades da regulamentação escolar, das quais decorrem todas as iniquidades sociais”. E afirma seus princípios, da defesa de um ensino que seja *integral, racional, misto e libertário*. E explica:

Integral. Porque tenderá ao desenvolvimento harmônico do ser por inteiro e fornecerá um conjunto completo, encadeado, sintético, paralelamente progressivo em toda ordem de conhecimentos, intelectuais, físicas, manuais, profissionais, e isso a partir da infância.

Racional. Porque ele será embasado na razão e conforme aos princípios da ciência atual e não na fé; no desenvolvimento da dignidade e da independência pessoais e não no da piedade e da obediência; na abolição da ficção Deus, causa eterna e absoluta de subjugação.

Misto. Porque favorecerá a co-educação dos sexos numa frequência constante, fraternal, familiar das crianças, meninos e meninas, que dá ao conjunto dos costumes uma serenidade particular. Longe de constituir um perigo, ela afasta da criança as curiosidades malsaines e torna-se, nas sábias condições em que ela deve ser observada, uma garantia de preservação e de elevada moralidade.

Libertário. Porque consagrará no fundo a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, sendo o objetivo final da educação formar homens livres, cheios de respeito e amor pela liberdade do próximo.¹²⁴

Ferrer assume a defesa do ensino integral, racional, misto e libertário, presente nesse texto de 1898 e amplia suas reflexões com base em seus estudos e a prática da Escola Moderna de Barcelona. A obra póstuma de Ferrer, *A Escola Moderna*, publicado pouco depois de sua morte e escrita nos anos de prisão e exílio do educador, registra com atenção todos os pontos da pedagogia ferreriana. Registra conceitos, princípios e programas da Escola Moderna (como a coeducação entre as classes sociais, o laicismo, a coeducação entre os

¹²³ Este documento foi traduzido por Plínio Augusto Coêlho e encontra-se compilado com outros trechos sobre pedagogia racionalista na obra de SAFÓN, Ramón. *Racionalismo Combatente – Francisco Ferrer y Guardia*. São Paulo. Imaginário/Nu-Sol/IEL. 2003.

¹²⁴ SAFÓN, Ramón. *Op. Cit.* p. 51-52.

sexos, o fim dos castigos e prêmios na escola), enfatiza críticas a educação estatal e clerical de então, trabalha a importância da formação dos professores dentro desse novo projeto de transformação social que visa a escola, sugere os meios de propaganda da ideia e das práticas libertárias no ensino. Em carta escrita da Prisão Modelo de Madri, em 1907, Ferrer explica ainda o que chamou de “missão da Escola”, que seria a exata união das transformações que a escola e a educação podem operar, em sintonia com as transformações necessárias na sociedade como um todo.

Devemos dizer, contudo, que a missão da Escola Moderna não limita apenas a fazer com que desapareça dos cérebros o preconceito religioso, pois, conquanto este seja um dos que mais se opõem a emancipação intelectual dos indivíduos, não alcançaremos, contudo, a preparação da humanidade livre e feliz, pois podemos conceber um povo sem religião mas também sem liberdade.

Se a classe dos trabalhadores se liberasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade tal como existe hoje, se os operários crescem na veracidade na profecia que afirma que sempre haverá pobres e ricos; se o ensino racionalista se limitasse apenas a difundir conhecimentos sobre a higiene e as ciências e não preparasse senão bons aprendizes, bons empregados, bons trabalhadores de todos os ofícios, poderíamos viver igualmente entre ateus mais ou menos sãos e robustos, segundo nosso magro poder de compra, mas continuaríamos a viver entre escravos do capital.¹²⁵

Como dissemos no início deste tópico, são inúmeras as inserções de notícias sobre Francisco Ferrer y Guardia na imprensa operária e/ou anarquistas durante especialmente as primeiras décadas do século XX. Essas matérias englobam desde notícias de Barcelona, notícias de trabalhos da *Liga* em outras regiões da Europa e também de experiências educativas libertárias de vários outros países de publicações ligadas a estas. No entanto, nesse tópico cabe-nos dar registro justamente às notícias e textos sobre Ferrer para além da imprensa libertária e operária.

Alguns trechos demonstram a repercussão em vários jornais de diferentes estados do país, mostrando que o nome de Ferrer circulou por todo o país e não apenas no eixo Rio de Janeiro/São Paulo – como já se supôs, por conta do maior número de imigrantes europeus naquela região. Alguns contêm textos com opiniões dos jornais, outros comentam apenas em tom noticioso, há matérias que são impressas novamente de jornais de outros países e em alguns casos faz-se presente também uma rica iconografia em memória de Ferrer. A maior parte das notícias registram traços da biografia pessoal de Ferrer, como sua postura como intelectual, a sua “honra”, seu “brilho como pensador”, e em muitos casos ressalta-se a figura do “agitador” e propagandista dos ideais renovadores na Educação.

¹²⁵ Carta de Ferrer escrita da prisão modelo de Madri em 1907. In: SAFÓN, Ramón. *Op. Cit.* p. 46.

Esses indícios demonstram pelo menos dois aspectos da presença de Ferrer no Brasil. O primeiro deles é de que Ferrer deve ser visto neste período como um intelectual de prestígio internacional, que a repercussão das suas ideias extrapola as páginas dos periódicos e demais publicações libertárias. São muitas as notícias que registram os comícios e manifestações em todo o mundo sobre o julgamento contra Ferrer, tanto em sua primeira prisão (1907), como na segunda e última prisão (1909), em que é condenado. O segundo aspecto é de que existe uma repercussão em todo o país, deixando muito claro, sobretudo pela riqueza de detalhes das notícias, de que a repercussão do caso não era propriamente apenas parte do noticiário policial internacional, mas que se tratava de alguém que era bastante conhecido mundialmente e que estava se cometendo um crime contra um dos educadores de maior destaque no período.

Já em 1907, aparecem notícias sobre a primeira prisão de Ferrer no caso do atentado contra o rei Afonso XIII. O *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, noticiava “O Atentado contra os reis da Hespanha”¹²⁶, com especial destaque para a imagem de Ferrer na primeira página da publicação. N’*O Pharol*, de Juiz de Fora (MG), também era registrado a proibição de um comício em Buenos Aires em defesa de Ferrer¹²⁷, e a 5 de maio do mesmo ano *O Combate – jornal de propaganda anticlerical*, colocava em três páginas (quase metade da sua publicação) a biografia de Ferrer e mostrar e as injustiças do seu julgamento¹²⁸.

Em 1909, o *Correio da Manhã* (RJ) noticia “Pelo Telegrapho – Ferrer Fuzilado”¹²⁹ e já no dia 15 de outubro, dois dias após a sua morte, o *Correio Paulistano* (SP) traz uma matéria chamada “Francisco Ferrer – O fusilamento do velho agitador – reuniões em S. Paulo”. Essa longa matéria trata da sessão ordinária do Centro Acadêmico Onze de Agosto para tratar do fuzilamento do “pensador” e resolver que medidas tomar a respeito, como, por exemplo, homenagens e manifestações. Cita sessão cívica que planejavam organizar para o trigésimo dia de morte, envio de moção de pesar às Escolas Modernas de Barcelona, e aprovação de envio de congratulações a Sebastien Faure, “o mais ardoroso discípulo de Ferrer, na França”.

Nota também o citado jornal que houve, a pedido dos alunos, suspensão das aulas na *Escola de Commercio* e que o Grêmio da Faculdade de Direito realizará também, neste mesmo dia, sessão extraordinária para manifestar repúdio ao fuzilamento. A matéria dá notícias ainda das agitações em Paris e Madrid sobre a morte de Ferrer. “Iguais protestos se

¹²⁶ *Jornal do Brasil*. 30 de junho de 1907. N. 181. p.1

¹²⁷ *O Pharol*. 10 de janeiro de 1907 N 319 p. 1

¹²⁸ *O Combate*. 05 de maio de 1907 N 13 p. 5, 6 e 7.

¹²⁹ *Correio da Manhã*. 14 de outubro de 1909. N. 3011. p. 3.

explodiram na Inglaterra, Alemanha, Áustria, Hungria, Holanda [...] Estados Unidos, Cuba, Chile, Peru Uruguai e Argentina”¹³⁰. Na revista *Ilustração Brasileira*, publicação que circula em Paris e no Rio de Janeiro, noticia também no dia 15 de outubro a queima das portas da catedral de Piza pela multidão em protesto contra os clericais e também um *meeting* de protesto em Londres contra a execução de Ferrer.¹³¹ E no Brasil, ocorrem manifestações em Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Maranhão, Bahia, Ceará, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Sintomático também são os dois registros que vemos na *Pacotilha* (MA). O primeiro registro, em 17 de novembro de 1909, cita notícia de que a filha de Ferrer irá processar signatários de cartazes afixados nas ruas de Paris que são ofensivos à memória de seu pai.¹³² No segundo registro, no dia 29 do mesmo mês, vemos um longo artigo publicado por Fran Paxeco, intitulado “Ferrer e a Voz Universal”, em que ressalta vários aspectos da vida e da obra ferreriana e de “sua importância para o futuro das nações”.¹³³ Em Recife, o *Jornal do Recife* (PE) também publica um discurso do diretor da Escola Normal no Instituto Gymnasial Pernambucano em que ele dedica uma parte a falar com pesar do processo injusto contra Ferrer.¹³⁴

A maçonaria também se mobilizou em todo o país, sendo comum encontrar centenas de notícias das lojas maçônicas em apoio e em memória da obra de Ferrer nos jornais de grande circulação e nos periódicos da própria maçonaria, como podemos ver em na revista *Ramo de Acacia: Orgam da Maçonaria no Paraná*, em que vemos pelo menos três textos ressaltando vários aspectos da biografia, do processo e do julgamento, bem como de registros sobre as suas ideias de renovação social e educacional.¹³⁵

Como registro das palavras de força sobre Ferrer, deixamos nos versos de Beato da Silva (Raimundo Reis), publicados no jornal anticlerical *A Lanterna*:

Educar para a vida a mocidade
Para uma vida forte e sem mentiras?
Horror! Isto é anarquia, isto conspira
Contra o Céu, mais o Trono, mais o abade!

Morte ao infiel, ao que a loucura aspira!
A terra é muito nossa propriedade,
Não deixemos morrer a autoridade,
Como se esvai o fumo de uma pira!

¹³⁰ RODRIGUES, Edgar. *Op. Cit.* p. 36.

¹³¹ *Ilustração Brasileira*. 15 de novembro de 1909. N. 12. p.17.

¹³² *Pacotilha* (MA). 17 de novembro de 1909. N. 272.

¹³³ *Pacotilha* (MA). 29 de novembro de 1909. N. 282.

¹³⁴ *Jornal do Recife* (PE). 21 de dezembro de 1909. N. 287

¹³⁵ *Ramo de Acacia*: Outubro a dezembro de 1909. N. 12, 13 e 14. p.178 a 182.

Morte ao infiel! – E a terra horrorizada
 Viu a ressurreição de Torquemada
 Dum mar de sangue, horrível e iracundo!

Num renascer da inquisitória sanha,
 Viu Ferrer sucumbir dentro da Espanha,
 – Para viver no coração do mundo!¹³⁶

3.2.3 *Sebastien Faure*

A presença das palavras de Sebastien Faure é também fortemente sentida em Portugal e no Brasil. Na imprensa libertária é possível encontrar inúmeros artigos anunciando a vida e o projeto de *La Ruche* (A Colmeia). No Brasil, o alagoano Antônio Bernardo Canellas, após viagem a Europa e se encantar com a experiência pedagógica de Faure, traduz e edita a obra *A Colmeia* em 1919, compilando muitos textos e trazendo ao público uma edição "bem equipada", ao modo "de exemplo", tentando auxiliar as experiências das escolas libertárias no Brasil e criar novos projetos. O "Programa" d'A Colmeia era muito claro: “*Não há qualificações: nem castigos, nem recompensas*”:

SEU PROGRAMA

Mediante a vida ao ar livre, uma dieta regular, higiene, limpeza, passeios, esportes e atividades, formamos seres sãos, vigorosos e belos.

Mediante um ensino racional, pelo estudo atraente, pela observação, o debate e o espírito crítico, formamos inteligências cultivadas.

Pelo exemplo, a doçura, a persuasão e a ternura, formamos consciências retas, vontades firmes e corações afetuosos.

A escola cristã, é a de ontem; a escola laica, é a de hoje; A Colmeia, é, a partir de agora, a do amanhã.

A escola cristã, é a escola do passado, organizada pela igreja e para ela; a escola laica, é a escolado presente, organizada pelo Estado e para ele; A Colmeia é a escola do futuro, a escola em si, organizada para a criança, de tal maneira, de tal maneira que, deixando de ser um bem, um objeto, uma propriedade da Religião ou do Estado, seja dona de si mesma e encontre na escola o pão, o saber e a ternura, que necessitam seu corpo, seu cérebro e seu coração.¹³⁷

Uma característica constante nas experiências escolares é a presença da imprensa como instrumento pedagógico. Desde a experiência de Cempuis, com Paul Robin, havia ali por parte dos estudantes um investimento intelectual tanto nas disciplinas escolares como

¹³⁶ *A Lanterna*. 13 de outubro de 1911.

¹³⁷ FAURE, Sébastien. *A Colmeia: uma experiência pedagógica*. Tradução de Antônio B. Canellas. São Paulo: Biblioteca Terra Livre. 2015.

também no fazer manual. Nesse sentido, aprender a fabricar o próprio jornal, era visto nesse sentido como algo que conectaria ao mesmo tempo as ideias e a mão, ou seja, o pensar e o fazer. Em Barcelona, durante a Escola Moderna de Ferrer, também foi publicado o *Boletim da Escola Moderna*, que foi largamente difundido na Europa e chegou ao Brasil tanto a sua versão original, como por meio de traduções de seus textos. A Colmeia também tinha *O Boletim da Colmeia*, abrindo subscrições tanto para o território francês (ao custo na época de 4 francos) quanto para o exterior (5 francos).

No Brasil, os estudantes da Escola Moderna de São Paulo eram os responsáveis pelo jornal *O Início*. Feito pelos estudantes, o jornal tinha como alvo os próprios estudantes, mas também noticiar aos pais e professores aspectos da formação atenta à escola. A leitura d'*O Início* permite entender como as escolas libertárias estavam fortemente ligadas ao mundo operário, notando pela fala dos estudantes argumentos sobre a exploração da classe trabalhadora, importância da razão e da consciência política, bem como críticas a Guerra (Primeira Guerra Mundial) e a dificuldades de manter o jornal e a Escola.

Figura 9: Frontispício do Jornal *O Início*: órgão dos alunos da Escola Moderna



Fonte: Acervo digitalizado do autor.

Muitas das datas comemorativas do movimento operário eram ali festejadas e se tornavam motes para atividades em sala. Datas como o 18 de maio (aniversário da Comuna de Paris), 1º de maio (execução dos mártires de Chicago), 14 de julho (queda da Bastilha) e 23 de agosto (morte de Sacco e Vanzetti) e 13 de outubro (fuzilamento de Ferrer y Guardia) eram anualmente comemoradas e festejadas como marcos do movimento operário, muito diferente, portanto, do civismo patriótico e, muitas vezes, ufanista, nas escolas estatais e do calendário eclesiástico festejado nas escolas clericais do período. Estas e outras atividades eram relatadas pelos estudantes nas páginas d'*O Início*. Abaixo, podemos notar o estilo e os tópicos registrados pelos estudantes.

UM PASSEIO Á MARGEM DO TIETÉ

No sábado, dia 6 de março, nós nos reunimos todos às **7 horas da manhã na nossa Escola e cantámos os hinos “A Mulher” e o “Primeiro de Maio”**. Depois meira hora saímos, e descemos a rua Catumbi[...] Ao chegarmos no rio Tieté vimos barcas dentro e fóra do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio. Vimos as barcas no meio do Tieté e também uns meninos caçarem peixes. Depois brincámos de Caracol e Seranda-Serandinha. O João Bento, o Bruno, o Ernesto, o Carlos Chiesa e o Abilio Bento recitaram. Na ida vimos um cavalo morto e o Miniere botou flores em cima dêle. O professor disse que o Miniere fez bem de botar flores em cima do cavalo morto.¹³⁸ **(grifos nossos)**Relato do estudante Edmundo Mazzone.

Na sala de aula:

Estou vendo sobre uma caixa, uma tesoura, uma navalha, um livro chamado História do Brasil, um livro chamado Dicionário do Brasil, uma pedra, uma aritmética, uma faca, uma pedra mármore, uma tapa de tinteiro, uma garrafa, uma caixinha de pênas, um apagador, uma Geografia da Infância, um saca-rôlha, **o jornal “A Voz do Trabalhador”**, duas folhinhas, um quadro terrestre, um quadro-negro, cinco mapas, um globo terrestre, um quadro com o retrato de Francisco Ferrer, um armário, uma mala, dois papelões e uma lata vasía. (Relato do estudante Edmundo Scala, grifos nossos).¹³⁹

Como podemos notar na primeira citação, eram feitos relatos das “aulas passeio” em que os estudantes descreviam com detalhes os locais e as reflexões e sensações obtidas durante o passeio. Por meio do jornal, como podemos notar na segunda citação acima, é possível ainda determinar a arquitetura escolar, o mobiliário, entrever práticas de ensino e as experiências destes estudantes com o mundo escolar protagonizado pelos libertários, como a vinculação com a imprensa sempre disponível (*A Voz do Trabalhador*) e ao contato com os mártires do pensamento libertário (no caso, o educador Ferrer y Guardia).

¹³⁸ *O Início*, Nº 2. 04.09.1915, p. 2.

¹³⁹ *O Início*, Nº 2. 04.09.1915, p. 3.

3.3 As práticas libertárias em Educação: Escolas, Centros de Cultura Social e Bibliotecas

Chamamos a atenção para a bem fundamentada exposição da Associação pró Escola Moderna, do Rio, publicada em nosso anterior número, pois ali está posta a questão nos justos termos: trata-se primeiramente de fazer surgir um núcleo que depois irradiará para os outros pontos[...] Por que em São Paulo não se trata de fundar apenas uma aula [...] Trata-se de muito mais. De organizar uma boa biblioteca de livros escolares: livros destinados à criança e ao professor e guias para o educador, de fundar uma casa de edições. De estabelecer um núcleo, de procurar o melhor material e os melhores processos de ensino, assim como bons educadores capazes de propagar os bons resultados obtidos [...] Por toda parte se vão formando grupos, associações e subcomitês para auxiliar o empreendimento. As listas de subscrição circulam, e o resultado já conhecido é consolador e promissor (A Lanterna, 1910).¹⁴⁰

A prática dos anarquistas em educação englobava as escolas, Centro de Cultura Social (onde se gestou muitos grupos dramáticos, com vistas ao Teatro Social) e Bibliotecas. O programa dessas escolas incluía a caligrafia, gramática, aritmética, geografia, história, física, química, desenho e para complemento dessas atividades tinham as “sessões artísticas e as conferências científicas”. A existência dessas escolas era constantemente mencionada, nos periódicos da época. No jornal *A Lanterna*, de 19 de julho de 1913, noticiava a fundação da *Escola Livre* (mantida pela Associação Escola Moderna de São Paulo), uma nova escola em Belenzinho, São Paulo, e também da forma do seu funcionamento:

As suas aulas tanto diurnas como noturnas já estão em funcionamento com regular freqüência de alunos e a inscrição para a matrícula se acha aberta, mediante a contribuição de 3\$ para as aulas diurnas e 4\$ para as noturnas. O fornecimento de livros e materiais é feito gratuitamente aos alunos da escola a fim de facilitar aos operários a educação e a instrução de seus filhos segundo o método racionalista.¹⁴¹

Em Portugal, temos os mesmos projetos editoriais circulando por todo o país. A edição d'*A Sementeira* (1908 a 1919), publicação anarquista mais duradoura do primeiro quartel do século XX, demonstra com uma quantidade muito grande de artigos a preocupação com a formação militante da classe trabalhadora. Nela, além de encontrarmos artigos escritos pelos pedagogos anarquistas, como Paul Robin, Ferrer y Guardia e Sebastian Faure, podemos notar o constante fluxo de imprensa operária circulando entre os dois países, com muitos artigos de Neno Vasco (provavelmente este o principal elo da circulação de impressos entre

¹⁴⁰ *A Lanterna*, São Paulo, nº 23, 19 de março de 1910, *passim*.

¹⁴¹ *A Lanterna*, Nº 200, 19 de julho de 1913.

Brasil e Portugal, tendo em vista seu constante trabalho para a publicação dos dois países) e de Adolfo Lima, certamente o principal nome da educação anarquista portuguesa.

Ainda se inserindo dentro das práticas educativas e coerentemente difusoras do ideal libertário, encontramos os jornais e folhetos que constituíam a grande fonte de informação da classe operária. O jornal, sem dúvida nenhuma, foi o mecanismo que mais teve peso na difusão das ideias anarquistas. Era nele que se noticiava, como já foram colocadas, as experiências educacionais, como as práticas escolares, e as ações dos Centros de Cultura. Era também neles onde se travavam os debates ideológicos, onde se viam as tendências do operariado. Os periódicos eram os veículos de comunicação por excelência do proletariado, nele tinha-se como ponto central, a explicação da necessidade da organização dos trabalhadores na luta contra o capital. O caráter pedagógico dos jornais é demonstrado neste trecho do jornal *A Plebe*:

A Plebe é um jornal que divulga os ideais de regeneração humana. Por todas as partes deste país, os trabalhadores acham-se na mais profunda ignorância de seu destino; mas agora reaparece este jornal, que lhe pode cultivar o cérebro com ideias novas, tornando-os homens livres, emancipados, aptos para lutar em defesa da liberdade e da justiça.¹⁴²

É importante também, notar a extensão do alcance desses periódicos. O jornal *La Battaglia*, escrito em italiano, chegou a tiragem de 5.000 exemplares entre os anos 1904-1912, e distribuído em mais de 100 localidades. Isso é revelador das múltiplas potencialidades do jornal, por sua tiragem numerosa. De fato, muitos jornais não tiveram uma vida muito longa, devido, principalmente, as dificuldades financeiras que lhes eram inerentes. Mas enquanto o esforço o permitiu, desempenharam um papel fundamental, por exemplo, no desencadeamento das greves e boicotes. Em Portugal, também podemos notar jornais com uma grande tiragem. No dia 20 de abril de 1925, o periódico diário *A Batalha*, noticiava que só em Lisboa sua tiragem tinha chegado a 70.000 exemplares, e escrevia: “o povo trabalhador e liberal saberá auxiliar o nosso esforço comprando com persistência este diário – o único que lhe pode, nesta hora de corrupção, merecer confiança”¹⁴³.

Importante ainda retomar neste tópico duas práticas da educação libertária amplamente difundidas em Portugal e no Brasil, tal sejam a grande dedicação de muitos anarquistas a poesia e as experiências registradas pelo Teatro Social do período. É comum

¹⁴² NOSSO JORNAL. *A Plebe*. São Paulo, 12 de fevereiro de 1927. In: MORAES, José Damiro de. *Op. Cit.* p. 9.

¹⁴³ *A Batalha* - suplemento literário, Nº 73, 20 de Abril de 1925.

encontrarmos na imprensa libertária, em meio às notícias das greves e dos textos mais "doutrinários", um conjunto muito grande de poesias.

Os temas desse conjunto poético da imprensa libertária variam de acordo com as publicações, mas sempre carregam ao fundo a *questão social*, como: o 1º de maio, os trabalhadores, a paz, as greves, o anticlericalismo, mas também temas como o amor, a criança e a mulher operária. Na poesia também se travavam os embates inclusive com a Igreja, como nas palavras de Beato da Silva (pseudônimo), publicadas pela *A Lanterna* em 14 de fevereiro de 1914, de Carlos Fonseca.

A IGREJA E A ESCOLA

- Donde vens tu, mulher, como a desgraça esquelada?

Que precoce velhice em tua fronte alveja?

Quem és tu? Donde vens, mísera, tão pálida?

- Eu sou a Ignorância e venho da Igreja!

- E tu, bela mulher, rosa alegre e pura.

Que ostentas no semblante a seiva das corolas,

Quem es tu? Donde vens, pujante criatura?

- Eu sou a Educação e venho das escolas!¹⁴⁴

No Brasil, anarquistas como José Oiticica, Martins Fontes, Affonso Schmidt, Lírio de Rezende, Domingos Braz e Pedro Augusto Motta são presenças fortes na imprensa do período. Em Portugal, Bento Faria, Neno Vasco, César Porto, Campos Lima e Adolfo Lima despontam como nomes de referência também na poesia anarquistas. Importante mencionar que essa poesia também circula entre a imprensa dos dois países sendo, por exemplo, comum encontrar versos de José Oiticica, Affonso Schmidt, Martins Fontes também na imprensa operária portuguesa, o que demonstra uma circulação desses impressos. Esse fluxo acontece nas duas vias, tanto na direção Brasil-Portugal como da direção Portugal-Brasil.

Um exemplo são as obras de Adolfo Lima que chegam ao Brasil. Neno Vasco, que outrora residiu dez anos no Brasil, mas já em Portugal envia para *A Lanterna* um longo artigo que avalia três obras de Adolfo Lima: *Educação e Ensino*, *O Ensino de História* e *Teatro da Escola*¹⁴⁵. No artigo Vasco faz uma análise criteriosa das três publicações, demarcando as inovações pedagógicas contidas nas obras e incentivando a leitura por todos que "amam a escola". A obra *Teatro na Escola*, de Adolfo Lima, é fruto de uma comunicação realizada na Sociedade de Estudos Pedagógicos no dia 8 de abril de 1914, foi editada em

¹⁴⁴ *A Lanterna*, São Paulo, Nº 230, 14 de fevereiro de 1914.

¹⁴⁵ *A Lanterna*, São Paulo, Nº 243, 16 de maio de 1914.

Portugal e chega ao Brasil ainda no mesmo ano, ficando à disposição para venda nos periódicos brasileiros. Logo no início da obra, Lima anuncia: “[O Teatro na Escola] *É, na nossa convicção, o mais importante capítulo da Arte na Escola. A arte dramática é um elemento educativo digno de aproveitar-se, tanto na criança como no adulto*”¹⁴⁶. No livro Lima informa sobre a criação de grupos em Lisboa destinados ao Teatro Social, explica didaticamente sobre metodologias para a escolha de peças destinadas à apresentação das crianças, e nos chama a atenção para a ação educativa do próprio processo de criação cênica:

No que o Teatro na Escola atinge o máximo poder educativo, não é propriamente na recita, no espectáculo em si, que dura apenas umas horas. É na soma de trabalhos preparatórios que exige.

Uma recita numa escola põe-na toda em actividade: professores e alunos multiplicam-se nos trabalhos que lhes foram distribuídos, numa atmosfera quente e entusiástica. A tarefa a realizar cria vida! A criança é estimulada a trabalhar e trabalha bem e espontaneamente. Vê um fim a realizar. E, quer os trabalhos sejam de ordem manual, quer intelectual, ela agita-se freneticamente, instrui-se, educa-se por si mesma.¹⁴⁷

Em Portugal, João Freire¹⁴⁸ lista centenas de grupos que realizam conferências, criam escolas e bibliotecas, editam jornais e enumera 37 grupos específicos de Teatro. No Brasil, Edgar Rodrigues, em seu *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*¹⁴⁹, chega a nomear os 63 grupos de teatro social, organizados a partir da divulgação destes na imprensa operária e libertária. Descreve a quantidade, inclusive, de festivais realizados, dramas representados, comédias, atos de variedades, recitais, monólogos, declamações, canções e outros textos teatrais.

A prática político-pedagógica dos libertários em educação é, pois, muito diversificada. Seja no teatro social, nas escolas, nos centros de cultura social, nas bibliotecas ou mesmo nas inúmeras conferências, reafirma-se sempre o caráter educativo, instrutivo e revolucionário. Buscamos nesta seção, alinhavar desde aqueles que primeiro teorizam sobre a necessária educação transformadora e consonante com o projeto político protagonizado pelos anarquistas, as primeiras experiências educacionais de Robin, Ferrer e Faure, e por último, trazer exemplos do que foram as consequências educativas desse movimento educacional que chega e transforma também a realidade da formação dos trabalhadores no Brasil e em Portugal. Importa ainda lembrar que estas teses libertárias em educação ao chegar aos dois

¹⁴⁶ LIMA, Adolfo. *O Teatro na Escola*. Lisboa: Guimarães & C^a Editores. 1914. p. 3.

¹⁴⁷ LIMA, Adolfo. *Op cit.* p. 17.

¹⁴⁸ FREIRE, João. *Anarquistas e Operários – ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e operariado em Portugal, 1900-1940*. Porto: Edições Afrontamento, 1992. p. 287.

¹⁴⁹ RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992. p. 231.

países não só provocam muitas ações educativas como foram alteradas pelos locais de produção das novas iniciativas. Com isto, afirmamos que mais que transpor "modelos" educacionais de outros países, de modo acrítico e repetitivo, a experiência educacional dos libertários no campo da educação e da cultura, fruto necessariamente da práxis política do próprio movimento operário, produziu ações ricas, alternativas e diversas em cada país e em cada região.

4 O OCEANO COMO PONTE – AS TRAJETÓRIAS MILITANTES ENTRE OS DOIS MUNDOS

Uma ponte atlântica galvanizada pela ideologia poderia fazer do oceano um fator de integração e não um fosso coberto por massa de água salgada [...] ¹⁵⁰Eram as pontes sobre o Atlântico que, longe da representação do emblema da distância, cumpririam o papel inverso, transformando a massa líquida em corredor para a revolução. O internacionalismo, nessa aparente contradição, consumava-se com a partida; mas para ensejar encontros, em outras terras, em favor da classe operária (Alexandre Samis). ¹⁵¹

Neste tópico, escolhemos para analisar algumas evidências sobre o papel dos impressos anarquistas que tiveram ampla circulação nestes dois territórios "separados" pelo Atlântico. Estas atas denunciam parte das nossas inquietações, na medida em que a pesquisa social desse trânsito de militantes registra um movimento de um conjunto enorme de impressos, e afirmam uma distância muito menor entre as margens brasileiras e portuguesas. O oceano então, outrora provável empecilho na comunicação entre os povos, se tornava desde ali, pontes de integração e potencialização de projetos políticos das mais variadas matizes.

O longo século XIX, como definira Eric Hobsbawm (2013) ao conceituá-lo como o século do surgimento dos "nacionalismos" e do apogeu do capitalismo, viu também nascer as propostas contestatórias de superação destes paradigmas na economia e na política. As propostas do "internacionalismo" e do "socialismo" foram também ganhando formas em diversas partes do globo, facilitadas pelas grandes redes comunicacionais agora interpostas entre os países. Por meio da grande malha das navegações e das ferrovias que se alastravam por todas as partes do globo no século XIX, apressavam-se não apenas mercadorias, mas também múltiplos projetos, facilitado pelo encurtamento das distâncias, unindo pessoas e ideais.

É nesse cenário que ganham atenção os impressos desse período. Eles ajudam a entender boa parte do debate político, tendo em vista que as ideologias em disputa utilizam-se do recurso da imprensa para ampliar sua comunicação no seio das massas. As ideias, na medida em que iam ganhando forma e centralidade, tomavam conta da imprensa – principal meio no período de divulgação das ideias e da disputa das "consciências" –, entendida como espaço de educação, essencialmente de natureza política. A imprensa deve ser vista nesse período como algo para além da atividade jornalística de reportar os fatos e em busca de uma

¹⁵⁰ SAMIS, Alexandre. *Minha Pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o Anarquismo e o sindicalismo revolucionário*. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2018. p. 157.

¹⁵¹*Id. Ibid.* p. 366.

atenção a neutralidade das posições, mas vista também como um instrumento essencialmente pedagógico, portanto, portadora de posições muito bem definidas e com uma intencionalidade criativa, instrutiva e, por muitos atributos, revolucionária.

4.1 Os militantes em torno da propaganda libertária

A Imprensa burguesa exerce, sem duvida, uma grande influência sobre o povo. Ela poderia ser um importante fator de cultura e na formação de sua mentalidade. Mas como está mercantilizada, como o seu fim é exclusivamente o lucro, a sua influencia não pôde ser mais prejudicial e execravel. A imprensa burguesa é um antro é um antro de exploração. Raro é o homem ao seu serviço que não sucumbe, que não se corrompe. A mentira e a hipocrizia imperam soberanas no seu seio (A Voz do Trabalhador, 15 de julho de 1913).

A imprensa envolvida fortemente com a propaganda libertária era expressão do momento de forte ligação entre movimento operário e movimento anarquista. Os dois caminham intimamente nos dois países, quando os anarquistas assumem posição de destaque nas lutas sociais no final do século XIX e início do século XX. Fundam organizações especificamente para anarquistas, ideologicamente “fechadas” a seus membros, como é o caso da Aliança Anarquista (no Brasil) e da União Anarquista Portuguesa (em Portugal), ao mesmo tempo em que participam também da criação das principais organizações de lutas nos dois países. No Brasil são responsáveis diretos pela criação da Confederação Operária Brasileira (COB) e dos três Congressos Operários Brasileiros (em 1906, 1913 e 1920), e em Portugal também são decisivos na criação da Confederação Geral do Trabalho (CGT), responsável pela organização e radicalização de inúmeras greves.

Todas essas organizações sejam as especificamente anarquistas como as eminentemente de classe possuíam seus periódicos por meio dos quais era difundida ampla bibliografia visando melhor formação dos seus "leitores". Aliada aos seus projetos de intervenção direta na política estava associada à Educação Libertária que buscava atender a "elevação moral e intelectual" da classe. É comum encontrarmos nos periódicos seções, como "Nossa Biblioteca", "Leituras que recomendamos", "Nossas leituras", "O que todos devem ler...", indicando inúmeras publicações e temas acessíveis nas bibliotecas ou nas redações dos jornais disponíveis para consulta e venda. São nestas seções que também encontramos os nomes daqueles que animam esse circuito do livro, como Neno Vasco, Edgar Leuenroth, Maria Antonia Soares, Manuel Moscoso, Antonio Orellana (conhecido como o livreiro do movimento anarquista) e outros tantos.

Neste ponto, importa ressaltar que cada impresso possuía suas especificidades. A impressão de um texto, em forma de livreto, por exemplo, anuncia a intenção literária e política desta propaganda (expressa na escolha do título), demarca as preocupações de um período (a data da publicação nos remete ao seu tempo), o grau de importância dada as ideias contidas na obra (afinal, porque esta e não aquela edição?), assim como o alcance da publicação (quando é possível determinar a tiragem). É por meio destas que se revela a intenção de um indivíduo ou de um grupo, se foi feito de um modo mais artesanal ou com maior qualidade gráfica, se atende a um público mais restrito ou a um público mais amplo. Válido ressaltar ainda que a influência das ideias libertárias não estava apenas no âmbito do movimento operário.

Era comum figurarmos jornais de maior circulação, no que chamamos de grande imprensa, notas das atividades anarquistas e ou de autores e intelectuais libertários e de livre pensadores ligados aos anarquistas. Elisée Reclus e Francisco Ferrer y Guardia, nos campos da Geografia e Educação, respectivamente, são dois autores anarquistas de fácil encontro nos jornais deste período estudado. Essa influência dos libertários era sentida, inclusive, no contato com outros periódicos de grupos políticos. *A Nação* (sub titulado *Orgam do Partido Republicano Federal*) publica, em sua página de capa, no dia 1 de maio de 1898, que no dia anterior foi posto a venda o livro do "collega de imprensa" Benjamim Mota. O título daquela publicação era *Rebeldias*, talvez a primeira obra publicada sobre anarquismo por um brasileiro.

Essa atividade militante em torno das edições de livros e dos jornais possuía uma íntima relação com um fenômeno muito comum da experiência libertária em educação: o autodidatismo. A ânsia de propagação das ideias foi responsável por inúmeros aprendizados, objetivados pelas circunstâncias diárias marcadas pelos esforços pessoais e pela falta de recursos. Esses militantes eram muitas vezes quem fazia o trabalho de jornalistas (de cobertura dos fatos em meios às agitações de trabalhadores), eram os próprios revisores das matérias e por fim, os seus distribuidores, tendo em vista que a imprensa operária e libertária foi em vários períodos de enorme tiragem, exigindo assim maior dinâmica de distribuição.

É importante também, notar a extensão do alcance desses periódicos. O jornal *La Battaglia*, publicado em São Paulo e escrito em italiano, como já dissemos acima, chegou a tiragem de 5.000 exemplares entre os anos 1904-1912, e distribuído em mais de 100 localidades. Já *A Plebe*, em 1919 registrava uma tiragem de 9.500 exemplares e, novamente, *A Batalha*, de Lisboa, 70.000 exemplares em 1925.

4.2 Teoria e a prática da Educação Libertária entre Brasil e Portugal

A teoria e a prática anarquista em educação, como já pontuamos em tópicos anteriores, trazem uma dimensão pedagógica rica e diversificada. São muitos os militantes que fazem o fluxo (tanto no sentido migratório propriamente dito, como também jornalístico e ideológico) entre os dois países, e muitos deles estão diretamente envolvidos com a educação. É o caso, por exemplo, de Deolinda Lopes Vieira, professora e anarquista portuguesa que ao vir ao Brasil, por conta justamente da expulsão de seu companheiro Pinto Quartim, chega inclusive, a tentar concurso para professora no Rio de Janeiro em meados de 1914. Muitos portugueses, como Tércio Miranda e Marques da Costa, militantes de inúmeras batalhas no campo da luta de classes, ambos militantes na região norte do Brasil; além de suas preocupações com o estímulo das lutas e da criação de entidades de classe do Amazonas e no Pará, criam escolas vinculadas a estas entidades (Marques da Costa chega inclusive a fundar a revista *Renovação: revista mensal – comunista-anarquista*, em 1922).

A articulação entre os anarquistas brasileiros e portugueses faziam parte de uma miríade de relações construídas com toda sorte de problemas e adversidade, características da gente de pouca cédula, porém de aguerrida ação e ideologicamente equipados com as ideias do "novo tempo" propagado e que a cada dia se avizinhava a cada passo dado. Eram tempos que a revolução estava logo ali, na esquina, dependente do suor de cada trabalho, mais avistável, muito diferente deste tempo. Nesse sentido, alguns militantes trabalhavam diuturnamente na venda de livros e nesse contato transatlântico entre os dois países.

Antonio Orellana, espanhol e casado com a irmã de Neno Vasco, aderiu às ideias anarquistas do cunhado, quando este veio de Portugal para o Brasil. Descrito por seus pares como uma pessoa inteligente e corretíssima, desenvolveu intensa venda de livros anarquistas chegados de Portugal, Espanha, Itália e França. Edgar Rodrigues chama-o de "o livreiro do movimento anarquista", anunciando sempre grande lista de livros destes países principalmente nos jornais *O Amigo do Povo*, *A Terra Livre* e *A Lanterna*.¹⁵²

Nas páginas d'*A Lanterna*, era comum a presença de Orellana como destinatário dos assuntos relacionados aos livros, como edição número 146, de 06 de julho de 1912, donde temos uma notícia sobre a retorno da circulação da obra de Elisée Reclus, *El Hombre e la Tierra*:

¹⁵² RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Vol. 1. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1994. p. 38.

Já tendo sido reaberta a livraria da Escola Moderna de Barcelona e completada a esplendida obra de Eliseu Reclus, *El Hombre e laTierra*, o companheiro Antonio Orellana convida às pessoas que a recebiam em fascículos por seu intermédio a saldarem os seus débitos para receberem os fascículos restantes, ou a devolverem os que estão a seu poder.¹⁵³

Antonio Vaz, também português, operário e estudioso do esperanto fez-se professor do idioma internacional nos meios operários, no Centro de Cultura Social no Rio de Janeiro. Ele também deu curso pela revista anarquista "Renovação", dirigida pelo também português Marques da Costa. Ajudou a fundar o grupo "Renovação Teatro e Música" e colaborou em vários espetáculos que este grupo de teatro social realizou no palco da sede dos Cocheiros. Antônio Vaz foi expulso sem processo nem julgamento durante o auge da repressão do governo Artur Bernardes, em 1925.¹⁵⁴

A análise dos periódicos nos permite fazer inúmeras comparações entre as publicações expostas na imprensa operária. Podemos interpelar sobre as publicações em outras línguas – que obviamente tinham como destinatários a população imigrante –, sobre as temáticas dispostas e sobre o preço das edições (geralmente acentuados ao lado das edições). Maria Antonia Soares¹⁵⁵, professora da Escola Moderna, tomou parte na articulação dos livros que circulavam na imprensa libertária. No periódico *A Vanguarda*, publicado em 25 de fevereiro de 1921, na sessão intitulada *Biblioteca Social*, anota-se que os seguintes títulos se encontram à venda:

Memórias de um exilado – Everardo Dias
 No país dos frades – José Rizal
 Eletra (drama anticlerical) – Peres Galdós
 O que é Maximismo ou Bolchevismo – Hélio Negro e Edgar Leuenroth
 Evangelho dos livres – Afonso Schmidt
 A greve da Leopoldina – Astrojildo Pereira
 A verdade acerca da Revolução Russa – Ed. Metzner
 Jesus Cristo era Anarquista – Everardo Dias
 O que querem os anarquistas – Jorge Tonar
 Abusos e erros do Catolicismo – Abade João Meslier
 Derrocada Ultramontana – Darlo Veloso
 O livro da Verdade – A.I. Betoldi
 O Sagrado Coração de Jesus – Dr. N. Roubi
 O Milagre de Frei Leonardo – Francisco Fagundes Lima
 Da Religião à Anarquia – Manoel J. da Silva
 Aos Camponeses – Ricardo Mella
 O Amor Livre – Charles Albert

¹⁵³ *A Lanterna*, nº 146. 06 de julho de 1912.

¹⁵⁴ RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Vol. 1. Op. Cit, p.39.

¹⁵⁵ "Em São Paulo, foi professora da Escola Moderna, participou do movimento anarquista, discursou em praça pública e foi presa mais de uma vez por isso. Ajudou a fundar o Centro Feminino de Educação, e trabalhou no teatro social, representando nos grupos de teatro anarquista com tanto brilho quanto as atrizes profissionais". RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Volume 4. Florianópolis: Insular. p. 128.

Os emancipados – Fábio Luz
 Formas e Essenciais do Socialismo – Severino Merlino
 Ação Sindicalista – Victor Grufuelhes
 Prisões, Polícia e Castigo – F.E. Carpenter
 A Anarquia em Portugal – Homem Cristo (Pai)
 A Moral Anarquista – Piotr Kropotkine
 A Sociedade Futura – J. Grave
 Genealogia da Moral – Frederico Nietzsche
 O Movimento Operário – Augustin Hamon
 As origens do socialismo contemporâneo – P. Janet
 A Psicologia das Multidões – Gustavo Le Bon
 Riqueza e Felicidade – A. Costa
 Leis Psicológicas das revoluções dos povos – G. Le Bon
 Cristo Nunca Existiu – E. Bassi
 O Capital – Karl Marx
 O pecado de Simonia – Neno Vasco
 Evangelho da Hora – Paulo Berthelot
 Quem não trabalha não come – A. de Pinho
 Se queres viver, desperta e luta
 A Catedral – B. Ibañez
 Germinal – E. Zola
 Ciências para todos

Em italiano

Gesú Cristo non é mai esistito – Emilio Bassi; Disertore (romanzo sociale) – V. Vacirca

Em Espanhol

La burguesia y el proletariado;
 Rif. y Revolución Social;
 La Revolución e El Estado;
 Veneno;
 Idalos;
 La Comune – Luiza Michel;
 Los enigmas del Universo – Haeckel;
 Germinal – Emile Zola (2 volumes);
 Las Fortunas de los Rougon;
 La Confeción de Claudio – E. Zola (2 vols.);
 Mundo Agonizante – Lirio de Resende;
 Riqueza e Felicidade. A luta pela existência;
 A grande revolução – P. Kropotkine (2 vols.);
 Psicologia do militar profissional – P. Hamon;
 A caminho da união livre – Alfredo Noquet.¹⁵⁶

Junto à listagem dos livros à venda, segue o pedido ao leitor que envie o respectivo valor da obra, acrescido do valor de postagem, para o endereço *Rua Uruguaiana, 108, Brás, São Paulo*. Ali se encontram, como pode ser visto um rol muito rico de leituras sobre temas variados, desde temas ligados estritamente ao ambiente político e ideológico em disputa no período, mas também sobre o anticlericalismo, as questões filosóficas, sociológicas do período. Também temos sempre as leituras em outros idiomas à disposição, característica

¹⁵⁶ PINHEIRO, P. Sérgio. HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil (1889-1930): condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. Vol. 2. São Paulo: Brasiliense. 1981. p. 121.

certamente marcante do período, resultante da forte imigração, sobretudo nas questões do sudeste e sul do Brasil. Ressalta-se, ainda, outra característica perene nas vendas de livros pelos libertários, que era a sempre disponibilidade de literatura. Era possível sempre encontrar nesses catálogos, a presença de escritores brasileiros e de muitas outras nacionalidades (traduzidos ou não).

Um autor de larga referência na literatura brasileira como Lima Barreto também defendeu as teses libertárias em educação. Essas teses certamente foram apreendidas em meio à atividade constante de Lima Barreto nos meios libertários. Colaborador frequente na imprensa libertária, Lima Barreto não poderia estar alheio a grande influência da propaganda anarquista de então. Em inúmeros textos, tanto de livros como em dezenas de crônicas, ele toma nota em defesa das teses libertárias em educação. Por ora escolhemos dois pontos que nos parecem centrais dentro da educação libertária e que são abordados por este autor em muitos escritos. Em primeiro lugar, ele chama a atenção para a importância do que Rogério Nascimento¹⁵⁷ chamou de *desaprendizagem*. Com isto, Nascimento nos chama a atenção para a crítica ácida de Lima Barreto contra a “superstição doutoral” ou uma “teocracia doutoral”, que toma conta do bacharelismo da época e que Lima Barreto intima seus leitores a recusa deste sistema. Com isto, Lima Barreto afirmava ser o título apenas um “status”, adquirido apenas para acentuar as hierarquias na sociedade. Cita em relação à formação de doutores e sobre o uso do dinheiro público na educação:

Se há alguma coisa a fazer em instrução que não seja a de fabricar doutores, é extinguir todos os colégios militares e o Pedro II, criando por todo o Rio de Janeiro liceus, ao jeito dos franceses, para moças e rapazes, de forma que os favores do Estado alcancem todos.

Os colégios militares são sobremodo um atentado ao nosso regímen democrático; é preciso extingui-los e aproveitar os respectivos professores e material, na instrução da maioria. Pelo menos, a República devia fazer isso.¹⁵⁸

Um segundo ponto, em total sincronia com o defendido nas escolas libertárias, era a crítica ao sistema de exames, estimulante da competição, do arrivismo e da disputa. Ele qualifica como “tolas superstições medievais” esse tipo de práticas que foram ao alcance do tempo naturalizadas nas escolas republicanas de então. Essa crítica ao sistema de provas – que com decorrência incentivava por sua vez a defesa de prêmios e a imposição de castigos e punições –, é amplamente defendida pelos libertários desde as grandes referências como a

¹⁵⁷ NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Educação e Desaprendizagem: a pedagogia anarquista de Lima Barreto*. Anais do II Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas. Volta Redonda, 2016.

¹⁵⁸ BARRETO, Lima. (1881-1922). Continuo... *Correio da Noite*/ 13/03/1915. Volume I (1890-1919). In: REZENDE, Beatriz; VALENÇA, Raquel. *Toda Crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 181.

Escola Moderna de Barcelona de Ferrer y Guardia, bem como d'A *Colméia*, de Sébastien Faure na França, mas também nas escolas libertárias brasileiras e portuguesas.

Com a expressão desse ideário pedagógico fortemente ligado à classe trabalhadora, como já notamos, são muitas e capilarizadas as experiências pedagógicas em Portugal e no Brasil. Os registros da imprensa operária do período nos permitem visualizar inúmeras práticas educativas que permeiam a educação e a cultura, como formadoras de uma identidade libertária nos dois países. Além das experiências escolares (referenciadas pelos ateneus e pela Escola Moderna), como citamos no tópico acima, foram criados centros de cultura e grupo de estudos; grupos de jovens (juventudes libertárias); grupos de ensino de esperanto; grupos de propaganda e agitação; grupos editores de jornais; editoras e distribuidoras de livros, grupos de teatro amador; ligas anticlericais. Como ressaltou Edgar Rodrigues: A cultura, antes propriedade de uns poucos, foi-se vulgarizando. Trabalhadores humildes movimentaram a pena com brilho, fizeram-se jornalistas, escritores, conferencistas, professores, teatrólogos, atores, poetas revolucionários, idealistas dispostos a transformar a sociedade de exploradores e explorados, numa comunidade de irmãos, de iguais.¹⁵⁹

Esse conjunto de experiências e práticas educativas associadas ao anarquismo produziram iniciativas de vários níveis, desde as conferências até a fundação de universidades populares. Como exemplo, em ações simultâneas no ano de 1904, fundam-se duas universidades ligadas aos libertários (ainda que não mobilizadas apenas por estes e sim por mais um conjunto de livres pensadores e até mesmo de republicanos dos dois países). A primeira delas é fundada no Rio de Janeiro e é movimentada por vários intelectuais e militantes anarquistas, chamada de Universidade Popular d'Ensino Livre (ou também conhecida apenas como "Universidade Popular"), com sede no Centro Internacional dos Pintores. Neste projeto atuaram nomes como Fábio Luz, Elysio de Carvalho, Martins Fontes, Rocha Pombo, Pereira da Silva, Pedro de Couto, Mota Assunção, Felisberto Freire, Manuel Moscoso e Caralampio Trillas. No programa da Universidade Popular de Ensino (UPE), amplamente debatida e divulgada na revista KULTUR, registrava cursos diversos e mantinha também uma biblioteca:

Terça-feira, 26: Inauguração da biblioteca com uma conferência de M. Curvelo;
 Quarta-feira: Curso de filosofia, do Dr. Pedro do Couto;
 Quinta-feira: Curso de higiene, do Dr. Fábio Luz;
 Sexta-feira: Curso de História Natural, do Dr. Platão de Albuquerque;
 Sábado: Curso de História das Civilizações, do Dr. Rocha Pombo. Curso de Geografia, de Pereira da Silva.
 Serão iniciados desde logo os cursos práticos de línguas, aritmética, escrituração mercantil, desenho, modelagem, arte decorativa, mecânica e conferências sobre temas e assuntos de interesse social. Esse cursos dependem de matrícula especial.

¹⁵⁹ RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

Biblioteca (leitura em domicílio e sobre a mesa), sala de leitura (onde se encontrarão revistas e jornais de todas as partes do mundo), consultório médico e jurídico, livraria, museu social, etc.¹⁶⁰

A segunda iniciativa, simultânea a esta abertura da Universidade Popular no Rio de Janeiro foi a Universidade Livre, no Porto. Na própria revista KULTUR publica-se na seção “Notas Internacionais” o seguinte informe:

A Universidade Livre, a primeira do gênero em Portugal, criada por iniciativa no comitê central de acadêmicos e operários, mediante subscrição do proletariado local, inaugurou em 19 de mês passado os seus trabalhos. O projeto adotado para a divulgação de conhecimentos é o de conferências. As sessões serão ilustradas com exibições da lanterna mágica. A competência de notabilidades como Azevedo Albuquerque, Júlio de Matos, Duarte Leite, Pádua Correa, Manuel Laranjeiras, está confiada a regência dos respectivos cursos. Eis aqui uma instituição utilíssima que muito contribuirá para o engrandecimento intelectual do proletariado do Porto que recebeu essa iniciativa com grande entusiasmo.¹⁶¹

Na literatura, no teatro, na política, na educação etc. foram muitos os escritos e os intercâmbios, principalmente com Portugal. No jornal *A Comuna*, de Portugal, podemos notar o ácido texto do escritor anarquista brasileiro Fábio Luz, criticando a educação pública na pré-instalada República brasileira.

A revolta vem do sentimento, do instinto, do instinto de socialização, da sede viva de justiça e equidade e da necessidade de ser feliz ao lado de felizes. Para uma revolução política, para a mudança das constituições, para reorganização de governos e conseqüências de leis escritas, tudo depende de cabeça. Para protestar, revoltar-se, e reivindicar direitos naturais conspurcados, e aspirar à felicidade geral e à felicidade geral e à igualdade solidária, que é o coração, é o amor da humanidade, e a esperança num futuro de paz absoluta e de liberdade integral. [...]Os políticos fazem revoluções com a cabeça e a inteligência; o povo com o coração e o instinto.¹⁶²

E ainda n’*A Comuna – Órgão Comunista Libertário*, tínhamos notícias da venda de vários folhetos brasileiros, incluindo o do professor da Escola Moderna de São Paulo, Adelino de Pinho, de origem portuguesa, o que demonstra o fluxo inverso também das edições que circulavam pelo Brasil.

¹⁶⁰ RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. São Paulo: Achiamé, 1992. p. 27. Consultamos também 5 exemplares da Revista KULTUR, disponível no acervo pessoal digitalizado do autor.

¹⁶¹ *Id. Um século de História Político-Social em Documentos II*. São Paulo: Achiamé. 2007. p. 84,

¹⁶² *A Comuna – Órgão Comunista Libertário*. Ano I. Nº 41. p. 2. 13.02.1921 (Porto – Portugal).

Enviados por vários camaradas do Brasil e para serem vendidos a favor de A COMUNA recebemos vários folhetos de propaganda, tais como: *Memórias dum exilado*, de Eduardo Dias; *O que querem os anarquistas*, de Jorge Thonar; *Quem não trabalha não come*, de Adelino Pinho; e *O Pecado de Simonia*, de Neno Vasco; folhetos que se encontram à venda na nossa administração.

NOTICIA <<Pela Educação e pelo Trabalho>>

Os camaradas ou grupos que tenham em seu poder alguns exemplares deste folheto de Adelino de Pinho, publicado em 1908 e os desejem vender ou trocar por outros podem dirigir-se para êsse fim á nossa administração.¹⁶³

A edição do texto *Pela Educação e pelo Trabalho*, de Adelino de Pinho, é resultado de uma Conferência de mesmo nome proferida por Adelino na Liga Operária de Campinas¹⁶⁴. Temos como anotação de capa logo abaixo do título na publicação de Adelino, a seguinte explicação:

Pela Educação e Pelo Trabalho

Conferência lida na Liga Operária de Campinas em 13/12/1908
Editada e impressa na cidade do Porto, em Portugal,
pela Gráfica Peninsular Monteiro Gonçalves A.C.¹⁶⁵

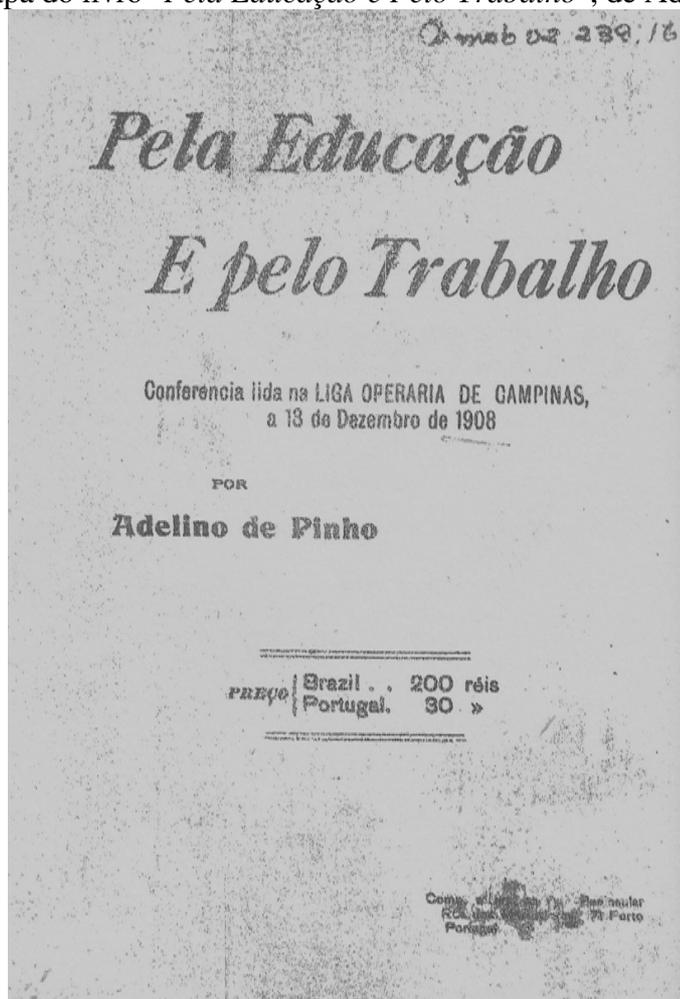
Consta ainda na capa da publicação o preço de venda no Brasil (“200 réis”) e em Portugal (30 – moeda não informada).

¹⁶³ *A Comuna – Orgão Comunista Libertário*. Ano I. Nº 41. p. 2. 13.02.1921 (Porto – Portugal).

¹⁶⁴ Em 2014 a Biblioteca Terra Livre, de São Paulo, reuniu vários textos dispersos de Adelino de Pinho sobre Educação e Sindicalismo, e publicou a obra PINHO, Adelino de. *Pela Educação e Pelo Trabalho e outros escritos*. Biblioteca Terra Livre. São Paulo, 2012.

¹⁶⁵ *Id. Ibid.* p. 25.

Figura 10: Capa do livro "Pela Educação e Pelo Trabalho", de Adelino de Pinho



Fonte: PINHO, Adelino. *Op. Cit*

Certamente, essa conferência de Adelino de Pinho, lida na Liga Operária e de Campinas, após sua edição serviu de instrumento e veículo a um importante recurso do movimento operário de então, as “leituras comentadas”, ou também conhecidas como “leituras coletivas”. Como bem assinala Dora Barrancos sobre este fenômeno na Argentina, “as ‘leituras comentadas’ constituíram um dispositivo que gozou de singular preferência nas fileiras anarquistas, invadindo as associações gremiais, centros de estudos, bibliotecas e outras organizações culturais”¹⁶⁶. Adelaide Gonçalves também assinala a utilização desse recurso pedagógico e, ao mesmo tempo, de consciência contestatória no eixo Brasil e Portugal e de como esse instrumento auxiliou inúmeros trabalhadores a iniciar-se nas letras e envolver-

¹⁶⁶ BARRANCOS, Dora. As "leituras comentadas": um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930. *Revista Educação em Debate*. Faculdade de Educação da UFMG - n. 2, 1988. Disponível em: <http://segall.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/108/114>. Acesso em: 15 ago. 2016.

se também na escrita e na imprensa operária. Citando uma entrevista de Jaime Cubero a Antonio Valverde escreve:

Depois da exposição seguiam-se as perguntas da platéia. Nem sempre pacíficas, pois as pessoas tomavam partido e se empolgavam. Era o calor das ideias e a premência da ação. E todos foram autodidatas como Florentino de Carvalho, Oswaldo Salgueiro, Antônio Ruiz Bello, Rodolfo Felipe, Avelino Fóscolo, Felipe Gil, para o caso do Brasil.¹⁶⁷

4.3 O registro das publicações: a imprensa e as edições

A repressão imposta aos redatores da imprensa libertária registra parte não rara da imprensa operária, a convivência com a repressão em todos os tempos e lugares que esta invocou criar estrada. Os impressos, as palavras da contestação editadas por todos os meios, sejam elas rapidamente produzidas nos jornais, que muitos chegaram, inclusive, a ser diários, ou no registro das edições mais elaboradas em opúsculos e livros de melhor acabamento, foram alvos certos dos olhos e braços dos Estados. Os registros despontam em todos os países que o movimento operário toma sentido e ação.

Os trabalhadores brasileiros e portugueses conviveram com iguais perseguições, muitas destas sendo orquestradas em operações de comum acordo e cooperação entre os países, em uníssono contra a difusão das lutas das causas operárias. Para termos uma ideia da articulação da repressão sobre a pena libertária em território brasileiro, façamos um recuo pontual e necessário ao ano de 1896.

Em um relatório de janeiro deste ano o então Chefe de Polícia, Bento Pereira Bueno, apresenta ao Secretário de Negócios da Justiça do Estado de São Paulo, em detalhes, relato parcial da perseguição, interrogatório, prisão e deportação de um grupo de maioria de italianos que desde 1894 se organizara naquele estado. No relatório, além da acusação lançada ao referido grupo – de terem lançado duas bombas de dinamite a dois palacetes da capital naquele período e serem por esta causa condenados a deportação e encaminhados ao Rio de Janeiro –, relatava que alguns deles retornaram e ao chegarem a São Paulo teriam constituído "novo grêmio de propagandistas, fundando jornais e publicações perigosas para a ordem pública e realizando reuniões secretas de intuito francamente anarquistas".

O texto é amplamente recheado de informações condenatórias e taxativas sobre a ideologia anarquista corroborando com a tese da *planta exótica* (descrita na seção2), colocando-a como pensamento incomum e hostil aos brasileiros e sempre enfático ao ressaltar

¹⁶⁷ Trecho citado em: GONÇALVES, Adelaide. *Em busca de conhecimento e liberdade: notas para a história da leitura no anarquismo*.

os militantes como "elementos infensos e perigosos à ordem pública". Bento Pereira Bueno antes de revelar que durante os interrogatórios todos os membros teriam confirmado a sua qualidade de "propagandistas convencidos e ardentes do socialismo anarquista", registrou: "*Das buscas efetuadas resultou a apreensão de numerosos livros e jornais de propaganda revolucionária, muitos exemplares dos manifestos acima referendados e correspondências reveladoras de planos criminosos*"¹⁶⁸. Posteriormente, serão criadas leis específicas de criminalização das lutas sociais e de repressão ao anarquismo, sendo as mais conhecidas a Lei Adolfo Gordo¹⁶⁹, que "Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional" e especificamente o Decreto de 17 de janeiro de 1921, que "Regula a Repressão ao Anarchismo"¹⁷⁰.

Em Portugal a sanha repressiva estatal é semelhante à brasileira e a dos outros estados europeus. Desde os eventos da Comuna de Paris (1871), considerada como a primeira experiência de governo operário da história, e de alguns atentados contra representantes de Estado, a "ameaça anarquista" era vista como elemento a ser perseguido, gerando uma série de leis específicas contra o anarquismo em diversos países. Tanto no período da Monarquia, como na República instaurada a partir de 1910, a repressão e a perseguição aos anarquistas é regra da ação do estado português. Ainda sob o regime monárquico, ao primeiro dia de setembro de 1898, saía nas ruas do Porto o periódico *A Ideia: periodico scientifico*¹⁷¹. Nas quarenta páginas do jornal seguia o texto *A Questão Anarchista*, de Bernardo Lucas. As linhas correspondiam ao discurso, no tribunal da relação do Porto, que este advogado realizou em defesa de Cristiano de Carvalho, Serafim Cardoso Lucena, Francisco Vaz e outros anarquistas em abril do mesmo ano, contra a lei antianarquista de 13 de fevereiro de 1896.

É nesta conjuntura, de ampla perseguição e censura, portanto, que a imprensa operária e libertária se movimenta. Entendida, como dissemos acima, como instrumento pedagógico que visa ampliar a consciência e a ação dos trabalhadores, um conjunto de militantes protagonizou o surgimento de muitos jornais e de centenas de edições que vão circular nos dois países. Essas edições dinamizam uma rede de relações promotora da

¹⁶⁸ PINHEIRO, P. Sérgio. HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil: condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado*. São Paulo: Brasiliense. p. 241.

¹⁶⁹ BRASIL. DECRETO Nº 1.641, de 7 de Janeiro de 1907. *Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1641-7-janeiro-1907-582166-publicacaooriginal-104906-pl.html>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

¹⁷⁰ BRASIL. DECRETO Nº 4.269, de 17 de Janeiro de 1921. *Regula a Repressão ao Anarchismo*. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4269-17-janeiro-1921-776402-publicacaooriginal-140313-pl.html>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

¹⁷¹ Tudo indica que o periódico *A Ideia* não tenha sido "periódico" e nem "scientifico" nesses exatos termos. Com apenas uma edição publicada, o subtítulo parece ter o cuidado de burlar a censura e divulgar um texto de enorme valia em defesa do anarquismo.

divulgação de jornais, livros e opúsculos entre muitos sujeitos e locais. Tanto em Portugal como no Brasil essa rede de relações entre os militantes e o circuito de propaganda em torno dos livros e dos periódicos foram amplamente capilarizadas em seus territórios.

Importa ressaltar que cada impresso possui suas especificidades. A impressão de um texto, em forma de livreto, por exemplo, anuncia ali, a intenção literária (expressa na escolha do título), demarcar as preocupações de um tempo (com a data desta publicação), o grau de importância dada a as ideias ali contidas (sendo que a publicação exige um custo), o alcance da publicação (quando é possível determinar a tiragem), se revela a intenção de um indivíduo ou de um grupo, se foi feito de um modo mais artesanal ou com maior qualidade gráfica.

A influência das ideias libertárias não estava apenas no âmbito do movimento operário. Eram comuns nos jornais de maior circulação e do que chamamos de grande imprensa, notas das atividades anarquistas e ou de autores e intelectuais libertários e de livre pensadores que possuíam ligações com o movimento anarquista.

Na imagem da página seguinte consta uma página exemplar *d'A Sementeira*, revista anarquista portuguesa, que nos permite compreender a riqueza documental desses projetos editoriais. A seção *Leitura que recomendamos* é um exemplar muito comum do que vemos na imprensa desse período. Essas redações de jornais e revistas funcionavam como verdadeiras livrarias, onde ao ler os títulos à disposição o leitor poderia se dirigir à redação para comprar diretamente ou encaminhar o pedido da obra (mesmo que fossem de outros países). Neste caso *d'A Sementeira*, essa seção estava sempre na última página do jornal, mesmo que tivéssemos outros anúncios e propagandas de livros nas páginas anteriores.

Figura 11: "Leitura que recomendamos", extrato do periódico A Batalha

240 A Sementeira (2.ª Série) Junho de 1919

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

	Contavos		Contavos
Albert — O amor livre	40	Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto	50
Berthelot — Evangelho da Hora	5	Do n.º 1 ao 38 da 2.ª série, 608 págs.	92
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)	80	Alegria à obra de Ferrer, em papel couché	10
Delaisi — Os financeiros, os políticos e a guerra	5	FOTOGRAVURAS (em papel couché), de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Paape, Proudhon, Reclus, Sudermann, Stepniak, cada	2
Delesalle — A Confederação do Trabalho	3	Satisfazem-se todos os pedidos de publicações quando acompanhados das respectivas importâncias. Os pedidos de, pelo menos, 100 exemplares, editados pela nossa Biblioteca, terão 30 por cento de desconto.	
E. Silva — Teatro livre e arte social ..	2	A BATALHA	
Gori — A Anarquia perante os tribunais	5	Diário da manhã	
Gorki — Os vagabundos	30	Porta-voz da organização operária portuguesa	
» — Os degenerados	30	Redacção e Administração	
» — Scenas de família	30	Calçada do Combro, 38-A, 2.ª	
» — A mãe	65	Lisboa-PORTUGAL	
» — A Angústia	30	A AURORA Quinzenário anarquista	
» — Na prisão	30	Redacção e administração, Rua do Sol, 131 — PORTO	
» — Os ex-homens	30	A venda em todos os quiosques e tabacarias do país — Preço, 2 centavos.	
Grave — A sociedade futura	40	A SEMEITEIRA	
» — O indivíduo e a sociedade	40	(2.ª Série)	
Hamon — Psicologia do militar profissional	40	AVULSO, 3 CENTAVOS	
» — Psicologia do socialista-anarquista	40	POR ASSINATURA	
» — Socialismo e Anarquismo	20	Em Portugal, um ano	336 centavos
» — Determinismo e responsabilidade	40	Noutros países, um ano	2,50 francos
Krapotkine — Os bastidores da guerra ..	3	As assinaturas devem ser pagas adiantadamente. Quando tiverem de ser mandadas cobrar pelo Correio, teremos que lhe aumentar a despesa a fazer com a cobrança. Toda a correspondência deve ser dirigida à	
» — A conquista do pão	40	Administração d'«A Sementeira»	
» — Palavras dum revoltado ..	40	CAIS DO SODRÉ, N.º 88	
» — A grande revolução (2 v.) ..	80	LISBOA-PORTUGAL	
» — Em volta duma vida	70	Depois de leres A Sementeira, não a deves destruir. Se não a dejesas coleccionar, deves deixa-la nos comboios, nos carros, nos restaurantes, nos cafés, nos bancos dos jardins, em toda a parte, enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, torna-la conhecida será arranjar novos adeptos para a nossa obra.	
Landauer — A Social Democracia na Alemanha	2		
Leone — O sindicalismo	40		
Libertas — O rei e o anarquista	3		
Lima — Educação e ensino	40		
» — O movimento operário em Portugal	20		
Malatesta — Em tempo de eleições	2		
» — No café	15		
» — A política parlamentar no movimento socialista	2		
Marx — O capital	40		
Molinari — Problemas sociais	20		
Prat — A burguesia e o proletariado ..	4		
Prat e Briaud — Sindicalismo e greve geral	20		
Ribeiro — O sentido de viver (versos) ..	40		
Tolstoi — A próxima revolução	10		
» — A escravidão moderna	30		
Um de nós — A Canalha	15		
Varennes — O terrorismo em França ..	70		
Zola — A taberna (3 v.)	90		
» — A obra (2 v.)	60		
» — A terra (2 v.)	60		
» — A alegria de viver (2 v.)	60		
» — Lourdes	1,505		
Nordau — A mentira religiosa	10		
» — As mentiras convencionais da nossa civilização (2 v.)	50		
A SEMEITEIRA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc.	30		

Analisando os temas dos livros à disposição (preço baseados em centavos) podemos notar uma riqueza de pautas e sentidos diferentes da produção militante. Por exemplo, ao mesmo tempo em que estavam ali pautas do movimento operário, como os temas da questão social, do sindicalismo e da doutrina anarquista, figuravam também temas como o amor livre, a literatura social, o anticlericalismo e, mais próximo do nosso estudo, os textos sobre educação e ensino, sobre o teatro livre, o evolucionismo.

Nota-se também que *A Sementeira* é vendida em publicação em forma de fascículos, permitindo de modo mais fácil compilar as edições (no caso da nossa imagem cita, por exemplo: "do nº1 ao 38 da 2ª série, 608 p.). Coloca-se à venda também fotografuras (em papel couché) de Bakunine, Berthelot, Cafiero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Moris, Paepe, Proudhon, Reclus, Sudermann, Stepniak e também em couché, a "Alegoria à obra de Ferrer". Recomenda-se ainda, a título de propaganda, a compra de "A *Batalha* (diário de manhã): porta voz da organização operária portuguesa"; principal jornal operário no período e com forte influência libertária, bem como a compra d'A *Aurora*: quinzenário anarquista: "À venda em todos os quiosques e tabacarias do país". E tem ao seu final de página um trecho extremamente significativo da produção visando a propaganda das ideias e ao conhecimento:

Depois de leres *A Sementeira*, não a deves destruir. Se não a desejas colecionar, deve deixa-la nos comboios, nos carros, nos restaurantes, nos cafés, nos bancos dos jardins, em toda parte, enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, torná-la conhecida será arranjar novos adeptos para a nossa obra.¹⁷²

¹⁷² *A Sementeira*. N.º 39 - Junho de 1919.

4.4 Edição de livros, livretos e opúsculos

“Foi através dessas edições que essa geração formou seu espírito, alimentou seu cérebro, criou uma consciência que mais tarde devia eclodir em movimentos já de âmbito bem desenvolvido, à frente de agitações coletivas”
(Edgar Leuenroth).

Muitas das publicações libertárias eram realizadas no formato de opúsculos (livros com um tamanho menor, com poucas páginas em relação aos livros maiores). Essa proposta de "produção" do livro era arquitetada, não sem esmero, visando alguns objetivos. Ela atendia a três conjuntos de coisas que são relevantes para pensar a prática dos anarquistas em relação ao livro, a leitura e ao acesso ao conhecimento.

Um primeiro aspecto é a relação de custo das publicações. Isso tem absoluta relação com as dificuldades financeiras que viviam a produção do livro e a militância libertária. É comum encontrarmos na articulação dos militantes que estavam em torno da produção e circulação do livro, o debate sobre a quantidade de recursos disponíveis para as publicações. Aliadas ao desejo de publicação de muitas obras, consideradas fundamentais para o crescimento numérico e qualitativo da formação militante, estavam às dificuldades financeiras.

Cabe lembrar que a produção dessas publicações era realizada desde um ponto de vista essencialmente militante, que por mais que passasse pelas relações comerciais que obviamente se impunham (como a contratação de trabalhos gráficos relativos à obra, compra do papel, relação com editoras e livreiros), não tinha um viés lucrativo. Ou seja, a maior parte desse trabalho estava associada à propaganda de uma educação libertária e ao autofinanciamento das publicações, e menos com vistas a obter pagamentos aos seus editores – ainda que saibamos que alguns militantes possam ter tido sua penúria aliviada em algum momento com a ajuda advinda de uma ou de outra publicação. Não raro, na ausência de recursos para as obras de maior volume, se optou, portanto, por fazer obras menores. A publicação por partes ao mesmo tempo em que dava viabilidade a edição, fazia retornar mais rapidamente os recursos necessários para as edições seguintes.

Outro fator importante, e ainda em relação ao custo das obras, se refere aos destinatários da publicação. Era necessário editar obras que fossem de baixo custo, atendendo não apenas a um público já afeito a leituras e que fazia este tipo de investimento no conhecimento, mas principalmente a classe trabalhadora, quase que totalmente alheia aos livros e ao conhecimento. Era necessário estimular o acesso às edições e dirimir as dificuldades à palavra escrita. A edição de livretos cumpria também este objetivo, publicando textos menores e barateando as edições. Interessante notar que essa questão da redução do tamanho da obra, dava acesso ao bolso e a uma maior condição de leitura, tendo em conta que a leitura de textos menores, do ponto de vista do acesso cognitivo é mais acessível do que as obras maiores, com centenas de páginas e de maior exigência de cultura literária.

Este último ponto nos leva ao nosso terceiro ponto de reflexão sobre a prática dos anarquistas em relação aos livros e a leitura: as "leituras comentadas" ou "leituras coletivas". Essa prática atendia objetivamente ao conjunto de trabalhadores que não tinha acesso à "posse" dessas edições (já que pela quantidade das tiragens muitas vezes eram reduzidas o número de cópias, ficando o acesso restrito a poucas mãos ou as bibliotecas e centros de cultura social), mas tinha principalmente seu foco na imensa quantidade de analfabetos que esforçavam no acesso a leitura e ao debate dos temas caros a questão social, a disputa ideológica e a superação das estruturas de manutenção da ordem. Não à toa encontramos já nos editoriais das primeiras edições desta imprensa dos trabalhadores a crítica aos sistemas de dominação e o papel que essa imprensa objetivava ter perante seu público: destinada a "combater a ignorância" e promover a educação, cultivando a "consciência" e as ideias novas de emancipação.

A Plebe é um jornal que divulga os ideais de regeneração humana. Por todas as partes deste país, os trabalhadores acham-se na mais profunda ignorância de seu destino; mas agora reaparece este jornal, que lhe pode cultivar o cérebro com idéias novas, tornando-os homens livres, emancipados, aptos para lutar em defesa da liberdade e da justiça.¹⁷³

Aos nossos companheiros bradaremos: Á escola, á escola, aos livros e a imprensa, nos eduquemos e nos instruamo-nos porque somente assim de espirito lucido e eloquencia facil poderemos esmagar a hydra que ha tantos seculos nos espreita na sombra á nutrir-se furtivamente do nosso sangue. Fujamos a política de partidos, nada de junção a burquezia esta megera hypocrita e repulsiva. Á Escola, á escola, ao livro e a imprensa.¹⁷⁴

¹⁷³ *A Plebe*. Nosso Jornal. São Paulo, Ano XI. Nº 245. 12 de fevereiro de 1927.

¹⁷⁴ *O Rebate: doutrinal, instrutivo e noticioso*. Ano I. Nº1. 1 de maio de 1915.

É esta imprensa libertária, afeita à cultura e ao conhecimento de uma forma mais ampla, que contradita a grande imprensa de então e que chega às bibliotecas, aos Centros de Cultura e as casas das pessoas. Os lugares e o tempo da autoformação e das leituras comentadas eram múltiplos. Podia ser no simples encontro de dois militantes, ou no sentar dos pais com os filhos na área de casa, ou também no Centro de Cultura do bairro ou na biblioteca popular mais próxima, ou no panfleto trocado durante a greve. Emídio Santana, anarquista português que relata suas leituras dos primeiros anos, cita nas suas memórias que era "*Em casa, à ceia como então se chamava a refeição da noite, acompanhava a leitura do jornal e o noticiário da guerra e era eu que explicava as posições das frentes, que já sabia de cór, e todos os dias revíamos no mapa da Europa*" (SANTANA, 1987, p. 25).

4.5 A educação nas páginas da *Voz do Trabalhador* (1908-1915)

Oh, estou farto desses contadores de história! Em vez de escrever alguma coisa útil, agradável, prazerosa, mas não, revolvem todos os podres da terra!... Pois eu os proibiria de escrever! Ora, o que parece isso: a pessoa lê... sem querer se pega pensando – e aí lhe vem à cabeça todo tipo de disparate; palavra que os proibiria de escrever; no fim das contas eu pura e simplesmente os proibiria(Príncipe V. F. Odóievski).

O ofício do historiador assume ares singulares de luta, ao lermos a crítica do Príncipe V. F. Odóievski¹⁷⁵. A epígrafe acima é citada no início da obra *Gente Pobre*, de Fiódor Dostoiévki, escrita em 1845 e publicada no ano seguinte, apresentando o eminente escritor russo aos críticos de sua época e dando início ao que depois seria chamado de “romance social” russo. A história passa-se num bairro pobre de São Petersburgo – diga-se de passagem, igual a todas as periferias de seu tempo – e é redigida por meio de uma intensa troca de cartas entre um baixo funcionário público e uma jovem órfã. O romance tem como cenário a pobreza e todas as privações e misérias que dela advém. Mas, para além do original estilo da obra (do romance social, por meio de cartas em diálogo), um pano de fundo nos chama atenção. A obra é entremeada por um forte gosto pela escrita, pela leitura, pelo amor aos livros e aos sabores destes. Num cenário de pobreza extrema, os fantasiosos e enigmáticos trechos que se referem à leitura e aos livros, funcionam como renovadores dos valores destes seres humanos, como para mostrar a dignidade presente em todos eles. O autor “procura

¹⁷⁵ Do conto, “O morto vivo”, de 1839, de Vladímir Odóievski (1804-1869). In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Gente Pobre*. São Paulo. Editora 34. p.9.

mostrar um ser pleno, capaz de pensar e sentir, e mesmo de agir, da maneira mais profunda, apesar da sua pobreza e humildade social”¹⁷⁶. Se, por um lado, ali estava a problemática da penúria das situações miseráveis de uma vida marcada pela falta, por outro estavam marcados também o apego do *homem sem importância*¹⁷⁷ ao estudo, a sua fome de “espírito”, a sua preocupação com sua formação intelectual.

A literatura com um viés mais sociológico tem sido um grande manancial para os pesquisadores da História Social. Já não são poucos os estudos que envolvem as duas áreas, inclusive, atualmente já temos Programas de Pós-graduação sendo criados especificamente, para dar vazão a este diálogo entre as duas áreas. Ainda que tenhamos exemplos de autores de grande expressão na literatura internacional que demonstram preocupação com os temas da questão social¹⁷⁸, interessa-nos nesse momento, pensar uma vez mais por meio da imprensa popular dos trabalhadores que se criou no próprio seio e em volta das organizações de classe.

Entendemos como imprensa dos trabalhadores a enorme quantidade de jornais criados por associações de classes e grupos organizados para tal fim, além do grande número de edições de livros, panfletos e brochuras de toda sorte que tinha como fim o “engrandecimento moral” da classe e melhorar sua formação. Atentar para uma imprensa libertária que circulou, principalmente, nos anos que se estendem entre finais do século XIX e início do XX neste país, com especial atenção ao fenômeno da Educação nessa imprensa popular.

A importância dada à cultura e à educação libertária nessa imprensa popular nos serve como indícios para entendermos os contornos dessa propaganda militante e de como ela está em sintonia com o projeto de transformação social defendido pelos anarquistas. Com isso, queremos ressaltar também o próprio caráter dessa imprensa, que contradita a “grande imprensa” em todos os seus atos (esta que se outorga imparcial), e assumia desde o início uma posição de classe. Essa imprensa que se colocava a difícil e hercúlea tarefa de formadora do “homem novo”, do “ser” revolucionário. Uma imprensa que trazia, e também traduzia, como veremos, a voz e os conceitos criados para o combate a todas as formas de opressão, como nas palavras do *Boletim da Escola Moderna N° 1*, de São Paulo:

¹⁷⁶ Posfácio de *Gente Pobre*, por Fátima Bianchi. *Op. Cit.* p. 178.

¹⁷⁷ Como é descrito o personagem célebre de *O Capote* (1843), de Nicolái Gógol. A crítica atribui o termo *homem sem importância* de Gógol ao homem simples, despojado do luxo e demais extravagâncias.

¹⁷⁸ Em verdade na obra de Dostoiévski como um todo podemos notar mais uma análise psicológica do sujeito social do que de uma preocupação com a “questão social”. De outra maneira, e com temas bem distantes, porém complementares, temos uma discussão mais central da questão social em: ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990. IBSEN, Henrik. *Um Inimigo do Povo*. L&PM. Porto Alegre, 2003. LONDON, Jack. *O Tacão de Ferro*. São Paulo, Boitempo, 2003.

O nosso racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, sejam intestinas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação que tem a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana como são a ignorância, a maldade, a soberba e outros vícios e defeitos que têm dividido os homens em tyrannos e turannizados.¹⁷⁹

Nesse tópico, continuaremos a analisar o jornal *A Voz do Trabalhador* (1908-1915). Porém, são necessárias algumas palavras para demonstrar os motivos desta escolha. Existe, entre os pesquisadores da história do Anarquismo no Brasil, uma discussão em torno da caracterização do movimento operário neste período, sobretudo no ponto em que se procura mensurar a real dimensão e impacto das ideias libertárias no conjunto do movimento operário no início das primeiras décadas do século XX.

Aqui, não estamos nos referindo à crítica de parte da historiografia que coloca o anarquismo como ideologia¹⁸⁰ “pré-política”, tributária de uma “incapacidade teórica” e/ou de negar a arena política existente (parlamento) e todas as visões similares decorrentes de uma visão evolutiva da caracterização histórica do movimento operário.¹⁸¹ Entendemos que, em parte, essas críticas já foram, inclusive, suplantadas por pesquisas recentes e que deram maior volume e atualidade à caracterização do movimento anarquista.¹⁸² Ressaltamos uma discussão que parece mais importante neste momento. A de que, nesses jornais, certamente a principal fonte de pesquisa para esse tipo de estudo no período, estão associados anarquismo, educação e movimento operário.

Ainda que reconheçamos uma grande multiplicidade de correntes políticas que atuavam dentro do movimento operário, é substancialmente aceita aqui a ideia de que houve uma preponderância do Anarquismo como ideologia na organização do movimento operário brasileiro como um todo, no início do século XX – e não apenas de um vetor “sindicalista revolucionário” francês, como advertem alguns pesquisadores.¹⁸³

¹⁷⁹ *Boletim da Escola Moderna* de São Paulo. Ano I, n. 1. 13.10.1918.

¹⁸⁰ O conceito “ideologia” aqui utilizado não é usado em seu sentido marxista, como equivalência dos termos “ilusão”, “falsa consciência”, ou mesmo “deturpação da realidade”. Mas sim no sentido definido pela Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ): “O anarquismo, para nós, é uma ideologia, sendo esta um conjunto de idéias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação – o que chamamos de prática política”. In: FARJ. *Anarquismo Social e Organização*. Programa da Federação Anarquista do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FARJ-Faixa, 2008.

¹⁸¹ Sobre este tópico pode-se ler mais em: HOBBSAWM, Eric. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo: DIFEL, 1977; KAREPOVS, Dainis. *A classe operária vai ao parlamento: o Bloco Operário e Camponês do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2006.

¹⁸² SILVA, Rafael Viana da. *Op Cit*. Ver também: PEDRO, Felipe Corrêa. *Rediscutindo o Anarquismo: uma abordagem teórica*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de São Paulo (USP), em 2012.

¹⁸³ Essa é uma discussão que está posta também nos estudos de TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. E, em: CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, Movimentos Sociais e Poder Popular*. São Paulo: Faísca, 2011.

Como demonstrativo disso, temos o jornal *A Voz do Trabalhador*, subtulado “Órgão da Confederação Operária Brasileira” (COB). O motivo de nossa escolha para este jornal é rigorosamente pelo fato de ele ser um jornal da classe trabalhadora e também ser exemplar de divulgação nacional das ideias libertárias neste país. Como órgão da COB, o jornal tinha preponderantemente uma função de dar orientações da Confederação a seus sindicatos por todo o país e também fazer o registro das lutas em que os trabalhadores estavam envolvidos em todas as regiões. Mas o jornal era sempre mais que isso. Com uma tiragem de 4 mil exemplares, nele encontramos informações sobre a seca no nordeste brasileiro, sobre a luta antimilitarista no sudeste e sul, sobre os conflitos dos anarquistas e livre pensadores com a Igreja em todo o país, sobre as lutas e guerras em várias partes do mundo e outras miríades de temas.

A Educação é um tema que perpassa o jornal em praticamente todas as suas edições. É raro um exemplar que não possui nenhum texto com referências explícitas à educação libertária. Nas páginas d’*A Voz do Trabalhador* encontram-se notícias sobre apresentações de teatro, criação e divulgação de bibliotecas e escolas, conferências diversas proferidas nas sedes dos próprios sindicatos, vendas de livros e formas de adquirir esses exemplares, bem como a leitura de várias poesias, contos¹⁸⁴ ou até mesmo livros inteiros que se pode ler por partes, publicados separadamente em várias edições do jornal – nessas leituras aparecem textos de uma literatura social e textos de uma leitura mais política, mas sempre vinculados à questão social.

Estão postos em relevo nessa seção alguns pontos que nos parecem relevantes para o presente estudo. A primeira questão é que a quantidade e as formas do noticiário sobre educação nas páginas d’*A Voz do Trabalhador* são indícios da relevância do tema para seus editores (nesse caso, a COB, com orientação claramente anarquista). Não que uma possível “baixa quantidade” indicasse, por si só, um desinteresse pelo tema. Aqui não estamos avaliando por um viés meramente quantitativo de pesquisa. Avaliamos que, pela perenidade das notícias (nesse ponto, portanto, associado à quantidade) e por haver em “competição” com esse tema um numeroso rol de temas a tratar, a educação libertária é um ponto de destaque no jornal, em que fica claro que não se deve abrir mão. Além disso, temos de considerar que a forma das notícias, ressaltadas muitas vezes por grandes “caixas de texto” ornamentadas, aludia a uma preocupação de maior destaque, não vista se comparamos com as outras

¹⁸⁴ Duas grandes coletâneas de poesias e contos anarquistas podem ser encontrados em: KOCHER, Bernardo. LOBO, EulaliaLahmeyer. *Ouve Meu Grito: antologia de poesia operária (1894-1923)*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987; HARDMAN, Francisco Foot. PRADO, AntonioArnoni. *Contos Anarquistas: temas e textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

matérias existentes nos jornais. Portanto, afirmamos que havia uma preocupação com um estilo pelo qual se noticiaria os temas vinculados à educação (ver na imagem abaixo).

Figura 12: Festa Mensal / Conferência sobre Educação Popular



Fonte: *A Voz do Trabalhador*. Ano I, n. 4. 15.08.1908.

O segundo ponto de extrema relevância na pesquisa deste jornal e que acentua neste trabalho é sobre a circulação das ideias anarquistas. Importa destacar que a “circulação” dessas ideias extrapola as fronteiras nacionais. *A Voz do Trabalhador* articula, noticia e, portanto, chega a todas as regiões do país. Assim, distribui ideias e práticas associativas, mas também suas ideias e práticas educativas, intencionando uma atuação política mais articulada no plano nacional, porém com uma formação política mais completa e com uma atenção especial à formação dos filhos da classe de que faz defesa. Por meio de seções do jornal, como “Pelo mundo proletário”, “Cronica Operaria” ou “Guerra Social”, podemos acompanhar as lutas dos trabalhadores nas mais variadas regiões do país, e, por meio de boxes do jornal ou simplesmente colunas, como “Revistas e Jornais”, “Bibliografia”, ou com outros títulos similares, apontam uma imensa quantidade de jornais, revistas e livros à disposição dos leitores para venda.

Na coluna *Revistas e Jornais*, do dia 22 de novembro de 1908, *A Voz do Trabalhador* listava os seguintes títulos com os quais a redação mantinha contato, alguns deles com o registro do endereço completo para pedidos: Brasil (*La Lotta Proletaria*; *A Luta*; *A Terra Livre* e *La Battaglia*), Argentina (*La Protesta*), Portugal (*O Protesto*; *Germinal*),

Espanha (*Tierra Libre; Solidariedade Obrera; Acracia; Humanidad Nueva; Tierra y Libertad*), França (*Les Temps Nouveaux; Le Liberaire; La Guerre Sociale; La Voix Du Peuple; L'Action Directe; L'Action Syndicale*), Suíça (*La Voix Du Peuple; Le Réveil*), Itália (*Il Pensiero; L'Internazionale; La Guerra Sociale; Il Libertario; L'Alleanza Libertaria; L'Azione Diretta; La Protesta Umana; L'Università Populares; La Pace*), Alemanha (*Revolutionar*), Inglaterra (*Freedom; Bulletin de L'Internationale Anarchiste*), Estados Unidos (*Mother Earth; Published Eeve Cronaca Souversiva*), Cuba (*Tierral; La Voz Del Dependiente*), Peru (*Las Parias*), Uruguai (*La Emancipación; La Acción Obrera; Despertar*) e Paraguai (*La Rebelde; Despertar*). Na mesma página, registra também com destaque várias obras à disposição na própria sede do jornal, são elas: “*Boletim da Escuela Moderna*” (de Barcelona), “*Notas de um anti-alcoolista*”, de Mauricio de Medeiros (subtitulado “*Interno do Hospício Nacional de Alienado*”), “*Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*” (Élisee Reclus), “*A Mãe*” (Maximo Gorki), “*Bazes do Sindicalismo*” (Emilio Pouget), “*A Peste Religiosa*” (João Most), “*O Comunismo Anarquico*” (Pedro Kropotkine), “*A Jornada de 8 horas*” (Luta Proletaria), “*O Sorteio Militar*” (Cesar Mendes) e “*La Scuola Laica*” (Francisco Ferrer). Somadas a estas publicações, o jornal ainda convida para duas conferências, uma encenação de teatro e uma festa de arrecadação de fundos para o Centro dos Sindicatos Operários.¹⁸⁵

Esses títulos são demonstrativos de uma intensa articulação internacional entre os trabalhadores vinculados à Confederação Operária Brasileira e os de outros países. No plano interno, o grande número de notícias de várias regiões do país demonstrou também como o fluxo interno de comunicação é intenso, sobretudo após o Segundo Congresso Operário Brasileiro, organizado pela COB, em 1913, devido às campanhas de propaganda, onde delegações da COB partem para os mais longínquos lugares do país para divulgar a Confederação e promover laços associativos.

É relevante notar que há uma ação internacional em todas as edições. Certamente, é um indício de que muitos trabalhadores de diversas nações participavam da própria escrita e edição do jornal. Porém, mais que isso, demonstrava uma rede de circulação desses jornais por esses vários países, onde se encetava e estimulava projetos de transformação social e com estes, projetos educativos inovadores. E esse fluxo de informações entre os países possuía uma celeridade digna de nota.

O jornal publicara em sua edição de 30 de outubro de 1909, por exemplo, um longo artigo chamado “*A reação espanhola: o jesuitismo a renascer*”, pelo qual denunciava a

¹⁸⁵A *Voz do Trabalhador*. Ano I. Nº 5. 22.11.1908.

morte do pedagogo anarquista espanhol Francisco Ferrer y Guardia. Ferrer havia sido fuzilado em 13 de outubro de 1909 pelo Estado espanhol, acusado de participar de agitações em Barcelona. Sua morte é imediatamente mobilizadora de várias manifestações por todo o mundo, tendo em vista Ferrer ser o principal mobilizador da “educação racionalista” pelo mundo neste período, mas também pelas circunstâncias absurdas em que o processo que o levou a morte foi finalizado, demonstrando flagrantes arbitrariedades do Estado espanhol.¹⁸⁶ *A Voz do Trabalhador* noticia, ainda, no mesmo artigo, grandes agitações no Rio de Janeiro:

No domingo, 17 por toda a parte se realizaram comícios e no Rio de Janeiro uma solene e significativa manifestação provou que o povo brasileiro vae começando a compreender os grandes ideaes.

Mais de 4.000 pessoas percorreram as ruas levando á frente uma bandeira negra e o retrato de Ferrer, noutra, mais atraz ia o retrato de Afonso XIII em grande uniforme manchado de sangue, e, ainda, noutra tela se via o rei assassino descabelado e Maura, ambos degolados e todos salpicados de sangue; esta foi a tela que quando se pasou em frente do Consulado hespanhol foi espatifada e a de Afonso assassino o povo a encendiou ao terminar a manifestação.¹⁸⁷

Além do importante registro das ideias dos militantes anarquistas de expressão internacional, como Piotr Kropotkin, Mikhail Bakunin, Élisée Reclus, Jean Grave, Ricardo Mella, Sebastien Faure, Carlos Malato. São muitas as referências a outros autores progressistas da época, como Émile Zola, Victor Hugo, Leon Tolstói, Anatole France, Clemenceau, Antero de Quental. Demonstrando mais uma vez um nexos internacional, e que essas informações certamente circulariam também em solo europeu, temos na edição de número 23 uma saudação pelo 70º aniversário de Kropotkin:

PEDRO KROPOTKINE

Completo 70 anos de idade, a 3 do mez passado, o nosso velho e leal amigo Pedro Kropotkine, que como príncipe da revolucionaria Russa, atirou ao monturo toda a opulencia imperial e veio para o campo revolucionario lutar pela cauza da emancipação humana.

Atualmente rezide em Londres e, ao lado da sua extremoza companheira, vive do seu trabalho, das grandes obras que escreve – ainda sobre a questão social, e das quais nós sorvemos o seu conteúdo, que é sublime, é humano – é a Verdade.

Ao querido amigo as nossas saudações de lutadores convictos.¹⁸⁸

O contato da redação d’*A Voz do Trabalhador* com vários países, como dissemos, é frequente. O jornal geralmente reserva longos artigos para descrever situações do proletariado internacional. No que tange à educação libertária, são muitos os indícios desse

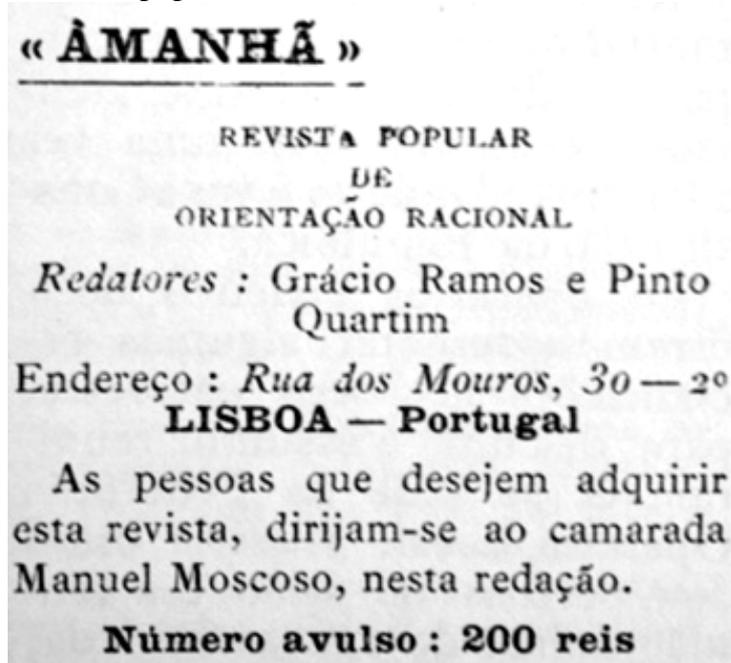
¹⁸⁶ Podemos ler algumas linhas críticas sobre a morte de Ferrer na obra: RODRIGUES, Edgar. *O Anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. São Paulo: Achiamé, 1992.

¹⁸⁷ *A Voz do Trabalhador*. Ano II. n. 19. 30.10.1909.

¹⁸⁸ *A Voz do Trabalhador*. Ano VI. n. 23. 15.01.1913

contato com os trabalhadores portugueses. Como exemplo desse contato é possível encontrarmos na edição de 3 de agosto de 1909 a propaganda da Revista “*Amanhã*”, que foi publicada por Grácio Ramos e Pinto Quartim em Portugal, entre os dias 01 de junho e 15 de agosto. A revista, que contou com apenas seis edições em Lisboa, chegou ao Brasil, ganhou propaganda no então maior jornal do país, e era distribuída pelo linotipista espanhol Manuel Moscoso, que também chegou a publicar longos artigos na página d’*A Voz do Trabalhador* e era no mesmo período editor do jornal *Liberdade*.

Figura 13: Propaganda da *Revista Amanhã* n’*A Voz do Trabalhador*



Fonte: *A Voz do Trabalhador*. Ano II. N. 16. 03.08.1909.

Entendidos como portadores das vozes dos trabalhadores, a análise dos jornais operários nos ensina a investigar em um percurso pouco usual da História da Educação. Os jornais, como fontes seminais dos estudos do movimento operário e, mais precisamente nesse caso, do movimento anarquista, possuem a qualidade de dar ênfase constante à Educação Libertária, sendo possível, portanto, um estudo mais detalhado dessa matriz de pensamento educacional pouco aludida nos estudos em Educação. Nos “manuais de pedagogia” ou compêndios sobre educação de uma forma geral, ainda temos poucos registros sobre o tema da educação libertária. E nos tem recorrentemente chamado atenção o fato deste movimento educacional ter sido tão pouco tratado no campo da História da Educação, tendo em vista o enorme impacto que teve no período final do século XIX e início do século XX, e abrangência que teve em diversos países – sendo responsável neste país por centenas de escolas populares,

ligadas a sindicatos operários e grupos de instrução escolar.¹⁸⁹ Estendendo a esses jornais uma razão comparada em nosso olhar histórico, podemos entrever a circulação de discursos e práticas de educação, variando entre o discurso de instrução escolar, sobre a formulação de novas concepções de educação, sobre a construção de muitos outros espaços educativos e, principalmente, a aliança entre educação e transformação social revolucionária. Podemos entender essa imprensa “Num sentido plural: como infra-estrutura material ou condição da produção de conhecimento; como espaço social e cultural da difusão, da interpretação e da negociação desse conhecimento; e como produto dessa mesma rede comunicacional”¹⁹⁰.

4.6 O projeto do novo mundo escrito à mão: as cartas

Nesta subseção da nossa investigação daremos especial atenção às cartas trocadas entre militantes dos dois países. O intuito é de entender como eram as relações mantidas entre os militantes, explorando o ambiente dos projetos editoriais, das traduções, das novas publicações e dos investimentos financeiros envolvidos, em meio à formalidade necessária dos projetos em curso e da informalidade presente nas cartas.

As cartas são um tipo de fonte privilegiada para entender as ideias deste período. Sendo o principal meio de comunicação deste tempo em que se localiza nosso estudo, elas traduzem as ideias, projetos e ações promovidas por essa militância envolvida ao mesmo tempo com a imprensa (em suas mais diversas formas) e com a educação e a cultura. Nesse sentido, graças a um conjunto muito grande dessas fontes que conseguiram vencer o tempo, temos a possibilidade de investigação de muitos cenários e de muitos militantes sociais deste período.

As cartas que ora utilizamos, são provenientes de dois tipos de achados. O primeiro trata-se das fontes adquiridas nos arquivos espalhados no Brasil e em Portugal, sob guarda de militantes ou das instituições que mencionamos anteriormente no capítulo que tratamos dos aspectos metodológicos desse trabalho. O segundo tipo de fonte são as veiculadas diretamente pela imprensa operária e anarquista. Essas cartas são comuns em muitos periódicos e revelam de um modo singular a presença do trânsito das ideias e projetos em disputa nos locais de sua produção (ali estão debates ideológicos, cenários conjunturais,

¹⁸⁹ OLIVEIRA, F. Robson Alves de. *Educação e Revolução Social nas páginas libertárias: a circulação do conhecimento pedagógico anarquista europeu no Brasil entre as primeiras décadas do século XX*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC (FACED/UFC), 2014.

¹⁹⁰ DO Ó, J. R., CARVALHO, M.L. *Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960): estudos comparados Portugal-Brasil*. Lisboa: Educa/Unidade de I&D de ciências da educação, 2009.

notícias de novas edições e abertura de espaços dedicados à cultura e a educação). Respondem, enfim, por um conjunto muito grande de temas, de intenções e são invariavelmente ricas como fontes, independente do prisma que forem analisadas.

Ressalta-se também, que essas cartas são expostas não apenas na imprensa operária, são práticas comuns da imprensa do período, chegando aos meios de comunicação de maior circulação comercial, por meio dos caminhos da literatura e intelectualidade de muitos desses militantes.

Em 1928, é veiculada no *O Ceará* uma troca de cartas entre a então jovem cearense Raquel de Queiroz¹⁹¹ (naquela altura usando o pseudônimo de “Rita de Queluz”) e a eminente anarquista mineira Maria Lacerda de Moura¹⁹² (a esta altura já com mais de uma dezena de livros publicados). Por aquelas páginas é possível entrever o contato literário e afetuoso demonstrado no diálogo, mas também referenciar aspectos das visões de política e de sociedade das duas escritoras. Neste ano (1928), é estabelecido, por meio e derivado desse constante contato já literário mantido pelas duas escritoras, um correio mais permanente de colaboração de Maria Lacerda de Moura com os jornais cearenses. Em 17 de outubro de 1928 *O Ceará* anota:

Brevemente teremos as nossas paginas abrilhantadas pela colaboração das mais pujantes, valorosa e luminosa penna feminina do nosso paiz: a penna maravilhosa de Maria Lacerda de Moura [...] Espírito culto e combativo, dotado de rara lucidez e poderosas qualidades de polemista, a vibrante escritora está sempre na vanguarda dos apóstolos libertarios, no 'front' das luctas contra o fanatismo, o erro e o preconceito arraigado na retardaria mentalidade social¹⁹³

Naquele mesmo dia a carta escrita por Maria Lacerda de Moura agradece ainda os retalhos de jornais e a fotografia que recebeu em carta pretérita, e informa: “*Hoje vão trabalhos para tres jornais: distribua como achar melhor, a seu critério. Mandarei depois, para os outros. Escreverei em todos, opportunamente, isto é, sempre que me sobrar tempo.*”

¹⁹¹ Raquel de Queiroz (1910-2003) foi escritora, romancista, jornalista e cronista cearense.

¹⁹² Obras de Maria Lacerda de Moura: *Em torno da Educação* (1918), *Porque vence o porvir* (1919), *Renovação* (1919), *A Mulher e a Maçonaria* (1922), *A Fraternidade e a Escola* (1922), *A Mulher hodierna e o seu papel na sociedade atual e na formação da civilização futura* (1923), *A Mulher é uma degenerada?* (1924), *Lições de Pedagogia* (1925), *Religião do Amor e da Beleza* (1926), *Clero e Estado* (1931), *Amai... e não vos multipliqueis* (1932), *Han Ryner e o amor plural* (1933), *Serviço militar obrigatório para a mulher – Recuso-me! Denuncio!* (1933), *Clero e Fascismo (s/d)*, *Fascismo, filho dileto da Igreja e do Capital (s/d)*, *Ferrer, o Clero romano e a educação laica* (1934), *Português para os cursos comerciais* (1940) e *Silêncio* (1948, obra póstuma). Na obra *Renovação*, cita ainda que Maria Lacerda de Moura publicará em breve a obra *História da Pedagogia Feminina*, da qual não encontrei registro de que tenha sido publicada.

¹⁹³ *O Ceará*. 17 de outubro de 1928. p. 1.

*Mande-me 3 ou 4 exemplares de cada artigo que sair*¹⁹⁴. Agradece ainda, pedindo de que receba a gratidão que possui pelo contato que Raquel de Queiroz conseguiu em meio à imprensa cearense, elogiando esta: “*não me canso de mostrar a minha admiração pela gente da sua terra independente, um oasis neste imenso Brasil de jornalismo profissional a serviço dos grandes, dos Cesares do poder e do dólar*”¹⁹⁵.

No caso de Maria Lacerda de Moura, obviamente por sua projeção nacional e internacional, é possível trabalhar suas cartas com vários outros intelectuais e militantes nacionais. Para citar apenas um caso da sua correspondência com Portugal, temos sua correspondência a nível intelectual e político com Ana de Castro Osório (igualmente escritora, pedagoga e militante e feminista portuguesa), promovendo afinamentos entre ideias e projetos nos dois países. Como citou Lousada, mulheres que compartilhavam “*ideais comuns: a preocupação com a educação, com a defesa dos direitos das mulheres, com o desenvolvimento intelectual e emancipação femininos*”¹⁹⁶.

Como podemos perceber, esse contato estabelecido pela militância libertária internamente entre seus militantes e também com a intelectualidade ligada a estes produziu uma capilarização maior das ideias libertárias pelo país afora. Esse tipo de contato entre a militância e outros intelectuais pode também ser estudado a partir das cartas do professor anarquista Fábio Luz, que ao longo de várias décadas estabeleceu contatos com inúmeros intelectuais das mais diversas áreas do Brasil e de Portugal, bem como sua imensa colaboração em jornais e na participação em várias instituições.¹⁹⁷

Selecionamos nas páginas abaixo uma série de cartas trocadas entre Portugal e Brasil que são importantes para estabelecermos o sentido deste tópico do trabalho, que é o de evidenciar o fluxo da produção libertária sobre Educação e Cultura nos dois países. Para isto, estabelecemos alguns itens que para nós são relevantes para caracterizar esse contato, da seguinte forma: a) solidariedade e vida militante; b) finanças dos militantes; c) projetos editoriais e a ligados a educação e a cultura libertária. Para tanto, lançaremos mãos do seguinte conjunto de cartas, situando o tipo de correio, se Brasil-Portugal (BR/PT) ou Portugal-Brasil (PT/BR).

¹⁹⁴ *O Ceará*. 17 de outubro de 1928. p. 2.

¹⁹⁵ *O Ceará*. 17 de outubro de 1928. p. 2.

¹⁹⁶ LOUSADA, Isabel; LAGUARDIA, Angela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas. *Navegações*. v. 6, n. 1, p. 100, jan./jun. 2013.

¹⁹⁷ As fontes para estudo da obra de Fábio Luz podem ser encontradas no acervo do Arquivo Nacional (Brasil). Grande parte do “Fundo Fábio Luz” está, inclusive, já digitalizado e disponibilizado na internet, por meio do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Uma obra que trata especificamente do pensamento educacional de Fábio Luz pode ser lida da dissertação de CAMPOS, Andreia S. L. *Fábio Luz e a pedagogia libertária: traços da educação anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938)*. UERJ, 2007.

Quadro 2: Seleção de Cartas trocadas entre Brasil e Portugal pelos militantes

	Correio	Data	Fluxo
Carta	De Edgar Leuenroth para Pinto Quartim	02 de fevereiro de 1915	BR/PT
	De Adelino de Pinho para Neno Vasco	02 de agosto de 1920	BR/PT
	De Neno Vasco a Fábio Luz	15 de abril de 1911	BR/BR
	De Neno para Edgar Leuenroth	03 de dezembro de 1911	PT/BR
	De Neno para Edgar Leuenroth	03 de março de 1912	PT/BR
	De Neno para Edgar Leuenroth	03 de maio de 1912	PT/BR
	De Neno para Edgar Leuenroth	09 de junho de 1912	PT/BR
	De Neno para Edgar Leuenroth	07 de julho de 1912	PT/BR
	De Neno para Edgar Leuenroth	19 de novembro de 1912	PT/BR

Fonte: elaborada pelo autor.

4.6.1 Solidariedade e vida militante

Optamos por começar este tópico com a temática da solidariedade entres esses militantes. A solidariedade entre a classe é uma das ações mais caras ao anarquismo, tendo sido, por este motivo, objeto de muitas obras escritas por esses militantes, e sendo exatamente a consequência final do princípio da igualdade entre os seres humanos. Sendo assim, não é raro vermos na pesquisa da imprensa operária dos dois países listas de ajudas entre os militantes e para projetos específicos. Essas listas poderiam variar tanto do apoio financeiro para algum militante com má saúde ou mesmo perseguido politicamente, ou então para fundação e manutenção de escolas (são conhecidas, por exemplo, as listas de subscrição para manutenção da Escola Moderna, de São Paulo).

A análise das cartas dessa militância nos permite entrar ainda mais nos bastidores desse contato entre os dois mundos. É possível entender tanto a solidariedade sendo posta em prática, como também entrever o afeto envolvido nesta militância, muitas vezes superando até mesmo as querelas pontuais postas no dia a dia das lutas, como as incompreensões momentâneas advindas das análises de conjunturas incompatíveis, e também inscritas nas cartas.

Adelino de Pinho (professor na Escola Moderna de São Paulo), na carta de 18 de agosto de 1920, escreve a Neno Vasco que havia ficado sem escrever para ele porque soube de uma carta “pouco lisonjeira” de Neno sobre ele, mas que agora já são “águas passadas”. E

se coloca de prontidão para atuar na campanha de solidariedade de imediato lançada n'A *Plebe*, de São Paulo, e n'A *Voz do Trabalhador*, do Rio de Janeiro, ao saber do falecimento de Mercedes (companheira de Neno) e que Neno está extremamente doente, com tuberculose (conhecida como “mal do século XIX” e que entrou devastadoramente o século XX). E ressalta, “*daria até o sangue das veias se com isso pudesse restabelecer-te e curar-te [...] aqui todos lembram de ti com saudade e simpatia e todos lamentam o teu mau estado de saúde*”.

Em outra carta, de Edgar Leuenroth (Mogi Mirim) para Pinto Quartim (Lisboa), em 02 de fevereiro de 1915 podemos compreender a disposição de Leuenroth com a imprensa. Recostado para tratamento de saúde numa região próxima de Mogi Mirim, Leuenroth informa sua condição e que mesmo assim terá de suspender o tratamento para retornar a São Paulo, devido a problemas no periódico *A Lanterna*, da qual era também responsável. Este mesmo Leuenroth, como editor d'A *Lanterna*, abre subscrição de apoio neste periódico para auxiliar a saúde e estadia de Kropotkine, em sua passagem nas terras portuguesas.

Figura 14: Solidariedade a Piotr Kropotkin

KROPOTKINE

Para auxiliar a subscrição promovida pelos camaradas de Portugal com o fim de custear as despesas de viagem e a manutenção naquele país do querido libertario Pedro Kropotkine, que se encontra doente e falto dos recursos necessarios para se tratar, continua aberta em nossa redacção a lista por nós iniciada e que já contém as seguintes quantias:

A Lanterna.....	20\$000
Edgard Leuenroth.....	10\$000
José Romero.....	10\$000
Coleta feita na reunião da Liga Anticlerical do Rio.....	13\$700

Que se apressem os companheiros que desejarem prestar o seu concurso a esta simpatica manifestação de affecto. pois pretendemos enviar para Portugal o mais depressa possivel o importe da nossa subscrição.

Fonte: *A Lanterna*, 1913. Nº 179.

4.6.2 *Finanças dos militantes*

Nas cartas enviadas por Neno Vasco (Lisboa) a Edgar Leuenroth (São Paulo) é comum o tratamento sobre as questões financeiras que envolvem os militantes e o mundo das edições de livros. Vasco recorrentemente pede auxílio a Leuenroth para que este estabeleça contato com outros militantes e outros jornais para que busquem recursos. Vasco tem sua atividade voltada a traduções, correções de jornais, cronista e corresponde europeu de muitos jornais para o Brasil (não apenas para jornais anarquistas e operários). Nesse sentido, Leuenroth parece ser o responsável para ajudar Neno a garantir o envio desses recursos para Portugal. Em carta de 15 de abril de 1911 Vasco informa que está de partida para Portugal e que todas as correspondências dirigidas a ele podem ser enviadas para Hilário Marques, que naquela altura era editor da revista de propaganda e doutrina anarquista chamada *A Sementeira* (revista de maior longevidade em Portugal naquele primeiro quartel de século XX). Vasco agradece ainda a Fábio Luz, por este está movendo esforços no sentido de conseguir trabalho como “correspondente” no exterior, para alguns jornais brasileiros.

Em carta de 03 dezembro de 1911 Neno reclama para Edgar que não recebeu “um tostão” do Rio de Janeiro e sua preocupação com a falta de dinheiro que lhe acomete naquele período. Já na carta de 03 de março de 1912, Neno informa que está em situação difícil financeiramente, devendo todos os credores e diz que nunca viveu tais penúrias. É importante dizer que essa atitude reflete certo autossacrifício desse envolvimento com a militância. Neno era advogado, originário da classe média, sabia várias línguas e tinha uma rotina de trabalho elogiável por muitos. Sem dúvida não teria problemas financeiros caso estivesse longe da militância, dada a sua formação intelectual advinda dos bancos bacharelescos da Universidade de Coimbra de sua condição favorável. Mas, ao optar viver com seus próprios recursos, sem receber proventos do pai, e dedicada exclusivamente à militância, entra em vários momentos de dificuldades para si e para sua família.¹⁹⁸

Já em carta de 09 de junho de 1912, Neno Vasco pede a Leuenroth urgência em alguns recursos. Informa ainda que o dinheiro dos próximos trabalhos tem de ser pagos a vista, visto que este encontra-se muito endividado, com os credores batendo à porta. Registra que para manter a “empresa” (projeto) teve de contrair empréstimos. Pede ainda que

¹⁹⁸ Neno Vasco tem sua vida registrada no seguinte estudo biográfico: SAMIS, A. R. *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos*. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2009.

Leuenroth o auxiliie a contactar os jornais *A Noite* e o *Diário*, de Porto Alegre, que andam devendo alguns valores a Neno. Aliás, a urgência na comunicação entre os dois países era uma preocupação constante, posto que atrasava a dinâmica editorial dos projetos. Em carta de 07 de julho de 1912 Neno repassava a Leuenroth o nome dos paquetes que faziam o transporte dos malotes com maior celeridade: “*além da mala de 3^a feira pelo noturno, partem daí em outros dias da semana navios rápidos [...] E agora até a Mala Real Inglesa tem vapores extraordinários [...], de modo que a carta não apanhe alguma carroça que gaste 3 semanas*”. Mas, já em 18 de janeiro de 1913 os atrasos eram novamente motivo de lembrete nas páginas d’*A Lanterna*, que registrava: “*A mala de Portugal que nos deve ter trazido a sempre apreciada colaboração de Neno Vasco, chegou tarde esta semana, impossibilitando-nos de a publicar neste número*”.

4.6.3 Projetos editoriais e a ligação com a Educação e a Cultura libertária

“Foi com o aparecimento do livro que a noite tenebrosa dos mil anos desapareceu. E será pelo livro que a Humanidade toda há-de abraçar-se um dia, no mais puro idealismo de Amor e Saber” (João Alves Cortez Valente).¹⁹⁹

Para finalizar esta seção, nos dedicamos agora ao exame de algumas publicações periódicas, edições de livros e demais projetos que são debatidos nesse conjunto de cartas que selecionamos. Importa ainda mencionar que os temas dessa investigação foram selecionados de acordo com as cartas escolhidas para esta seção. Nesse sentido, outra escolha das fontes (como as cartas de outros militantes que já mencionamos acima) poderia evidenciar outros aspectos de igual relevância dessa militância.

Na carta de Neno Vasco para Edgar Leuenroth, em 03 de dezembro de 1911, Neno descreve parte das publicações para as quais envia seus trabalhos. Além d’*A Lanterna*, ele informa que enviará “alguma coisa” para o periódico *Guerra Social*, e que tem adiado o

¹⁹⁹ Doc.03, Prontuário DEOPS-SP no. 3753 – João Alves Cortez Valente. Há também uma cópia no Prontuário DEOPS-SP no. 581 – Delegacia de Polícia de Jundiá. Consultado em: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*, Cotia, Ateliê, 2002.

envio porque além de seu trabalho em alguns jornais comerciais em busca de auxílio financeiro, encontra-se muito consumido de trabalho nas horas vagas pelas contribuições ao periódico *A Aurora* e pela edições da revista *Sementeira* (ambas publicações portuguesas).

Afora as publicações periódicas- de que tratamos acima- convém debater nas próximas linhas as edições de livros, livretos e coleções debatidas por Neno e Leuenroth. Na carta já mencionada de 03 de março de 1912, Neno informa que junto com Lima da Costa (d'A *Sementeira*) vão editar uma “biblioteca de opúsculos elegantes”, com 16 páginas, com textos traduzidos ou mesmo os originais de Fernand Pelloutier, Malatesta, Reclus, Faure e até do próprio Neno. Diz que farão *um desconto de 20% para o Brasil*, ficando o correio por conta de Lisboa, e que o preço final da obra com pagamento avulso já com um lucro no Brasil de 50% pela venda, já que eles não colocarão o *preço na capa* – para que seja estipulado no Brasil o preço de venda. Leuenroth é ainda questionado se prefere receber novas traduções para os folhetins ou se prefere que Neno envie tradução de contos.

Em carta de 03 de maio de 1912 Neno informa que precisa fazer algumas correções em alguns folhetins que enviou a tradução de *Entre Camponeses*, de Errico Malatesta, que está sendo “traduzida com cuidado”, que está quase pronta e que é preferível que seja feita em Portugal por causa da revisão, sendo que não “ficará mais cara”, mesmo tendo em vista os gastos postais. Já em 09 de junho de 1912, Neno informa o nome da embarcação que está enviando os originais e os custos do correio (que buscou a embarcação mais rápida). Explica a Leuenroth que já que este não respondeu sobre a quantidade de exemplares da *Brochura Social*, está enviando apenas 100 exemplares, e que seguirá na próxima mala o opúsculo *O Sindicalismo* (como exemplar para *A Lanterna*) e um original de *Entre Camponeses* (em italiano). Coloca ainda sua expectativa em relação aos exemplares que vai enviar para Leuenroth vender no Brasil:

Estou convencido de que, sendo tu o único agente, poderás facilmente colocar no Brasil até 1.000 exemplares de cada opúsculo. Os folhetos serão cuidadosamente escolhidos. Eu quero ver se incito estes camaradas a maior arrôjo. Estão habituados a tiragens ridículas de mil exemplares, vendidos depois um a um, a medo. Deste 1.º opusculo da B.S. o Costa só mandou tirar 1.500! Razão: falta de dinheiro. E como eu não podia pô-lo do meubolso, não insisti [...]

Nesta carta e nas últimas duas que analisamos (de 07 de julho e 19 de novembro de 1912) consta ainda uma série de pedidos de Neno a Leuenroth, para que este envie um exemplar de *Comunismo Anárquico*, de Kropotkine e os três primeiros capítulos de “*Conquista do Pão, que aí editamos*”. Pergunta ainda a Leuenroth:

Que me dizes, que me dizem os camaradas daí a um folheto com as generalidades do Malatesta, publicadas em 2 numeros da Sementeira? Uma edição barata, larga tiragem, para a larga distribuição? Vocês não querem contribuir? Ando também a ver se promovo a publicação, em opúsculos de 80 a 100 páginas das polémicas de Malatesta com Merlino, com os socialistas dem, com os republicanos, etc. O que dizes?

Nesses trechos selecionados para nosso estudo, é possível notar, via bastidores dessa produção militante, os conflitos, expectativas, idas e vindas dos projetos em curso naquele período. Revelam como eram realizados os esforços e de como se investia não apenas a energia militante em busca de levar à classe operária o maior número possível de textos, prezando sempre pela qualidade das edições (inclusive esteticamente) e sempre em busca de baratear o custo, para que seja acessível ao maior número de trabalhadores. Porém, essa busca de barateamento das edições muitas vezes entrava em choque com a qualidade almejada. Em 19 de dezembro de 1912 Neno escreve que teve de aumentar um pouco o custo da obra, porque esteticamente melhoraria a venda, que a obra ao invés de 48 terá 64 páginas. Informa, ainda, que não entregou *Entre Camponeses* a tipografia porque está calculando “*a forma de melhorar o papel sem aumentar o preço, mas que mesmo se ficar um pouco mais caro a qualidade vai compensar*”.

Alguns desses projetos tinham início sob circunstâncias extremamente difíceis, derivada da perda dos companheiros. Como já foi dito acima, a morte de Francisco Ferrer y Guardia gerou uma comoção de proporções internacionais, com repercussão nos dois países. Em 1910, quando da perda de Paul Berthelot²⁰⁰, tivemos mais um enorme luto dentro do movimento operário brasileiro. Aos 29 anos, o jovem francês já houvera sido professor de esperanto e francês na Academia Berlitz, do Rio de Janeiro e depois diretor da filial de Petrópolis (da qual foi demitido por propaganda antimilitarista). Após a sua demissão, ele decide embrenhar-se no interior brasileiro em busca de compreender as comunidades indígenas do Brasil – já ao modo de etnólogo. Neno Vasco, em carta de 07 de julho de 1912 avisa a Edgar Leuenroth que o “saudoso Berthelot” deixou com alguns camaradas do Rio de Janeiro os originais de três peças de sua autoria, cujos nomes já lhe eram conhecidos: *Os Juízes*, *O Grande Dia* e *A Impossível Felicidade*. E, faz o seguinte pedido a Leuenroth:

²⁰⁰ Paul Berthelot era filho de Paul Bert, anticlerical e defensor da “escola livre, secular e obrigatória” na França e que chegou a ser Ministro da Educação Pública entre 1881 e 1882.

Pede ao Myer ou a outro, que seja activo, o favor de investigar quem tem os manuscritos e de tirar uma cópia para mim, pois tratarei de lhes dar publicidade de qualquer forma. Que fale com o [João] Arzua, Abreu, o Medeiros ensaiador, etc. Não te esqueças nem te demores! Assim como o querido Manuel [Moscoso], o Berthelot não deve ser esquecido. Eu pelo menos tenho o sempre vivo na memória.

A trajetória da comunicação entre os militantes libertários portugueses e brasileiros possuem, certamente, uma perenidade que atravessa todas as gerações da luta social em ambos os países. Ainda que tenhamos nos aproximado nesse estudo apenas das três primeiras décadas do século XX, é importante mencionar que o contato da militância libertária perdura durante as décadas posteriores. Podemos encontrar dois extratos de raro valor para a pesquisa social nas duas cartas trocadas entre Brasil e Portugal no início da década de 1970.

A permanência delas enviada direto do Rio de Janeiro por Roberto das Neves para Alexandre Vieira, em Lisboa, no 11 de novembro de 1970, relata uma série de documentos cambiados entre os dois países. Dentre eles, estão clássicos como “Concepção Anarquista do Sindicalismo”, edições raras como “Almanaque da Batalha para 1926” e livros de autoria do próprio Vieira como “Figuras Gradadas”, “Em volta da minha profissão”, “No domínio das artes gráficas” e “Como se corrigem provas tipográficas”²⁰¹.

Em carta de Edgar Rodrigues, endereçada a Alexandre Vieira no dia 22 de fevereiro de 1972²⁰², Rodrigues informa que está reunindo esforços com vista à criação de uma obra chamada Movimento Social Português. Afirma que a ideia teria partido de uma série de cartas já trocadas com Francisco Quintal e Correia Pires, pedindo a Vieira o máximo de informações que este puder enviar. Na ocasião, pede livros e envia um questionário com 75 questões, pedindo que este responda com o máximo de detalhes possíveis nas respostas.

Nas cartas, portanto, podemos aferir quem editava o formato das publicações, os preços comercializados nos dois países, quem se comprometia com a circulação, bem como o fluxo de vendas das edições, tendo em vista que registram as tiragens e o movimento delas no Brasil e em Portugal. Neno Vasco informa a Edgar Leuenroth, em 09 de julho de 1912, que ele e Lima da Costa (d'A *Sementeira*) vão editar uma biblioteca de opúsculos elegantes, com textos escolhidos, sejam traduzidos ou originais. "*Os de 16 páginas custarão 30 rs.; depois mais 10 rs. cada 8 pág. Para aqui faremos o desconto de 20%, mas para o Brasil, ficando o*

²⁰¹ (1970), Sem Título, Fundação Mário Soares / Alberto Pedroso, Disponível em: <<http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09771.022> (2020-1-14)>.

²⁰² (1972), Sem Título, Fundação Mário Soares / Alberto Pedroso, Disponível em: <<http://www.casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09771.027> (2020-1-14)>.

correio a nosso cargo, não se pode fazer desconto”. Sobre as tiragens, é importante notar as expectativas de venda e comprar dessas edições:

Estou convencido de que, sendo tu o único agente, poderás facilmente colocar no Brasil até 1.000 exemplares de cada opúsculo. Os folhetos serão cuidadosamente escolhidos. Eu quero ver se incito estes camaradas a maior arrôjo. Estão habituados a tiragens ridículas de mil exemplares, vendidos depois um a um, a medo. Deste 1.º opúsculo da B.S. [Brochura Social] o Costa só mandou tirar 1.500! Razão: falta de dinheiro. E como eu não podia pô-lo do meu bolso, não insisti [...] (CARTA, 09 de junho de 1912).

Noutra parte da carta Vasco pede a Leuenroth que publique anúncios e consiga assinantes para a *Sementeira*, publicação portuguesa, no Brasil. Pede ainda algumas cópias que ele sabe circular no Brasil e nas mãos de companheiros, para fazer novas edições em Portugal:

Peço-te que publiques n'A *Lanterna* o anúncio da *Sementeira* e faças o possível por lhe obter alguns assinantes. Se já vendeste o n.º Berthelot e os folhetos (Catecismo ateu), faze por mandar o importe. Os rapazes acham-se em apuros. [...] Pede ao Nilo ou Pedro que me manda 1 exemplar do 'Comunismo Anárquico' de Krapotkine (Os 3 primeiros capítulos da "Conquista do Pão" que aí editámos).

Como dissemos acima, as cartas trocadas entre os militantes revelam as minúcias da produção editorial da imprensa operária e anarquista, tanto nos periódicos como nas traduções e edições de livros e folhetos circulados entre os dois países. Tanto as cartas como os periódicos, somados às inúmeras escolas e centros de cultura social largamente criados, dinamizaram a formação intelectual e militante de várias gerações de trabalhadores. Foi esta produção, fruto de muito empenho e militância em torno do livro e da leitura, responsável pela formação educacional, literária e política da classe trabalhadora. Convém lembrar que a imprensa é, neste período, acima de tudo, veículo educativo e de instrução, principal instrumento de informação (substituta naquele tempo, das nossas cadeias de televisão, rádio e internet atuais). Ali, por meio desta imprensa militante, nos deparamos com a luta de classes, extraída de seus extratos mais brutos, com toda a sorte de iniquidades e durezas da vida comum e que caracterizava aquele período das lutas por direitos, mas também as maiores e melhores aspirações e realizações dos trabalhadores. E dentre estas, certamente estava a sede por *Educação e Cultura*, encampados em cada periódico, em cada livro ou folheto publicado.

4.7 A autoformação e a solidariedade nas leituras coletivas: o autodidatismo e as "leituras comentadas"

Nesta subseção abrimos espaço para indicar, ainda que de forma resumida, duas decisivas faces das práticas educativas operárias que mereceriam especial atenção do nosso trabalho, tal seja: as performances múltiplas do autodidatismo e das "leituras comentadas", fenômenos estes largamente cultivados em toda a extensão das práticas associativas nas mais diversas partes do globo, de certo não apenas voltada a militância libertária, e amplamente divulgada tanto no Brasil como em Portugal. Em primeiro lugar, porque esta primeira prática anuncia muitos dos esforços que estes militantes empregam na luta diária da sua autodeterminação, implicando diretamente na ação que desenvolvem, seja no sindicato, na associação de bairro, no centro cultural, ou nas bibliotecas sociais. Em segundo, nas "leituras comentadas", temos uma prática amplamente consolidada nos meios operários da época e diretamente ligada à prodigiosa propagação dos impressos da época no seio da classe, justamente em duas sociedades marcadas pelos altos índices de analfabetismo.

Segundo os dados do Censo Demográfico do IBGE, no ano 1900 a taxa de analfabetismo no Brasil para os jovens acima de 15 anos era de 65,3% da população.²⁰³ Em Portugal não é diferente, os números são alarmantes se comparados com os índices de analfabetismo da atualidade. Em Portugal, no ano de 1890, 76% da população não sabia ler nem escrever²⁰⁴. Já em 1900, as taxas para a faixa etária de 15 a 19 anos chega a 71% de analfabetos da população total.²⁰⁵ Edgar Rodrigues, na sua *Breve História do Pensamento e das lutas sociais em Portugal*²⁰⁶ também alude a essa porcentagem de alfabetos citando: "*Quando as ideias anarquistas se fizeram ouvir pela voz dos precursores, a percentagem de analfabetos em Portugal andava na faixa dos 70 por cento*". E cita a tripla disputa para manter a educação popular e libertária: "*Os seus maiores inimigos tinham assento nas suaves poltronas do Estado, escondiam-se atrás das batinas do clero e esbarravam contra a muralha bruta do analfabetismo!*".

²⁰³ INEP/Ministério da Educação. *Mapa do Analfabetismo no Brasil*. Acesso em: 03 jun. 2019; SOUZA, MARCELO M. C. O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico. *Cadernos de Pesquisa*, nº 107, p. 169-186, julho/1999. p. 172; BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da História. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, v.21, n.1, p. 24-46, 2017.

²⁰⁴ GRÁCIO, Rui. Ensino Primário e Analfabetismo. In: *Dicionário de História de Portugal* (dir. de Joel Serrão), Lisboa, vol. II, 1971, p. 51 *apud* SILVA, Francisco Ribeiro. *História da Alfabetização em Portugal: fontes, métodos e resultados*.

²⁰⁵ CANDEIAS, Antônio. ROCHA, Melânia. PAZ, Ana Luísa. *Alfabetização e Escola em Portugal nos séculos XIX e XX: os censos e as estatísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p.113.

²⁰⁶ RODRIGUES, Edgar. *Breve História do Pensamento e das lutas sociais em Portugal*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1977. p. 406-407.

A história da Alfabetização está vinculada muito fortemente à industrialização e ao liberalismo, ao passo que nos países do ocidente, nos séculos XIX e XX caminhou junto com o crescimento das cidades, o desenvolvimento das indústrias, na medida em que os sistemas de governo foram se tornando minimamente mais representativos, como é o caso do surgimento das repúblicas em Brasil e em Portugal.²⁰⁷

Os lugares e o tempo da autoformação e das leituras comentadas eram múltiplos. Podia ser no simples encontro de dois militantes, ou no sentar dos pais com os filhos na área de casa, ou também no Centro de Cultura do bairro ou na biblioteca popular mais próxima, ou no panfleto trocado durante a greve. Emídio Santana, anarquista português, que relata suas leituras dos primeiros anos, cita nas suas memórias que era "*em casa, à ceia como então se chamava a refeição da noite, acompanhava a leitura do jornal e o noticiário da guerra e era eu que explicava as posições das frentes, que já sabia de cór, e todos os dias revíamos no mapa da Europa*"²⁰⁸.

Antes de finalizamos esta seção apresentamos um trecho de Severino Cezar Antunha, operário da construção civil e anarquista, que resume em suas memórias o cotidiano habitual da labuta diária e do estímulo dos trabalhadores aos espaços associativos destinados à educação, a arte a cultura.

Mas o período áureo foi o da Federação Operária. Estava localizada num enorme salão nos altos do Açougue Monstro, na rua General Câmara, quase esquina da Senador Feijó. Ali era a sede de vários sindicatos liderados pela construção civil. Tinha Escola Noturna, onde se aprendia um pouco de tudo. Alfabetização, Desenho, Teatro, Sociologia Política... numa mesma vontade de saber, sem precedentes na cidade. Havia um salão de leitura com jornais como *A Lanterna* a *Revista Blanca* e muitos outros.

De São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Barcelona, etc..

Obras como "El Hombre y la Tierra", de Redus (editada pela Escola Moderna de Ferrer), a "Grande Revolução", de Kropotkme, e obras de Tolstoi, Bakunine, Máximo Córki, Sebaslian Faure e outros escritores revolucionários. Assim como obras sobre conhecimentos gerais, didáticas de todos os matizes e literatura em geral.

Era, enfim, uma corrida sem precedentes em busca da cultura.

Era belo, grandioso mesmo, ver homens de mãos calejadas, segurando desajeitadamente o lápis ou o tira-linhas. Muitos já maduros, com cabelos grisalhos ou luzentes calvas. Outros mais moços, com gravatas borboletas e bastas cabeleiras, com tinturas literárias e poses oratórias, viviam discutindo, discursando e ensinando o que sabiam.

Adolescentes, na maioria serventes de pedreiro, aderiram a essa maratona. Algumas

²⁰⁷ RAMOS, Rui. Culturas da Alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo. *Análise Social*, vol. XXIV (103-104), 1988 (4.º, 5.º), p. 1067-1145. Um bom estudo sobre este tema, ainda que mais resumidamente, pode ser lido também em: MAGALHÃES, Justino. *Historiografia da alfabetização em Portugal*. Candeias, António (coord.). (2005). *Modernidade, Educação e Estatísticas na Ibero-América dos séculos XIX e XX: estudos sobre Portugal, Brasil e Galiza*. Lisboa: Educa e Autores, p. 207-218.

²⁰⁸ SANTANA, Emídio. *Memórias de um militante anarco-sindicalista*. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1987.

jovens se dedicavam especialmente ao teatro amador, davam um colorido alegre às reuniões.

Domingos Alexandre, mais tarde Silvio Floreai (citado por Afonso Schmidt em várias de suas obras), foi fruto dessa Academia: assim como muitos outros que ficaram esquecidos. Publicaram-se alguns jornais de vida feminina.

Havia o projeto da Casa do Povo, em função de verdadeira casa de cultura, com salas de aula, auditórios, etc. Detalhe interessante: não havia contribuições fixas, tudo era feito de acordo com as possibilidades de cada um, e havia a preocupação de não sacrificar ninguém. Não havia presidente ou chefes ostensivos. Apenas companheiros que se revezavam nas tarefas mais variadas.²⁰⁹

São memórias de um operário, que revelam o quanto a educação de orientação anarquista por ele recebida potencializa o crescimento intelectual dos participantes de rodas ou grupos de estudo. O seu registro revela um conhecimento de autores e questões políticas e educativas que, normalmente, não são oferecidas aos trabalhadores nas instituições escolares burguesas e republicanas, mais voltadas que são para a instrução primária e educação técnico-profissionalizante. Trata-se aqui de um relato feito por um sujeito de sua história, que a viveu ativamente e consciente da necessidade de tomar parte em projetos de educação popular que realmente oferecessem uma pedagogia capaz de unir humanismo e tomada de consciência política para a ação anarquista, sabendo que esta integra a própria dinâmica dos grupos de estudo aqui tratados. Nesse sentido, parece ficar muito evidente a grande diferença entre a educação anarquista e aquela que é oferecida sob inspiração da formação de mão-de-obra e quadros técnicos, voltada para fortalecer a dinâmica da economia capitalista e seus regimes de controle e poder.

²⁰⁹ RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Florianópolis: Insular, 1998.

5 CONCLUSÃO

Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável. Que o dia de hoje seja sempre uma passagem feita da soma das experiências de ontem, enriquecida das experiências de amanhã [...] Somente com esta condição nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança (Janusz Korczak).²¹⁰

A epígrafe acima, escrita por Janusz Korczak, brilhante e inesquecível educador polonês, traduz de maneira ampla as marcas do percurso e dos resultados trazidos por esta investigação. De uma maneira rápida, ela sugere uma reflexão sobre aquilo que principia e dá sentido a uma ideia e uma ação, e aquilo que é preciso avançar e até expurgar do caminho, para se fazer ato de crescimento, de transformação positiva. Se, do ponto de vista da ideologia, os anarquistas são extremamente convictos dos seus ideais (e que, por certa intransigência, são acusados de “principistas”), eles mostraram ser também extremamente maleáveis, criativos e revolucionários na Educação. Associando-se entre iguais, mas também criando uma rede de contato com outros intelectuais nos dois países, visaram construir seus projetos, que mesmo com a humildade característica das ações populares, sonhavam outra sociedade, mais livre, mais justa e mais igualitária.

Essa pesquisa teve início, como dissemos, a partir da necessidade de maior aprofundamento de leitura das teses e das experiências anarquistas em Educação. Sentíamos também a necessidade de ampliar as pesquisas já desenvolvidas parcialmente nos cursos de graduação e mestrado, a fim de entender como homens e mulheres de dois países tão distantes - unidos por uma ideologia comum, o Anarquismo - projetavam sonhos de um mundo melhor, através da ampla propaganda do livro, da leitura, da educação, da instrução, da escola, da arte e da cultura.

Desde sempre nos chamou a atenção tanto o caráter político da concepção dos educadores libertários, que realmente os diferenciavam dos outros educadores, quanto à promoção das metodologias defendidas e utilizadas em seus projetos educacionais (escolas, bibliotecas e centros de cultura), que se alinhavam ao que tinha de mais avançado em Educação e também na Psicologia, Sociologia e Filosofia, voltadas ao ensino. Decerto, todas as ideias associadas a este pensamento educacional libertário estavam irremediavelmente

²¹⁰ KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ligadas ao sucesso da transformação social revolucionária defendida por esses militantes da Educação.

Ali, na escola ou na biblioteca do sindicato, se pretendia formar o “homem novo”, aquele que prepararia as condições sociais e essenciais para um “novo mundo” – na ótica libertária, sem Estado, sem Igreja e sem Patrão. Afastados acerca de um século dos indivíduos que tiveram palco nesta pesquisa, é possível analisar essa trajetória e confirmar que os anarquistas daquele tempo objetivamente não venceram os três tiranos. E é justamente por esse motivo que essas páginas ganharam ao longo da pesquisa dignidade e importância. Tentou-se, e esperamos ter conseguido, ampliar as páginas da História da Educação dos dois países, ainda que estas já sejam fartas dos números radicados nos inumeráveis censos escolares e das pesquisas voltadas aos intelectuais e instituições republicanas dos dois países. Por isso, trazemos, portanto, páginas da proposta política e pedagógica dos movimentos sociais (de uma História da Educação Popular) que, a nosso ver, são necessárias para trazer à luz das novas pesquisas as ideias e as ações protagonizadas por esses sujeitos sociais extremamente “apaixonados” pela Educação.

Parte dessas experiências pedagógicas ligadas ao movimento operário e ao movimento anarquista (e este tinha, semelhante a outras correntes políticas, suas frações) chegou ao nosso tempo em virtude de avanços e conquistas protagonizadas por outras frações políticas do campo progressista, como é o caso da Educação debatida por Célestien Freinet, Alexander Neil e Paulo Freire. No caso de Portugal, talvez as experiências que melhor convertem em ações as teses defendidas pelos libertários sejam a Escola da Ponte (que ganhou projeção internacional, particularmente pela difusão encampada pelo fundador e professor José Pacheco²¹¹) e o Movimento da Escola Moderna (fundado por Sérgio Niza e outros professores, ainda que este tenha por base a divulgação da pedagogia freinetiana). No Brasil, começamos a ver a disseminação dessas práticas pedagógicas compartilhadas pelos anarquistas, especialmente a partir do crescimento do movimento escolanovista, que após várias reformas escolares protagonizou a partir da década de 1930 a massificação de métodos pedagógicos da Educação Nova nas instituições estatais e, bem posteriormente, a partir das teses freirianas, e dos escritos e da ação de professores como Maurício Tragtenberg²¹² e Sílvio

²¹¹ Duas chaves de leituras sobre a Escola da Ponte pode ser alcançadas em: PACHECO, José. *Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação*. Petrópolis: Vozes, 2010; PACHECO, José. PACHECO Maria de Fátima. *Diálogos com a Escola da Ponte*. Petrópolis: Vozes, 2014.

²¹² TRAGTENBERG, Maurício. *Teoria e ação libertárias*. São Paulo: EDUNESP, 2011. TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre Educação, política e sindicalismo*. São Paulo: EDUNESP, 2004. TRAGTENBERG, Maurício. *Educação e Burocracia*. São Paulo: EDUNESP, 2012.

Gallo²¹³. Neste último caso já vinculando bem mais os aspectos políticos que os libertários tencionavam construir.

A urgência desta pesquisa ao modo de tese, no entanto – assim como todas as pesquisas que ora tomam foco dentro do campo da educação progressista (para abriremos bem o leque) – assume ainda maior importância em nossos dias, tendo em vista que em tempo de projetos conservadores e reacionários, como a Escola Sem Partido (ESP), notamos que as teses libertárias em educação (que foram trabalhadas na seção 3) ganham ainda mais radicalidade ao desnudar - com uma distância temporal impressionante de 150 anos de antecedência - todos os problemas, limites e entraves que uma educação baseada no ESP pode causar.

A esta altura do cenário educativo nacional, em que tivemos recentemente a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reorientando a dinâmica do espaço escolar nacional, faz sentido retomarmos todas as boas experiências que outrora testamos (sejam as que venceram o conjunto da história ou não). Nesses tempos em que a própria BNCC obedece menos à dinâmica dos fatos e dos educadores que produzem conhecimento e mais e aos interesses das grandes corporações multinacionais, certamente encontrariam nos educadores libertários limites para seu desenvolvimento.

O controle educacional nos dias atuais, mediados por diretrizes agressivas da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e do Banco Mundial, atingiu níveis nunca antes alcançado em termos de uma "planificação" e orientação da educação mundial. Hoje podemos dizer, por exemplo, que tanto a OCDE como o Banco Mundial comportam-se como verdadeiros Ministérios da Educação Mundial. Enquanto um orienta as diretrizes que guiará os programas de educação dos países (como foi o caso da BNCC), por meio de avaliações internacionais como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), o outro orienta os recursos financeiros mediante um sistema de pressão e barganha, no qual ganham mais recursos quem mais cede aos interesses mercado. A isto, a uma educação voltada aos interesses dos patrões, os educadores libertários nunca se posicionariam a favor.

Se desde o final do século XIX e início do XX os anarquistas decretavam a falência do ensino estatal e clerical, anunciando um novo modelo de educação (associado em seu sentido de pedagogia ativa às ideias da Educação Nova, como novo paradigma educativo, embora distinto em seus propósitos políticos), nitidamente vinculado à classe trabalhadora,

²¹³ GALLO, Sílvio. *Anarquistas, Anarquismos e Educação*. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

hoje temos um sistema educacional cada vez mais caótico e travado em suas perspectivas formativas, resultado do desenvolvimento do próprio sistema de dominação política e econômica, montado na chamada modernidade. Sabemos que a escola dele resultante não passa de uma forma de controle social, que impede justamente a efetivação da liberdade tão apregoada.

A amplitude de possibilidades abertas pelas fontes que encontramos sobre a circulação de ideias anarquistas em periódicos em Portugal e no Brasil abriu nossa visão do que tenha significado esse movimento de ideias político-pedagógicas no Brasil da Primeira República. Fica evidenciada a dinâmica inscrita nessa circulação transatlântica das ideias anarquistas no começo do século XX, momento em que se tratava de construir o destino republicano tanto do Brasil, quanto de Portugal. Tanto dinamismo, no entanto, sofreu duros golpes nos dois países pelas forças conservadoras e autoritárias que no correr dos anos 1930 em diante cresceram e se expandiram na Europa, influenciando tanto Portugal quanto o Brasil a enveredar, com Salazar e Vargas, para a implantação de regimes autoritários.

O que dizer disso, sabendo que as ideias anarquistas mantiveram seu ideal de mundo e sobreviveram a esses períodos de contenção política, chegando a ter vida nos dias que correm? Perguntas como esta, nos provocaram vários sentimentos e/ou *in-sights*; um deles foi de reconhecimento do potencial criativo e libertário do anarquismo, que, inclusive, na atualidade ganha força em várias partes do mundo para lidar com inúmeras adversidades postas pelo século XXI. Há quem fale do renascimento do anarquismo em face do desgaste da fórmula capitalista de Estado democrático, que oscila historicamente entre momentos mais liberais e momentos mais duros, em especial, com relação à classe trabalhadora.

Mas obviamente que não há um utilitarismo da proposta. Desde cedo, os anarquistas mostraram que não importariam o modelo autoritário escolar para formar os novos sujeitos do “novo mundo”, tal qual foi idealizado. Se a instituição escolar lhes oferecia uma nova possibilidade, ela teria que se configurar em novas formas. A nova forma requerida pelos anarquistas era, ainda que fosse uma educação escolar, que favorecesse uma dinâmica de construção para seres cooperativos e não competitivos, um sistema onde não interessavam as provas, os prêmios e os castigos físicos e morais orquestrados pelas escolas de então.

A nova forma de pensar a Educação era partir de uma relação horizontal entre aquele que educa e aquele que aprende. Nova forma era também o entendimento de que, malgrado o prédio, a escola nunca poderia ser circunscrita apenas à arquitetura escolar, mas deveria estar em todo seu entorno. A escola como comunidade é uma máxima desde Paul Robin, e ela perpassa também as inúmeras Escolas Modernas criadas nos dois países. Se em

Cempuis os estudantes tinham dentro do seu cronograma escolar, um terço de sua carga horária de aula destinada à educação física – e isso correspondia justamente também aos passeios pelos bosques e exercícios vários –, nas Escolas Modernas os passeios a parques era uma constante, assim como o conhecimento de todo o entorno das escolas, como fábricas, praças, padarias, ruas e outro locais. Curiosamente essa ideia está presente em educadores da atualidade, como o português António Nóvoa, que, ao pontuar aquilo que visualiza como paradigma de educação para hoje, anuncia também aquilo que os anarquistas defenderam e defendem. Ele considera que uma escola fechada em si é uma impossibilidade no século em que estamos. Segundo ele, “A escola tem de integrar-se em espaços de participação e de presença social, no quadro de redes de comunicação e de cultura, de arte e de ciência”²¹⁴.

A realização desta pesquisa e os resultados obtidos, portanto, nos provoca a necessidade de propor aos pesquisadores desse campo de estudos uma reflexão mais demorada sobre o seu significado na história do século XX e do século XXI. O amplo conjunto de fontes arregimentadas ao longo da pesquisa propicia uma série de outras investigações que começam em parte ainda como veículo desta para os próximos anos, e podem auxiliar outros trabalhos como artigos e pesquisas de maior extensão.

Alguém poderia perguntar sobre o que faz um historiador a perguntar sobre o presente do fenômeno que buscou compreender no passado. A resposta a essa pergunta, no caso desta investigação, está relacionada com a emergência de uma nova onda de autoritarismo e conservadorismo que grassa, sobretudo, a Europa e o Brasil, que se estende ou se globaliza com rapidez, nos ameaçando todos com novas guerras e destruição das possibilidades efetivas de liberdade dos sujeitos envolvidos em chamamentos consumistas, perdas de direitos sociais, destruição de valores de convívio social humanizado e da própria natureza, diante da ameaça de destruição ambiental.

Diante disso tudo, a educação libertária adquire uma importância cada vez maior no mundo atual? Ou esta questão está ligada à própria utopia da luta anarquista desde sempre? Para dar respostas adequadas a esta reflexão, nada melhor do que voltar aos teóricos e práticos que deram ao anarquismo uma pedagogia capaz de libertar os oprimidos de suas prisões arbitrárias a serviço de interesses e enriquecimento de poucos.

Desse modo, não seria demais propor que a permanência da crítica anarquista ainda em nossos dias pode abrir caminho para novas saídas educativas, em face à crise de um

²¹⁴NÓVOA, António. Ensaio sobre a História Futura da Escola. In: CAVALCANTE, M J. M.; HOLANDA, P. H. C.; LEITÃO, A. R. P. C.(Org.). *Afeto, Razão e Fé: Caminhos e Mundos da História da Educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

sistema escolar definido, historicamente, pela pedagogia burguesa, que já se encontra, em processo de demolição, em seus aspectos fundamentais, onde ela já não cumpre nem mesmo sua função conservadora inicial, voltada para a formação da cidadania, da elite dirigente e dos seus trabalhadores. A vitalidade das teses educacionais dos anarquistas é, pois, reveladora tanto da originalidade do período em que se configurou, tanto como possibilidade em nossos dias, carentes de criticidade em nossa formação e de ação transformadora das instituições sociais instauradas pelo capitalismo e pelos governos.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ACRI, Martín Alberto; CÁCEREZ, Maríadel Carmen. **La educación libertaria en la Argentina y en México (1861-1945)**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011.

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

AZEVEDO, Raquel. **A Resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BARRETO, Lima. (1881-1922). Continuo... Correio da Noite/ 13/03/1915. Volume I (1890-1919). In: REZENDE, Beatriz; VALENÇA, Raquel. **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 181.

BAKUNIN, Mikhail. **Os Enganadores**. São Paulo: Imaginário, 2008.

_____. **Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional**. São Paulo: Imaginário, 2009.

BARRANCOS, Dora. As "leituras comentadas": um dispositivo para a formação da consciência contestatária entre 1914-1930. **Revista Educação em Debate**. Faculdade de Educação da UFMG - n. 2, 1988. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2473>>. Acesso em: 26 maio 2019.

BATALHA, Cláudio H. M. **Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 - militantes e organizações**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAGA, Ana Carolina. MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da História. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v.21, n.1, p. 24-46, 2017.

BRAGA, Francisco Victor Pereira. **Pedro Augusto Motta: Militância Libertária e Verbo de Fogo**. 2013. 300 f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2013.

BRANDAO, Octávio. **Combates e Batalhas**. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1978.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo. UNESP. 1999.

CANDEIAS, Antônio; ROCHA, Melânia; PAZ, Ana Luísa. **Alfabetização e Escola em Portugal nos séculos XIX e XX: os censos e as estatísticas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CANDEIAS, Antônio. NÓVOA, Antônio. FIGUEIRA, M. H. **Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)**. Lisboa: EDUCA, 1995.

CAPPELETTI, Ángel J. **La Escuela Moderna en América Latina**. Disponível em: <<http://tierranarquista.blogspot.com/2015/02/la-escuela-moderna-en-america-latina.html>>. Acesso em: 26 maio 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique. Proletariado no Brasil: Situação e Comportamento Social. **Revista Brasileira**, nº 41, ano 1962.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas**. Cotia; Ateliê, 2002.

CASTRO, Rogério de. Paul Robin e o Orfanato Prévost: a construção da utopia. **Anais...XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH**, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300394063_ARQUIVO_Trabalho para ANPUH2011-AutopiapossivelPaulRobineoOrfanatoPrevost.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2017.

CAVALCANTE, M. J. M. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0429.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. **História Educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

_____. **História Educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação - Um Ensaio de Crítica Histórica**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2008. 341p.

CAVALCANTE, M. J. M.; QUEIROZ, Z. F.; ARAUJO, José Edvar Costa de; HOLANDA. **História da Educação Comparada: discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* (Org.). **História da Educação: República, Escola e Religião**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* (Org.). **História da Educação Comparada: missões, expedições e intercâmbios**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

CAVALCANTE, M. J. M.; QUEIROZ, Z. F.; ARAUJO, José Edvar Costa de; HOLANDA. **Afeto, Razão e Fé: Caminhos e Mundos da História da Educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

CHAMBAT, Grégory. **Instruir para Revoltar: Fernand Pelloutier e a educação – Rumo a uma pedagogia de ação direta**. São Paulo. Imaginário-Faísca, 2006.

CODELLO, Francesco. **A Boa Educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill**. Volume I. São Paulo. Imaginário – Ícone. 2007.

CORRÊA, Felipe. **Ideologia e Estratégia: Anarquismo, Movimentos Sociais e Poder Popular**. São Paulo: Faísca, 2011.

COSTA, Emília Viotti. ANova Face do Movimento Operário na Primeira República. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2: 217-273. Set, 1982.

COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas M. ULTERHALTER, Elaine. **Educação Comparada: Panorama Internacional e Perspectivas [Volume 1]**. Brasília: UNESCO/CAPES, 2012.

DEMINICIS, Rafael Borges; REIS, Daniel Aarão. **História do Anarquismo no Brasil**. Rio de Janeiro. UFF, 2006.

DIAS, Samira. **Escolas, Cidades e Disputas**. 2013. 216 f. Dissertação (Mestrado em História)-. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2013.

DO Ó, J. R., CARVALHO, M.L. **Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960): estudos comparados Portugal-Brasil**. Educa/Unidade de I&D de ciências da educação: Lisboa, 2009.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Gente Pobre**. São Paulo. Editora 34.

DUBOIS, Patrick. **O Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction Primaire de F. Buisson (1878-1887 a 1911) Bíblia da escola republicana**. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (9): 59-76, abr. 2001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30470/pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

FREIRE, João. **Anarquistas e Operários - ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal (1900-1940)**. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992.

FREDERIK, Eby. **História da Educação Moderna**. Porto Alegre. Globo. 1976.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

FARJ. Anarquismo Social e Organização. **Programa da Federação Anarquista do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. FARJ-Faísca. 2008.

FAU. O que é Ideologia? **Faísca Publicações Libertárias [Biblioteca Virtual]**. São Paulo. 2009.

FAURE, Sébastien. **A Colmeia: uma experiência pedagógica**. Tradução de Antônio B. Canellas. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social**. São Paulo: DIFEL, 1977.

FREIRE, João. **Anarquistas e Operários - ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal (1900-1940)**. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GALLO, Sílvio. **Anarquistas, Anarquismos e Educação**. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

_____. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições**. V. 24. N. 2. Campinas. Maio/Agosto. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072013000200015> Acesso em: 15 set. 2017.

GHIRALDELLI JR. Paulo. **Educação e Movimento Operário**. São Paulo. Cortez/Editores Associados, 1987.

GIACOMELLI, Gabriele. **'Igreja Viva' Uma Análise da Dimensão Educativa da Ação Pastoral Popular da Arquidiocese da Paraíba (1966-1973)**. 2001. 348 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

GONÇALVES, Adelaide. **A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa**. São Paulo: Imaginário, 2001.

_____. GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa Libertária do Ceará (1908-1922)**. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. **Em busca de conhecimento e liberdade: notas para a história da leitura no anarquismo**.

GONÇALVES, Adelaide. BRUNO, Alysson. Imprensa dos Trabalhadores: Fonte, Documento e Memorial Social. In: VASCONCELOS, Gerardo; MAGALHÃES JUNIOR, A. G. (Org.). **Linguagens da História**. Fortaleza, Impreca, 2003.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Adelaide BRUNO, Allyson. PEREIRA, Victor. (Org.). **O DEMOLIDOR – Orgão da “Liga contra os Frades” constituída pela Mocidade independente**. Fac-símile. Fortaleza: Imprensa Universitária-Plebeu Gabinete de Leitura, 2013.

GRÁCIO, Rui. Ensino Primário e Analfabetismo. In: **Dicionário de História de Portugal** (dir. de Joel Serrão), Lisboa, vol. II, 1971, p. 51.

GUARDIA, Ferrer y. **A Escola Moderna**. Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

HOLANDA, Patrícia H. C. **Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso-brasileiros sobre João dos Santos**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

HOBBSAWM, Eric J. **Revolucionários: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HARDMAN, Francisco Foot. PRADO, Antonio Arnoni. **Contos Anarquistas: temas e textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

IBSEN, Henrik. **Um Inimigo do Povo**. L&PM. Porto Alegre. 2003.

INEP/Ministério da Educação. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Disponível em: <<http://inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

JOMINI, Regina Celia Mazoni. **Uma Educação para a Solidariedade**. Campinas. Pontes. 1990.

KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento: o Bloco Operário e Camponês do Brasil**. São Paulo: Alameda, 2006.

KOCHER, Bernardo. LOBO, EulaliaLahmeyer. **Ouve Meu Grito: antologia de poesia operária(1894-1923)**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

KROPOTKIN, Piotr. **O princípio anarquista e outros ensaios**, 2007.

_____. **A Conquista do Pão**. Achiamé. Rio de Janeiro. 2011.

KUNDERA, Milan. **O Livro do Riso e do Esquecimento**. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Leman, 2011.

LENOIR, Hugues. **Compêndio de Educação Libertária**. São Paulo. IEL/Imaginário/Intermezzo. 2014.

LIMA, Adolfo. **O Teatro na Escola**. Lisboa: Guimarães & C^a Editores. 1914.

_____. **Educação e Ensino**. Lisboa: Guimarães & C^a – Editores, 1914.

LIMA, C. **Movimento Operário em Portugal**. Porto: Afrontamento, 1972.

LIPIANSKY, Edmond Marc. **A Pedagogia Libertária**. Manaus: Imaginári/Edua, 2007.

LOUSADA, Isabel; LAGUARDIA, Angela. Maria Lacerda de Moura e Ana de Castro Osório: correspondência em trânsitos atlânticos e feministas. **Navegações**. v. 6, n. 1, p. 100, jan./jun. 2013.

MAGALHÃES, Justino. Historiografia da alfabetização em Portugal. *In*: CANDEIAS, António (coord.). **Modernidade, Educação e Estatísticas na Ibero-América dos séculos XIX e XX: estudos sobre Portugal, Brasil e Galiza**. Lisboa: Educa e Autores, 2005.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo/SP. Editora Ática, 2005.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1985.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo, Cortez. 1989.

MORIYÓN, Félix Garcia (Org.). **Educação Libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MORAES, Jose Damiro de. **A trajetória educacional anarquista na Primeira Republica**: das escolas aos centros de cultura social. 1999. 67f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253231>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

MOTA, Benjamim. **Rebeldias**. São Paulo: Tipografia Brasil de Carlos Gerke& Cia., 1898.

MOURA, Maria Lacerda. **Renovação, 1919**. Edição Fác-similar. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP, 2009.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. Educação e Desaprendizagem: a pedagogia anarquista de Lima Barreto. **Anais...** II Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas. Volta Redonda, 2016.

NETTLAU, Max. **História da Anarquia**: das origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Hedra, 2008.

NÓVOA, Antônio. Ensaio sobre a História Futura da Escola. In: CAVALCANTE, M. J. M.; QUEIROZ, Z. F.; ARAUJO, José Edvar Costa de; HOLANDA. **Afeto, Razão e Fé**: Caminhos e Mundos da História da Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

NÓVOA, Antônio. Ensaio sobre a História Futura da Escola. In: CAVALCANTE, M J. M.; HOLANDA, P. H. C.; LEITÃO, A. R. P. C. (Org.). **Afeto, Razão e Fé**: Caminhos e Mundos da História da Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

_____. **Modelos de Análise de educação comparada**: o campo e o mapa. In: SOUZA, Donald B.; MARTINEZ, Silvia A. (Org.). Educação Comparada: rotas de além-mar. São Paulo, Xamã, 2009.

Ó, Jorge Ramos do; CARVALHO, Luís Miguel. **Emergência e Circulação do Conhecimento Pedagógico Moderno (1880-1960)**. Lisboa. EDUCA/Unidade de I&D de Ciências da Educação. 2009.

OLIVEIRA, Francisco Robson Alves de. **Educação e revolução social nas páginas libertárias**: a circulação do conhecimento pedagógico anarquista europeu no Brasil nas primeiras décadas do século XX. 2014. 124f. – Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13030/1/2014_dis_fraoliveira.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PACHECO, José. PACHECO Maria de Fátima. **Diálogos com a Escola da Ponte**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PEDRO, Felipe Corrêa. **Rediscutindo o Anarquismo: uma abordagem teórica**. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de São Paulo (USP), em 2012.

_____. **Surgimento e Breve Perspectiva Histórica do Anarquismo (1868-2012)**. Faísca Publicações Libertárias, 2013. Disponível em: <<http://ithanarquista.files.wordpress.com/2013/01/felipe-corr3aaa-surgimento-e-breve-perspectiva-histc3b3rica-do-anarquismo.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio Histórico e Político**. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1979.

PEREIRA, Victor. **Pedro Augusto Motta: militância libertária e verbo de fogo**. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2017.

PERES, Eliane Teresinha. O diabo inventou a Escola? A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière. **GT 2 História da Educação**. Disponível em: <<http://25reuniao.anped.org.br/elianeteresinhaperest02.rtf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PILETTI, Claudino. PILETTI, Nelson. **Filosofia e História da Educação**. São Paulo. Ática. 1991.

PINHEIRO, P. Sérgio. HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil (1889-1930): condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado**. Volume 2. São Paulo: Brasiliense. 1981.

PINHO, Adelino de. **Pela Educação e Pelo Trabalho e outros escritos**. Biblioteca Terra Livre. São Paulo, 2012.

PINTASSILGO, Joaquim. **As Universidades Populares nas primeiras décadas do século XX em Portugal – o exemplo da Academia de Estudos Livres**. 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/8354>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot (Org.). **Contos Anarquistas: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PREISWERK, Matthias. **Educação popular e teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. A questão do método na educação popular e na teologia da libertação. Estudos teológicos- Programa de Pós-graduação em Teologia. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/857/786>. Acesso em: 03 jun. 2019.

PRÉPOSIET, Jean. **História do Anarquismo**. Lisboa. Edições 70, 2007.

QUEIROZ, Cristina S. **A Educação como Estética da Existência**: uma crítica anarquista ao construtivismo. 2002. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em: <<http://ccssp.com.br/arquivos/teses/Cristina%20S.%20Queiroz%20-%20A%20educacao%20como%20estetica%20da%20existencia.%20Uma%20critica%20anarquista%20ao%20construtivismo.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

QUINTANILHA, Aurélio. **Educação de hoje**: Educação de Amanhã. 1921. 44 f. Dissertação apresentada para o exame de Estado da Escola Normal Superior de Coimbra. Coimbra: Instituto Botânico de Coimbra, 1921.

RAMOS, Rui. Culturas da Alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo. **Análise Social**, vol. XXIV (103-104), 1988 (4.º, 5.º).

RAYNAUD, Jean-Marc. Paul Robin e o Orfanato Prévost. **Revista Educação Libertária**. São Paulo. Imaginário-IEL. 2014.

RECLUS, Élisée. **Anarquia pela Educação**. São Paulo. Hedra, 2011.

_____. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Expressão & Arte: Imaginário, 2010.

_____. **Escritos sobre Educação e Geografia**. Tradução de Rodrigo Rosa da Silva, Guilherme Amaral e Adriano Skoda. São Paulo: Terra Livre, 2011.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo, Editora Papyrus, 1994 (Tomo I), 1995 (Tomo II), 1997 (Tomo III).

ROBIN, Paul. **Manifiesto a los Partidarios de la Educacion Integral**. Barcelona: Pequeña Biblioteca CalamvsScriptorivs, 1980.

RODRIGUES, Edgar. **Novos Rumos (pesquisa social 1922-1946)**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1976.

_____. **O Anarquismo na Escola – no Teatro – na Poesia**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

_____. **Os Companheiros**. Florianópolis: Insular, 1997. 4. v.

_____. **Um século de História Político-Social em Documentos II**. São Paulo: Achiamé. 2007.

RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

RODRIGUES, Edgar. **Breve História do Pensamento e das lutas sociais em Portugal**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1977.

ROMANELLI, Otaíza de O. **História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro. Vozes. Sem data.

SAFÓN, Ramón. **O Racionalismo Combatente – Francisco Ferrer y Guardia**. São Paulo. Imaginário, 2003.

SAMIS, A. R. **Minha pátria é o mundo inteiro**: Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2009.

SANTANA, Emídio. **Memórias de um militante anarco-sindicalista**. Lisboa: Perspectivas e Realidades, 1987.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A Trajetória Anarquista do Educador João Penteado**. 2009. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- USP, 2009.

SEGURA, Mariadel Mar Araus. **La Escuela Moderna em Iberoamerica**: repercussión de la de Francisco Ferrer Guardia. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjX6orvzMTOAhWJf5AKHTTAb0QFgghMAA&url=https%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F1005447.pdf&usq=AFQjCNGWZrd6M7ayS1uRfQ3Eq84UV6pQvA&cad=rja>> Acesso em: 26 de maio 2019.

SERRÃO, Joel. **Do pensamento político-social de Antero de Quental**. Lisboa: Análise Social, vol. XVI (61-62), 1980.

SILLER, Pedro. **El Congreso Obrero de 1876**. In "Chihuahua Hoy 2014: Visiones de su historia, economía, política y cultura". Tomo XII, dezembro de 2014.

SILVA, R. R. 2013. 379 f. **Anarquismo, Ciência e Educação**: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação de São Paulo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-133921/publico/RODRIGO_ROSA_DA_SILVA.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

_____. **Imprimindo a Resistência**: A Imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930 -1945). Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 2005.

SILVA, Rafael Viana da. **Os Revolucionários Ineficazes de Hobsbawm**: reflexões críticas de sua abordagem do anarquismo. São Paulo: Faísca, 2014.

SILVA, Robledo M. da. **A Influência de Élisée Réclus na Educação Operária no Brasil**: das Ciências Naturais à Educação Integral. Dissertação de Mestrado. UNIRIO, 2010.

SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame**: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism. Oakland: Ak Press, 2009.

SIMAO, Azis. **Sindicato e Estado**. São Paulo: Ática, 1981.

SOUZA, MARCELO M. C. O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 169-186, julho/1999.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1976.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 2. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3. v.

TOBIAS, José Antônio. **História da Educação Brasileira**. Juriscredi LTDA. s/d.

TOLEDO, Edilene Teresinha. **O Amigo do povo: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século**. 1993. 142f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280242>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

_____. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TRAGTENBERG, Maurício. **Educação e Burocracia**. São Paulo. UNESP, 2012.

_____. **Sobre educação, política e Sindicalismo**. São Paulo. UNESP, 2012.

_____. **Teoria e ação libertárias**. São Paulo: EDUNESP, 2011.

VASCONCELOS, Faria de. **Uma Escola Nova na Bélgica**. Aveiro: UA Editora, 2015. Edição comemorativa do centenário da obra.

VALLADARES, Eduardo. A Educação Anarquista na República Velha. **Revista Verve** N° 7 (maio 2005). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. São Paulo.

VIANA, Allyson Bruno. **Historiografia e Atuação Libertária: a produção dos anos 1980**. 2002. 200f. Dissertação (Mestrado em História Social)- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2002. Disponível em: <file:///D:/Documents/CERTIFICADOS/2002_dis_abviana.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. **Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945 - 1968)**. 2014. 441f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza (CE), 2014. Disponível em: <file:///D:/Documents/CERTIFICADOS/2014_tese_abviana.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

VIANA, Rafael. **Elementos Inflamáveis: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964)**. 2014. 182 f. Dissertação (Mestrado em História)- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2014.

WOODCOCK, George. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre, LPM, 1998.

Periódicos

A Batalha - suplemento literário. Nº 73, 20/04/1925.

A Comuna – Orgão Comunista Libertário. Nº 41, 13/02/1921.

A Lanterna. Nº 23, 19/03/1910; Nº 108, 13/10/1911; Nº 146, 06/07/1912; Nº 174, 18/01/1913; Nº 179, 22/02/1913; Nº 214, 25/10/1913; Nº 230, 14/02/1914; Nº 243, 16/05/1914.

A Plebe. Nº 245, 12/02/1927.

A Sementeira. Nº 3, nov de 1908; Nº 15, nov de 1909; Nº 39, jun de 1919.

Aurora, Panphleto de Crítica Social. Nº 3, out de 1919.

A Vida. Nº 1, 30/11/1914.

A Voz do Trabalhador. Nº 4, 15/08/1908; Nº 5, 22/11/1908; Nº 6, 29/11/1908; Nº 16, 03/08/1909; Nº 19, 30/10/1909; Nº 23, 15/01/1913.

Ámanhã – Revista Popular de Orientação Racional. Nº 4, 15/07/1919.

Boletim do 3º Congresso Operário Brasileiro. Nº 1, ago. 1920.

Boletim da Escola Moderna. Nº 1, 13/10/1918.

Correio da Manhã. Nº 3011, 14/10/1909.

Ilustração Brasileira. Nº 12, 15/11/1909.

Jornal do Brasil. Nº 181, 30/06/1907.

Jornal do Ceará. Nº 1398, 20/09/1911; Nº 1413 25/10/1911.

Jornal do Recife (PE). Nº 287, 21/12/1909.

Nova Era, Nº 6, jan. 1907.

O Ceará. Nº 1669, 17/10/1928.

O Combate. Nº 13, 05/05/1907.

O Início, Nº 2, 04/09/1915.

O Pharol. Nº 319, 10/01/1907.

O Rebate: doutrinal, instrutivo e noticioso. Nº1, 01/05/1915.

Pacotilha (MA). Nº 272, 17/11/1909; Nº 282, 29/11/1909.

Ramo de Acacia. Nº 12,13,14out/dez 1909.

Voz do Graphico. Nº 1, 25/12/1920.

Links de internet

BRASIL. DECRETO Nº 1.641, de 7 de Janeiro de 1907.Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1641-7-janeiro-1907-582166-publicacaooriginal-104906-pl.html>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRASIL. DECRETO Nº 4.269, de 17 de Janeiro de 1921. Regula a Repressão ao Anarchismo. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4269-17-janeiro-1921-776402-publicacaooriginal-140313-pl.html>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

ANEXO

Um dos tópicos que consideramos mais relevante da pesquisa em História da Educação e da imprensa operária é o acervo iconográfico reunidos neste conjunto de fontes. Ao longo do trabalho optamos por registrar algumas imagens que referenciavam parte da pesquisa. Uma pesquisa de maior fôlego e com um objetivo mais centrado nas imagens poderia invocar esse conjunto de cenas da imprensa libertária. Abaixo, selecionamos alguns registros que evidenciam parte dos temas relacionados em nosso trabalho, tanto do exterior, como suas vinculações com o Brasil e Portugal.

1) Primeiras experiências que serão propagadas como Educação Libertária

Figura 15: Refeitório do Orfanato Prévost, em Cempuis (França)



Fonte: Acervo digitalizado do autor.

Figura 16: Sebastien Faure ao lado da família *A Colmeia*

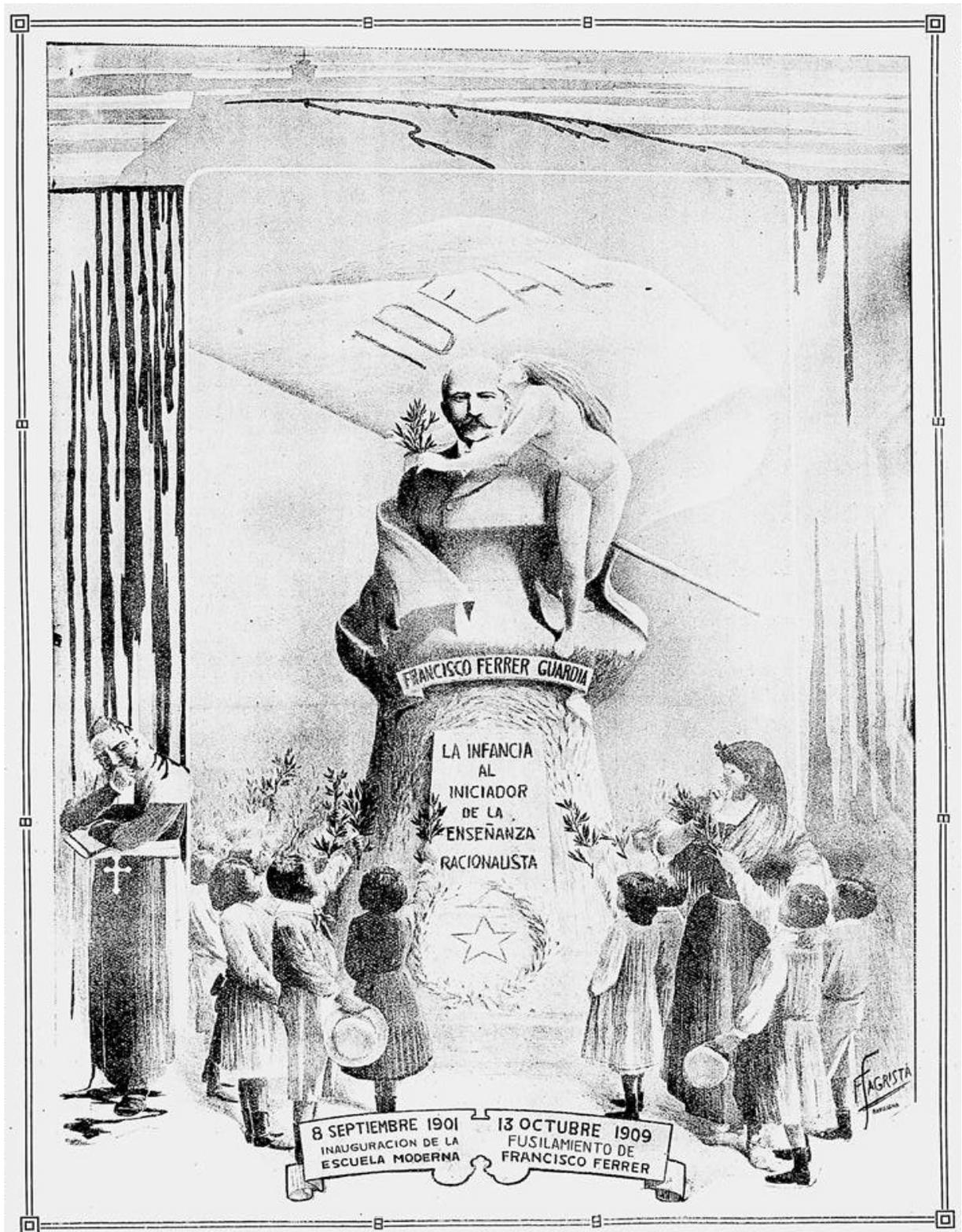
Fonte: Acervo digitalizado do autor

Figura 17: Estudantes da Escola Moderna de Barcelona, de Francisco Ferrer y Guardia



Fonte: Acervo digitalizado do autor

Figura 18: Homenagem a Ferrer y Guardia pelos dois anos da sua morte



Fonte: periódico *A Lanterna*, 13.10.1911.

2) Educação Libertária no Brasil

Figura 6: Escola Moderna de Porto Alegre (1917)



Fonte: Acervo digitalizado do autor.

Figura 20: O professor João Penteadó e parte de seus alunos da Escola Moderna Nº 1 (1913)



Fonte: Acervo digitalizado do autor.

Figura 21: Adelino de Pinho e uma turma da Escola Moderna Nº 2, em São Paulo



Fonte: Acervo digitalizado do autor.